



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

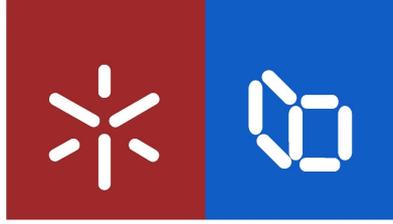
Claudia Raquel Wagner

**MUDANÇA SINTÁTICA EM UMA ILHA
LINGUÍSTICA ALEMÃ SUL-BRASILEIRA**

Claudia Raquel Wagner: **MUDANÇA SINTÁTICA EM UMA ILHA LINGUÍSTICA ALEMÃ SUL-BRASILEIRA**

UMinho|2020

janeiro de 2020



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Claudia Raquel Wagner

MUDANÇA SINTÁTICA EM UMA ILHA LINGUÍSTICA ALEMÃ SUL-BRASILEIRA

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos Luso-Alemães

Mestrado de Grau Duplo, coordenado pela **Universidade do Minho** e pela **Johann Wolfgang Goethe-Universität**

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Cristina Maria Moreira Flores
e da
Professora Doutora Esther Rinke

janeiro de 2020

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus por todas as bênçãos recebidas e por me amparar nos momentos mais difíceis;

À professora Dra. Cristina Flores (Uminho), não só pela paciente e eficaz orientação, mas pelo exemplo de competência, de trabalho, de profissionalismo, de simpatia. Obrigada por ser esta gigante em quem eu pude me amparar em cada etapa deste trabalho. A sua empolgação com este trabalho e, em especial, com o dialeto *hunsrückisch*, impulsionou-me a dar o melhor de mim;

À professora Dra. Esther Rinke (Goethe Universität) por abrir as portas da minha percepção para a sintaxe generativista e por me fazer enxergar a língua portuguesa com outros olhos. Muito obrigada por seu exemplo de generosidade, paciência, profissionalismo, simpatia e humildade;

Ao professor Dr. Martin Elsig (Goethe Universität) por autorizar que eu frequentasse suas aulas e por tão paciente e didaticamente introduzir a gramática generativista na minha vida;

Ao professor Dr. Helmut Weiss (Goethe Universität) por autorizar que eu frequentasse suas aulas e por me apresentar os principais fenômenos dos dialetos alemães. Sem a partilha do seu conhecimento este trabalho não teria esta abrangência;

Aos professores do mestrado Dr. Mário Matos (Uminho), Dra. Natália Nunes (Uminho), Dra. Idalete Dias (Uminho), Dra. Júlia Fuchs (Goethe Universität), Dr. Werner Heidermann (UFSC) e Dr. Orlando Grossegeesse (Uminho) por partilharem seu conhecimento e por contribuírem para o meu crescimento;

À Universidade do Minho e à Goethe Universität por esta parceria que acabou unindo a todos nós e que não só nos proporcionou o Mestrado em Estudos Luso-Alemães (MELAL), como também a oportunidade de mudar a minha vida;

Aos colegas do mestrado. Muito obrigada pelo companheirismo e amizade e pelos bons momentos que passamos juntos.

À minha família por me ensinar os valores que hoje norteiam a minha vida e por me mostrar que a família é a base de tudo;

Enfim, a todo(a)s o(a)s amigo(a)s que se importaram com o andamento deste trabalho e que torceram para vê-lo pronto. Infelizmente não há como eu citá-lo(a)s nominalmente, visto que não teria espaço suficiente e eu correria o risco de esquecer alguém. Eu não tenho palavras para expressar a minha gratidão pelo apoio que vocês me deram ao longo desta jornada. Cada palavra de estímulo era o impulso que eu precisava para seguir em frente.

Am End will ich noch mich bei de Lait bedangã, wo so schen mitgemach hón. Ohnã aia Hilãf heet ich te Trabalho neet gemach kried. Das wó en grosã Frait fa mich, tass ich mit aich sprechã konnd un tie Entrevistas machã. Dank'schen fa die Zeit, wo tia hat un fa tie gutã Gespréchã. Ich hón viel tabei gelent. Und ich will mich óch bedangã, tass ihr so schen die Sproch noch weida firã tut un tie noch in Ehrã hallã tut. Un fa all, wo mich viel Glick mit te Trabalho gewinscht hón, tie sollã wissã, tass ich tas net fakess hón. Tas is in mein Hétz gebliep. Fa aich all hón ich te Trabalho gemach. Fa aich all soll te Trabalho sin.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

MUDANÇA SINTÁTICA EM UMA ILHA LINGUÍSTICA ALEMÃ SUL-BRASILEIRA

A região Sul do Brasil é caracterizada por conter inúmeras ilhas linguísticas, as quais até os dias de hoje conservam o idioma trazido pelos imigrantes europeus que lá se instalaram a partir do século XIX. Uma das comunidades mais significativas é a alemã, que, além do idioma, preserva também tradições e costumes germânicos passados de geração a geração. Apesar de o dialeto *hunsrückisch* ser uma variedade falada em uma ilha linguística, isso não o deixa imune ao contato com a língua portuguesa. A esse respeito, nas últimas décadas, vem-se observando que entre as gerações mais novas deste dialeto, especialmente, a língua portuguesa passou a se tornar a língua majoritária. Por conseguinte, o contato linguístico, isto é o contato entre duas línguas em uma determinada comunidade bilíngue, é frequentemente apontado como um fator responsável pela mudança linguística. As mudanças linguísticas podem ocorrer, portanto, pela influência de uma língua sobre a outra (Kroch, 2001; Lightfoot, 1999; Thomason & Kaufman, 1988, dentre outros). Nesse sentido, pesquisas com dialetos alemães falados em outras ilhas linguísticas reportam que o contato linguístico com línguas VO está afetando estas variedades alemãs, principalmente acerca da frequência de certos fenômenos sintáticos (Abraham, 2009; Boas, 2009; Fitch, 2011; Grewendorf & Poletto, 2005; Loudon, 1990; 2011, dentre outros). Com base nesta observação, a questão central desta pesquisa consiste em analisar a produção sintática de duas gerações de falantes bilíngues do dialeto *hunsrückisch*, considerando o grau da interferência da língua portuguesa no dialeto alemão. Em suas produções foram analisados dois aspectos muito característicos da sintaxe alemã relacionados à posição que o verbo finito ocupa nas orações, a saber, a posição V-2 (em orações declarativas) e a posição V-final (em orações encaixadas); além disso, foi observada a posição do objeto em relação ao verbo lexical, visto que na língua alemã o objeto se posiciona na frente do verbo na sua estrutura base (OV). Além de serem características sintáticas bem específicas da sintaxe da língua alemã, incluindo o dialeto *hunsrückisch*, trata-se de parâmetros que diferem do idioma português, uma vez que a posição do verbo neste idioma não é tão rígida, e o objeto é geralmente posicionado após o verbo (VO). Para a coleta de dados, realizaram-se entrevistas individuais com dois grupos de participantes bilíngues residentes em uma ilha linguística localizada na cidade de Santo Cristo (Rio Grande do Sul). O primeiro grupo é formado por falantes da geração mais velha, cujos participantes estão na faixa etária dos 60 a 72 anos. O segundo grupo é formado por uma geração mais nova, cujos participantes estão na faixa etária dos 28 a 38 anos. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas gravadas, as quais foram transcritas e analisadas com recurso à ferramenta Rbrul. Como principais resultados, constata-se que os parâmetros sintáticos da língua alemã ainda se mantêm muito estáveis nas duas gerações. Nesse sentido, verifica-se que a influência da língua portuguesa não se faz muito presente nas estruturas analisadas. Esta constatação reflete o alto nível de competência linguística dos falantes entrevistados, que é consequência da idade em que adquiriram o dialeto (desde a nascença), da qualidade do *input* que receberam e também da constante ativação do dialeto durante sua vida adulta, usado diariamente.

PALAVRAS-CHAVE: *Hunsrückisch*, interferência interlinguística, sintaxe alemã, variação intergeracional.

ABSTRACT

SYNTACTIC CHANGE IN A SOUTH-BRAZILIAN GERMAN LINGUISTIC ISLAND

The southern region of Brazil is characterized by having numerous language islands, which to this day retain the language brought by European immigrants who settled there in the 19th century. One of the most significant communities is the German community, which, in addition to its language, also preserves German traditions and customs passed with each generation. The *Hunsrückisch* dialect, although being a variety spoken on a linguistic island, is not immune to contact with the Portuguese language. In this regard, it is possible to observe that, in the last decades, especially among the younger generation speakers of this dialect, Portuguese has become the dominant language. Therefore, linguistic contact, i.e. contact between two languages in a particular bilingual community, is often claimed to be an important factor responsible for linguistic change. Linguistic changes can occur through the influence of one language on another (Kroch, 2001; Lightfoot, 1999; Thomason & Kaufman, 1988, among others). In this regard, research on German dialects spoken in other language islands report that linguistic contact with VO languages is affecting these German varieties, especially concerning the frequency of certain syntactic phenomena (Abraham, 2009; Boas, 2009; Fitch, 2011; Grewendorf & Poletto, 2005; Loudon, 1990; 2011, among others). Based on this observation, the central question of the present study is to analyze the syntactic production of two generations of bilingual speakers of the *Hunsrückisch* dialect, considering the degree of influence of Portuguese on the German dialect. In their productions, two very characteristic aspects of the German syntax were analyzed regarding the position the finite verb occupies in the sentences, the v2 position (in main clauses) and the V-final position (in embedded clauses). Moreover, the position of the object in relation to the lexical verb was observed, since the German language has the object positioned in front of the verb in its base structure (OV). In addition to being very specific syntactic characteristics of German language syntax, including the *Hunsrückisch* dialect, these parameters differ from the Portuguese language, since the verb position in Portuguese is not so rigid, and the object is usually placed after the verb (VO). For data collection, individual interviews were conducted with two groups of bilingual participants living in a linguistic island located in the city of Santo Cristo (Rio Grande do Sul). The first group is made up of speakers of the older generation, whose participants were between 60 and 72 years old. The second group is composed of a younger generation, in the age group from 28 to 38 years. Data collection occurred through recorded interviews, which were transcribed and analyzed utilizing the Rbrul tool. As the main results, it was observed that the syntactic parameters of the German language are still very stable in the two generations. It appears that the influence of Portuguese is not very present in the analyzed structures. This finding reflects the high level of linguistic competence of the interviewed speakers, which is a consequence of the age at which they acquired the dialect (from birth), the quality of the input they received and the constant activation of the dialect during their adult life, which they use on a daily basis.

KEY WORDS: Cross-linguistic influence, German syntax, *Hunsrückisch*, variation between generations.

ZUSAMMENFASSUNG

SYNTATISCHER WANDEL IN EINER SÜDBRASILISCHEN DEUTSCHEN SPRACHINSEL

Die südliche Region Brasiliens zeichnet sich durch mehrere Sprachinseln aus, wie zum Beispiel die Sprache der seit dem 19. Jahrhundert dort lebenden ausländischen Einwanderer. Eine der bedeutendsten Gemeinschaften ist die Deutsche, die neben ihrer Sprache, Hunsrückisch, auch die von Generation zu Generation überlieferten germanischen Traditionen bewahrt. Obwohl Hunsrückisch ein auf einer Sprachinsel gesprochener Dialekt ist, ist er nicht befreit von den Einflüssen der portugiesischen Sprache. In diesem Zusammenhang wurde in den letzten Jahrzehnten festgestellt, dass gerade bei den jüngeren Generationen dieses Dialekts die portugiesische Sprache zur dominanten Sprache geworden ist. Daher wird der sprachliche Kontakt, der Kontakt zwischen zwei Sprachen in einer bestimmten zweisprachigen Gemeinschaft, häufig als ein Faktor genannt, der für den sprachlichen Wandel verantwortlich ist. Sprachänderungen können daher aufgrund des Einflusses einer Sprache auf eine andere auftreten (Kroch, 2001; Lightfoot, 1999; Thomason & Kaufman, 1988, unter anderem). In diesem Sinne geht aus Untersuchungen mit deutschen Dialekten, die in anderen Sprachinseln gesprochen werden, hervor, dass der sprachliche Kontakt mit VO-Sprachen diese deutschen Varietäten betrifft, insbesondere in Bezug auf die Häufigkeit bestimmter syntaktischer Phänomene (Abraham, 2009; Boas, 2009; Fitch, 2011; Grewendorf & Poletto, 2005; Louden, 1990; 2011, unter anderem). Ausgehend von dieser Beobachtung besteht die zentrale Frage dieser Forschung darin, die syntaktische Kompetenz von zwei Generationen zweisprachiger Sprecher des hunsrückischen Dialekts unter Berücksichtigung des Interferenzgrades des Portugiesischen zu analysieren. Daher wurden zwei Aspekte der deutschen Syntax in Bezug auf die Position des finiten Verb analysiert, nämlich die V-2 Position in Hauptsätzen und die V-final Position in eingebetteten Sätzen. Zusätzlich wurde die Position des Objekts in Bezug auf das lexikalische Verb analysiert, da das Objekt in der deutschen Sprache vor dem Verb positioniert wird (OV). Dies sind nicht nur sehr spezifische syntaktische Merkmale der deutschen Sprachsyntax, einschließlich des Hunsrückischen, sondern auch Parameter, die sich von der portugiesischen Sprache unterscheiden, da die Verbposition in dieser Sprache flexibler ist und das Objekt normalerweise nach dem Verb positioniert wird. Zur Datenerfassung wurden Einzelinterviews mit zwei Gruppen zweisprachiger Teilnehmer durchgeführt, die in einer Sprachinsel in Santo Cristo in Südbrasilien leben. Die erste Gruppe setzt sich aus Sprechern der älteren Generation zusammen, deren Teilnehmer zwischen 60 und 72 Jahre alt sind. Die zweite Gruppe wird von einer jüngeren Generation gebildet, deren Teilnehmer in der Altersgruppe von 28 bis 38 Jahren sind. Die Datenerfassung erfolgte durch aufgezeichnete Interviews, die nach der Transkribierung mit Rbrul-Tool analysiert wurden. Als Hauptergebnis ist zu erkennen, dass die syntaktischen Parameter des deutschen Dialekts in beiden Generationen noch sehr stabil sind. In diesem Sinne scheint der Einfluss der portugiesischen Sprache in den analysierten Strukturen nicht sehr präsent zu sein. Dieser Befund spiegelt die hohe Sprachkompetenz der Teilnehmer wider, die sich aus dem Alter, in dem sie den Dialekt (von Geburt an) erworben haben, der Qualität des erhaltenen Inputs und der ständigen Aktivierung des Dialekts während ihres täglichen Erwachsenenlebens ergibt.

SCHLÜSSELWÖRTER: Hunsrückisch, interlinguistische Interferenz, Syntax des Deutschen; Variation zwischen Generationen.

SUMÁRIO

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
RESUMO	v
ABSTRACT.....	vi
ZUSAMMENFASSUNG.....	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	4
1.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ	4
1.2 COLONIZAÇÃO DE SANTO CRISTO	10
1.3 LÍNGUAS DE HERANÇA (<i>HERITAGE LANGUAGES</i>).....	15
1.4 BILINGUISMO E COMUNIDADES BILÍNGUES	20
1.5 ILHAS LINGUÍSTICAS ALEMÃS.....	25
1.6 O DIALETO <i>HUNSRÜCKISCH</i>	26
1.6.1 O dialeto <i>hunsrückisch</i> no Brasil.....	27
1.7 SÍNTESE.....	32
CAPÍTULO 2	33
2.1 A TEORIA DOS CAMPOS TOPOLÓGICOS.....	33
2.2 ADAPTAÇÃO DO MODELO TOPOLÓGICO AO MODELO X-BARRA	38
2.3 A POSIÇÃO V-2.....	40
2.4 A POSIÇÃO V-1.....	44
2.5 A POSIÇÃO DO OBJETO EM RELAÇÃO AO VERBO: OS PARÂMETROS OV E VO.....	47
2.6 PARTÍCULAS SEPARÁVEIS E A POSIÇÃO DO OBJETO	52
2.7 ESTRUTURAS DA SINTAXE DOS DIALETOS ALEMÃES	54
2.7.1 Construções perifrásticas.....	54
2.7.2 <i>Wei!</i> Construções em frases encaixadas	59
2.7.3 <i>Verb raising</i>	62
2.7.4 <i>Verb Projection Raising</i> (VPR).....	63
2.7.5 Deslocamento de constituintes ao pós-campo (<i>Extraposition</i>)	64
2.8 SÍNTESE.....	66
CAPÍTULO 3	67
3.1 MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	67
3.2 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A MUDANÇA SINTÁTICA.....	67
3.2.1 Mudanças ocasionadas por fatores inerentes ao sistema linguístico	68

3.2.2 Mudanças ocasionadas por fatores exteriores ao sistema linguístico.....	69
3.3 FATORES RELACIONADOS À MUDANÇA SINTÁTICA.....	79
3.3.1 Fatores intrínsecos ao falante	79
3.3.2 Fatores externos ao falante	85
3.4 SÍNTESE.....	94
CAPÍTULO 4	95
4.1 HIPÓTESES	95
4.2 METODOLOGIA.....	99
4.2.1 Participantes	99
4.2.2 Coleta de dados	105
4.2.3 Análise de dados	107
CAPÍTULO 5	109
5.1 RESULTADOS	109
5.1.1 Propriedades dos verbos	109
5.1.2 Sintaxe verbal.....	116
5.1.3 Posição do objeto	128
CAPÍTULO 6	133
6.1 DISCUSSÃO	133
CONCLUSÃO	147
REFERÊNCIAS	150
ANEXO I	159
ANEXO II	160

INTRODUÇÃO

Primeiramente, é necessário destacar que a autora deste estudo é brasileira e por isso este trabalho foi escrito em português brasileiro. Além disso, o interesse pelo tema desta pesquisa deve-se ao fato de a autora ter nascido e vivido na ilha linguística alemã que foi alvo deste estudo, o que justifica seu interesse em conhecer de modo mais profundo os fenômenos linguísticos observados neste trabalho.

Portanto, cabe referir que as ilhas linguísticas alemãs (*deutsche Sprachinseln*) são formadas por comunidades de imigrantes que, ao chegarem ao país hospedeiro, perderam o contato linguístico com o seu país de origem, passando a falar uma variedade que, além de sofrer um processo de erosão natural, ainda sofre influências da língua do país hospedeiro (Fleischer; Schallert, 2011; Hopp & Putnam, 2015, dentre outros). O que chama atenção nestas ilhas é que a variedade alemã falada é adquirida em casa, com a família – trata-se, portanto, de uma língua de herança –, ou seja, com raras exceções, os falantes destas variedades não recebem educação formal nesta língua. No Brasil, as ilhas linguísticas alemãs começaram a se formar com a chegada dos primeiros imigrantes à região Sul, a partir do ano de 1824.

As ilhas linguísticas vêm chamando atenção dos pesquisadores, uma vez que, por sua configuração única, oferecem um amplo arsenal para a compreensão do funcionamento da aquisição linguística sob condições de contato linguístico prolongado e também permite observar como as mudanças linguísticas em decorrência desse contato podem ocorrer (Andersen, 2016; Boas, 2009a; 2016; Cognola, 2013; Hopp & Putman, 2015; Loudon, 1988; 2011, dentre outros). Nesse sentido, análises mais formalistas podem contribuir para explicar a ocorrência de certos fenômenos sintáticos associados a contextos de línguas em contato; além de serem um importante ponto de partida para a compreensão das características estruturais das variedades dialetais brasileiras – visto que se trata de uma área que ainda carece de mais pesquisas.

Embora as interferências da língua majoritária do Brasil, o português, sejam mais evidentes nos níveis lexicais e morfológicos (Altenhofen, 1996; Damke, 1997; Pupp-Spinassé, 2017; Sambaquy-Wallner, 1997; Schaumloeffel, 2003, dentre outros), estudos mais formais sobre o bilinguismo têm evidenciado que o nível gramatical também pode ser afetado pela interferência gerada pelo contato linguístico (Kroch, 2001; Lightfoot, 1999; Meisel, Elsig & Rinke, 2013; Roberts & Roussou, 2003, dentre outros). Considerando este aspecto, Fleischer e Schallert (2011) argumentam que fenômenos de interferência morfossintática ocorrem em vários grupos de ilhas

linguísticas alemãs em outros países (a exemplo do norte da Itália e nos Estados Unidos), em que se observa a influência da língua do país de acolhimento no dialeto alemão.

Levando em consideração, assim, a premissa de que o contato linguístico pode ser um fator que desencadeia mudanças sintáticas nas variedades alemãs faladas nestas ilhas linguísticas, é necessário investigar qual é o nível de interferência do idioma português sobre o dialeto *hunsrückisch*. Além disso, o português e o dialeto alemão são línguas com parâmetros sintáticos bem distintos. Enquanto que o português é uma língua SVO, o alemão apresenta os parâmetros V-2 nas orações matrizes, V-final nas orações encaixadas e o objeto é posicionado na frente do verbo nas construções verbais complexas OV. Com base nisso, é possível que o maior contato com a língua portuguesa pode fazer com que os parâmetros do dialeto alemão sofram algum tipo de influência. Portanto, o objetivo desta pesquisa é analisar a produção dos parâmetros sintáticos V-2, V-final e OV, assim como propriedades associadas a estes parâmetros, da língua alemã em falantes bilíngues de português e do dialeto *hunsrückisch*, considerando o grau de interferência da língua portuguesa sobre o dialeto.

Para investigar estes aspectos, foram realizadas entrevistas com 20 falantes bilíngues de português e de alemão do município de Santo Cristo – município localizado no Sul do Brasil, onde o dialeto *hunsrückisch* é falado em todas as localidades. Os participantes foram divididos em dois grupos, conforme a sua idade, de modo a se formar um grupo com participantes de uma geração mais velha e outro com participantes de uma geração mais nova. Os resultados indicam que, em geral, há pouca interferência da língua portuguesa nos parâmetros sintáticos V-2, V-final e OV. No entanto, observou-se que alguns fenômenos que já foram evidenciados em outras ilhas linguísticas estão se mostrando mais vulneráveis ao contato com a língua portuguesa, a exemplo da hipergeneralização da omissão do sujeito e das construções perifrásticas incompletas.

Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentam-se as características do dialeto *hunsrückisch*, suas origens, a razão de ser uma língua falada no Brasil, as suas características. Além disso, aspectos relacionados à configuração da ilha linguística santocristense também são destacados. No segundo capítulo são discutidos os principais aspectos relacionados à mudança linguística. Verifica-se, igualmente, como os fatores inerentes à língua e ao falante se implicam mutuamente para que a mudança linguística aconteça. No terceiro capítulo são apresentados os parâmetros sintáticos ligados ao verbo na língua alemã. São apresentados igualmente algumas peculiaridades a respeito da sintaxe do dialeto. No quarto capítulo as hipóteses e a metodologia utilizada neste trabalho são descritas. No quinto capítulo realiza-se a

apresentação dos resultados acerca das produções sintáticas dos dois grupos investigados. No sexto, discutem-se os resultados, comparando-os com as principais questões teóricas apresentadas e com as hipóteses indicadas no Capítulo 4. Por fim, resumem-se os principais resultados desta pesquisa e apresenta-se uma conclusão geral sobre este trabalho.

CAPÍTULO 1

1.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Em várias partes do mundo encontramos ainda hoje ilhas linguísticas formadas por descendentes de imigrantes alemães. Essas ilhas foram formadas a partir do êxodo dos alemães, ocorrido especialmente no século XIX. Nesta época, a Alemanha foi assolada por uma crise econômica e política que deixou muitos alemães na miséria. A região do *Hunsrück* foi uma das mais afetadas por esta crise, uma vez que sua localização próxima à França e sua economia essencialmente agrícola foram fatores determinantes para isso. No período pré-industrial, a economia alemã girava em torno da agricultura familiar. No entanto, a guerra napoleônica e várias frustrações de safra assolaram em especial a região do *Hunsrück* – região localizada entre os rios Reno, Mosela e Sarre (ver imagem 1) (Roche, 1962; Schauren, 2017).

Além das frustrações de safra que ocorreram nos anos de 1817 (conhecido como o “*Hungerjahr*”), 1846 e 1853, nos anos de 1816 a 1834, houve uma explosão demográfica na região. Esses elementos contribuíram para o agravamento da crise. Como alternativa, muitos alemães viram-se forçados a sair de seu país. O país preferido na época eram os Estados Unidos, mas, a partir de 1824, por meio de uma extensiva campanha realizada na Alemanha – por intermédio da imperatriz austríaca D. Leopoldina, casada com D. Pedro II, imperador do Brasil –, muitos imigrantes acabaram por escolher o Brasil como destino migratório (Altenhofen, 1996; Roche, 1962; Schauren, 2017; Schmahl, 2019).



Imagem 1. Localização da região alemã *Hunsrück* (Fonte: Wikipedia)

Assim, a América, e em especial o Brasil, surgiram como uma espécie de *El Dorado*, no qual o sonho de ser dono de um pedaço de terra se tornaria possível.

A colonização alemã no Brasil foi diferente das outras, uma vez que foi uma colonização dirigida. Isso ocorreu porque a migração espontânea dos alemães para o Brasil era uma ideia inconcebível, mesmo no período de crise no qual a Alemanha se encontrava. Entre as dificuldades encontradas para a vinda ao Brasil estavam: as diferenças nas condições e meios de vida e na distância que separava os dois países – este último aspecto era o que mais pesava desfavoravelmente, já que a travessia para o Brasil era mais lenta, mais perigosa e mais cara que para os Estados Unidos (Roche, 1962).

No entanto, devido ao interesse que o governo imperial brasileiro tinha em colonizar a região Sul do país e em intensificar a produção agrícola naquela área, realizou-se um planejamento para motivar e receber estes imigrantes. Este processo migratório foi um evento inovador, uma vez que nunca houve um movimento migratório planejado e organizado no país, como o que ocorreu com os imigrantes alemães. Assim, os imigrantes chegavam ao Sul do país, especialmente ao Estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo específico de se estabelecerem em colônias destinadas ao cultivo agrícola.

De acordo com Roche (1962), esta colonização ocorreu em duas fases: a primeira sucedeu sob o regime imperial e a segunda compreendeu a fase do governo republicano. Dentro destas duas fases, Roche (1962) identificou 5 períodos de colonização:

- 1º período: ocorreu entre os anos de 1824 a 1847. Esse período constitui em um ensaio no qual se realizaram as primeiras experiências de colonização. Nesse estágio, a colônia de São Leopoldo foi fundada e consolidada, especialmente pelas bem-sucedidas relações comerciais com a capital, Porto Alegre.
- 2º período (1848-1874): foi a época da colonização provincial. Nesta fase, a organização administrativa referente à recepção, à instalação e à tutela dos colonos ficou a cargo da província. Nesta etapa, foram criadas as Colônias Velhas (*Alte Kolonien*): Santa Cruz, Nova Petrópolis e as colônias do Vale do Taquari, com destaque para Estrela, Lajeado, e do Vale do Caí, com destaque para Montenegro. É importante enfatizar que os imigrantes que colonizaram a região Noroeste do Rio Grande do Sul saíram, em sua maioria, das colônias mencionadas.
- 3º período (1874-1889): este foi marcado pelo colapso da colonização. Foi neste momento que o governo central suspendeu o apoio à vinda dos imigrantes e à sucessão de seus benefícios. Dessa forma, coube ao governo local arcar com as despesas, fato que o deixou embaraçosamente empobrecido. Assim, não restou alternativa ao governo do Rio Grande do Sul a não ser emancipar as colônias, de modo que o governo não precisasse mais de administrá-las. A partir dessa fase, a imigração passa a ser espontânea e a maior parte dos imigrantes passa a se estabelecer em São Paulo.
- 4º período (1890-1914): neste período intensifica-se a criação de colônias particulares (*neue Kolonie*), especialmente no Alto Jacuí e no Alto Uruguai.
- 5º período (a partir de 1914): nesta fase ocorreu o fim da migração dirigida. Foi neste momento que a imigração e a colonização passaram a ser consideradas eventos distintos, culminando com a extinção da colonização alemã. A entrada dos alemães no território brasileiro passa a ser regulamentada com mais rigor, especialmente após a Primeira Guerra Mundial.

Em relação aos números de imigrantes germânicos que vieram ao Rio Grande do Sul, é difícil de precisar, pois as fontes variam. Roche (1962:121) afirma que “entre 1824 e 1914,

entraram no Rio Grande do Sul cerca de 48.000 alemães, 64,3% dos quais entre 1824 e 1889, 35,7% entre 1889 e 1914". Altenhofen (1996), por sua vez, estima que entre 1824 e 1939 tenham entrado no Estado em torno de 75.000 imigrantes.

É importante frisar que, como a administração da colonização passou a ser de responsabilidade do governo do Estado, este cria em 1895 uma *Diretoria de Terras e Colonização* para melhor organizar e distribuir os colonos ao longo do território gaúcho. A fundação desta Diretoria não serve apenas para a distribuição dos colonos, mas também para regulamentar a aquisição e posse das terras, uma vez que muitos colonos foram vítimas de golpes e de fraudes em relação à compra de novos lotes. Por esse motivo, especialmente após 1900, criam-se as novas colônias (*neue Kolonien*) (Roche, 1962).

Essas Colônias Novas apresentam um diferencial em comparação com as colônias oficiais. Elas foram fundadas por particulares ou por sociedades, dessa maneira, essas colônias acabaram por serem erigidas em locais onde ainda havia terras devolutas. No entanto, o problema era a localização destas terras, as quais ficavam a grandes distâncias das *alte Kolonien* e dos polos comerciais da época. No momento da demarcação das terras e da fundação destas comunidades, a preocupação era com o acesso à água e não com a comunicação com os grandes centros. Isso gerou um grande transtorno para os primeiros colonos que chegaram a estas colônias, pois não havia estradas. Aliás, não havia praticamente nada. Os colonos chegavam de carroça com seus pertences – eram os únicos objetos de que dispunham; o resto precisava ser retirado da mata virgem. E foi assim, derrubando árvores com instrumentos primitivos, como machados e serrotes, que construíram suas casas e as estradas para poderem transportar as mercadorias de que necessitavam. A comunicação com outras comunidades teve de ser estabelecida, destarte, por iniciativa própria e de modo precário, sem auxílio do governo ou de máquinas sofisticadas. Esses fatores associados à longa distância com os centros mais desenvolvidos (a exemplo da capital, localizada a mais de 500 quilômetros) contribuíram para o isolamento desses grupos étnicos (Roche, 1962; Philippsen & Wallau, 2000).

Contudo, de acordo com o relato do Sr. Hugo Gallas¹, em consequência da precariedade de acesso aos centros, os quais detinham mais recursos e mais facilidades, essas colônias foram criadas com a finalidade de se autossustentarem. Dessa maneira, houve a preocupação de munir cada comunidade com profissionais que pudessem desempenhar os serviços e disponibilizar os

¹ Morador de Santo Cristo, foi vereador e é um conhecedor da história do município. Durante a coleta de dados, a autora desta pesquisa conversou com outros moradores para conhecer melhor a história da imigração alemã na cidade.

meios dos quais esses colonos mais necessitavam. Assim, para estas comunidades, eram trazidos: um padre, um ferreiro, um médico, um marceneiro, dentre outros profissionais. Estes estabeleciam-se no local indicado, erigiam as primeiras construções e, em seguida, traziam-se os colonos para estas áreas.

Outro fato importante configurou-se na homogeneidade desses grupos; para atraírem os colonos para estas áreas remotas e sem recursos, os interessados nos lotes deveriam pertencer à mesma etnia e à mesma crença religiosa. Assim, os imigrantes italianos se concentraram no Norte e no Nordeste do Planalto gaúcho, e os alemães no Norte-Noroeste. Os alemães católicos, por sua vez, agruparam-se em colônias, como Boa Vista e Cerro Azul, e os protestantes se dirigiram para Neu Württemberg. Esse isolamento e a união religiosa dessas comunidades proporcionaram a preservação das tradições germânicas, inclusive da língua (Roche, 1962).

O isolamento desses agrupamentos não diminuiu, porém, a preocupação da administração local com o fato de que as colônias de origem germânica pudessem estar sob influência das ideias políticas alemãs daquela época. Havia entre os governantes da época uma espécie de receio de que em solo brasileiro se estabelecesse uma pequena Alemanha e que, desse modo, se instaurasse um *Deutschtum*. De fato, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, houve por parte de alguns colonos o apoio ao regime nazista². No entanto, o governo brasileiro sempre controlou as atividades dos imigrantes, proibindo, inclusive, o uso do dialeto neste período (Roche, 1962).

A falta de recursos e de comunicação com os centros mais desenvolvidos da época não foram, porém, fatores que justificassem o analfabetismo entre estes colonos. Pelo contrário, a sua preocupação com a educação dos filhos é uma característica, cujas conseqüências até hoje podem ser percebidas, uma vez que o Rio Grande do Sul apresenta uma das mais elevadas taxas de alfabetismo do Brasil (95,5%, conforme o Atlas Socioeconômico do RS).

A construção das escolas por estas comunidades foi um traço característico da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Isso se confirma, quando se comparam os dados com outras zonas de imigração germânica. Embora o maior contingente de imigrantes alemães vindo à América do Sul tenha se dirigido à Argentina, o número de escolas que estes imigrantes construíram no Brasil até a década de 1930 foi surpreendente: 1.579 (à título de comparação, na Argentina foram apenas 230). É possível que dois fatores tenham contribuído para a criação de

² Um dos fatos que corrobora este apoio foi a passagem de Joseph Menghele, o Anjo da Morte, médico nazista que atuou no campo de concentração de Auschwitz à região. No entanto, como destaca Seyferth (2010), o apoio aos nazistas foi realizado por uma minoria dos imigrantes, geralmente pertencentes a uma esfera mais elitizada. Segundo a autora, a maioria dos imigrantes não manifestou apoio aos nazistas, permanecendo, até certo ponto, "indiferente" aos nazistas.

tantas escolas: um deles pode estar relacionado à organização das colônias alemãs no Rio Grande do Sul e a outra ao nível de escolaridade que os imigrantes tinham quando vieram ao Brasil (as estimativas são de que 87,2% dos imigrantes germânicos eram alfabetizados – um dado que contrasta muito com o nível de analfabetismo no Brasil no final do século XIX, que chegava a 80%) (Kreutz, 2000).

A preocupação com a educação de seus filhos foi um fator muito determinante, inclusive, para a configuração dessas colônias. Nesse diapasão, a localização do estabelecimento de ensino nestes agrupamentos é uma prova de sua importância, pois tanto a escola, como a igreja e a sociedade recreativa³ eram construídas uma do lado – ou em frente – da outra no centro da comunidade. A educação, a religião e a sociedade configuraram-se, portanto, nos símbolos da união dessas comunidades, pois os lotes das terras, onde as famílias moravam, eram dispostos em torno deste centro. Além disso, a educação tinha uma forte ligação com a igreja. Muitas vezes, o professor também era o catequista – e, quando a comunidade ainda não possuía igreja, as missas eram celebradas na própria escola. A vinculação da educação com a religião não era mera coincidência, pois as igrejas fundaram as Escolas Normais para a formação dos professores, além de criarem associações para a confecção do material escolar. Esta vinculação entre educação, religião e sociedade foi também a responsável por cada comunidade assumir a construção da escola – que, às vezes, servia como capela – como também pagar o salário do professor (Kreutz, 2000).

A configuração destas comunidades permitiu a difusão e a manutenção da língua. O *hunsrückisch* destacou-se como o dialeto majoritário nestes locais. Um dos pontos que justificam a prevalência deste dialeto sobre outros é que, conforme Sambaquy-Wallner (1997), a maioria dos imigrantes que chegaram depois de 1826 eram provenientes da região do Hunsrück, da Mosela e do Reno. Portanto, apesar das ondas migratórias dentro das colônias alemãs e a presença de outras variedades linguísticas, o *hunsrückisch* foi o dialeto predominante. Por outro lado, o isolamento e o afastamento dessas comunidades permitiram que esse dialeto quase não sofresse interferência do idioma português. Assim permaneceu até a época das guerras mundiais (em especial na Segunda). Conforme pontua Altenhofen (1996:61), “die wichtigste Folge für die Entwicklung und Diffusion des Hunsrüschen war in dieser Hinsicht die Entstehung von relativ homogenen und isolierten Siedlungsgebieten in denen der Sprecher des Portugiesischen

³ Esta sociedade recreativa, popularmente conhecida pelo nome de “salão”, é o local onde até hoje se realizam as festas e os bailes. Mas não só isso, geralmente são equipadas com anexo para o jogo de bocha ou de bolão e, internamente, há uma quadra de futsal. Isso demonstra a importância dada por estas comunidades para a vida em sociedade, para o lazer e para a prática de esportes. Estes salões também são usados para a realização de reuniões, assembleias que envolvem a comunidade.

anfänglich fehlte. Der Sprachkontakt mit dem Portugiesischen dürfte deshalb in der Anfangsphase sehr gering gewesen sein, so daß im allgemeinen der Deutsche Unilinguismus herrschte”.

Os aspectos relacionados às comunidades de imigrantes apresentados até agora configuram-se no contexto no qual o município de Santo Cristo está inserido. Falta, por outro lado, apresentar as peculiaridades próprias desta cidade – tema que será abordado a seguir; por meio disso, pretende-se encontrar subsídios que justificam a manutenção do dialeto alemão em pleno século XXI.

1.2 COLONIZAÇÃO DE SANTO CRISTO

Santo Cristo é um pequeno município localizado no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Está situado a 30 quilômetros da divisa com a Argentina e a 500 km da capital gaúcha Porto Alegre (ver imagem 2). Sua população, conforme o último censo realizado em 2010, é de 14.378 habitantes. Sua principal fonte econômica é a agricultura familiar (informações obtidas no *site* do município).

Até hoje, os mais de 500 quilômetros que separam este município, e a região Noroeste à qual pertence Santo Cristo, da capital gaúcha, Porto Alegre, continua sendo um obstáculo para o seu acesso. A principal forma para se chegar a esta cidade ainda se dá por vias asfaltadas, embora o longo percurso e a péssima conservação da pavimentação em alguns trechos prejudiquem a mobilidade. A região é desprovida de aeroportos de médio porte e um dos poucos que realiza voos até Porto Alegre se localiza em Santo Ângelo, distante cerca de 80 km de Santo Cristo. No ano de 2019, o aeroporto de Santa Rosa, cidade vizinha, também passou a realizar alguns voos semanais para a capital – há expectativas de ampliação para os próximos anos.

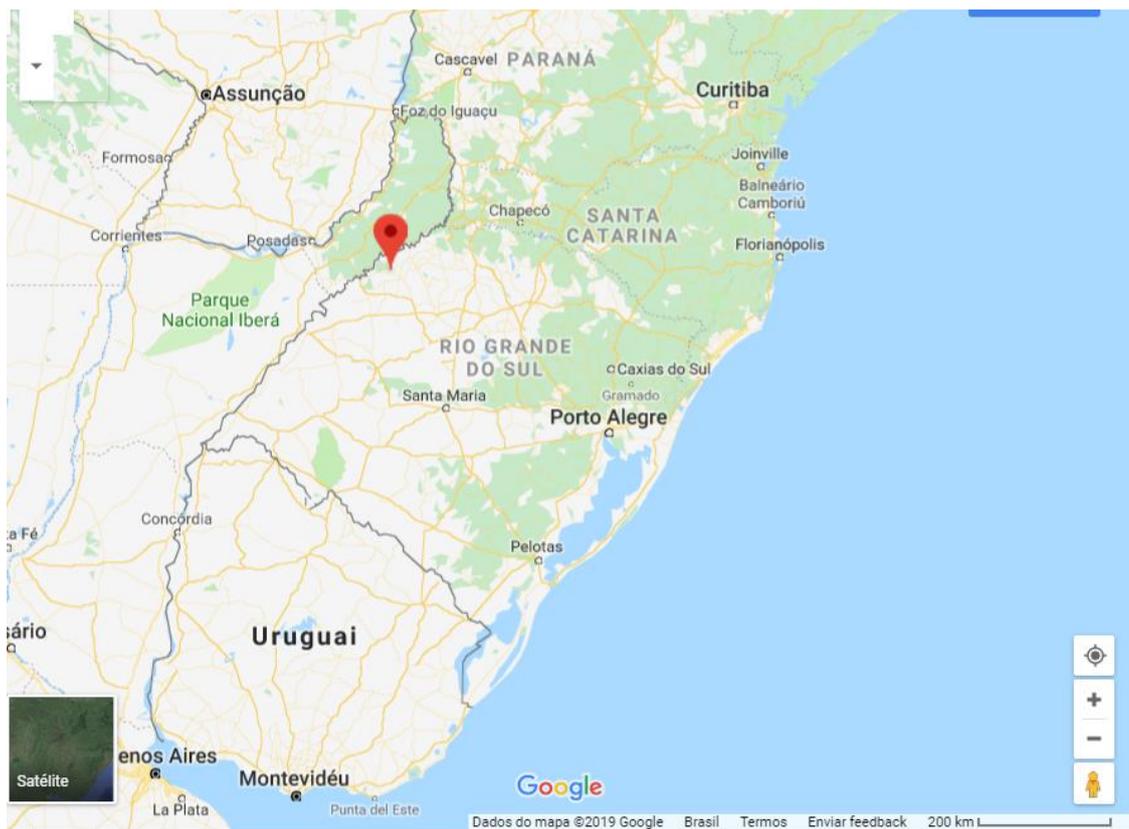


Imagem 2. Mapa contendo a localização do município de Santo Cristo – em destaque no mapa (Fonte: Google Maps)

De acordo com Brum Neto e Bezzi (2008), a região na qual se encontra o município de Santo Cristo constitui-se de uma área cultural mista, ou seja, trata-se de uma área que recebeu um alto fluxo migratório interno. Esse fluxo migratório foi o resultado de uma onda de imigração que levou muitos descendentes de europeus, que residiam nas colônias velhas alemãs e italianas, a dirigirem-se para a região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, em busca de novas oportunidades. Além de ter sido um polo marcado pela presença de imigrantes alemães e italianos, a região recebeu imigrantes de outras etnias, especialmente a polonesa.

Embora o contexto regional seja misto – formado por colônias de imigrantes de diferentes etnias, como: alemães, italianos, poloneses e japoneses –, cada grupo étnico se concentrou em um local específico (ver imagem 3). Assim, formaram-se ilhas culturais que, devido ao seu isolamento e à sua homogeneidade, preservaram sua cultura até os dias de hoje. A região caracterizou-se, portanto, como um arquipélago, no qual cada comunidade formou uma unidade na diversidade, de modo a gerar um núcleo homogêneo resistente à mistura étnica. Dessa forma, é possível distinguir cada região pelos códigos culturais que os moradores compartilham: religião, festas, culinária, língua...

De acordo com Roche (1962), a atividade de todas as colônias novas era a agricultura de subsistência, que já era praticada nas colônias velhas. Esta prática até os dias atuais ainda se constitui no principal meio de subsistência econômica do município em questão. Isso é consequência de a região ter sido colonizada no início do século XX com este fim, uma vez que muitas famílias decidiram vir à região em busca de novas terras para cultivo, as quais estavam em falta nas colônias velhas. Pelo tipo de produtos cultivados – milho, feijão, mandioca, dentre outros –, foi difundida entre os colonos imigrantes a ideia de que as melhores terras eram as de floresta. Assim, as novas colônias foram estabelecidas em áreas remotas ainda recobertas por mata virgem.

Diante desse quadro, explica-se, portanto, a razão pela qual a colonização do Noroeste gaúcho ter sido um sucesso: de um lado, havia a necessidade de se colonizar as áreas remotas do Estado – as quais eram ainda selvagens e ofereciam riscos ao governo brasileiro – por outro, essas terras eram extremamente férteis e possibilitavam o plantio desses alimentos, garantindo a permanência desses colonos na região, apesar de toda a escassez de infraestrutura. “Disso resultou grande unidade de gênero de vida, que veio fortalecer a unidade de origem desses grupos humanos, restringindo-lhes o horizonte ao pedaço de terra e às comunidades locais, permitindo-lhes conservar a língua materna” (Roche, 1962:123).

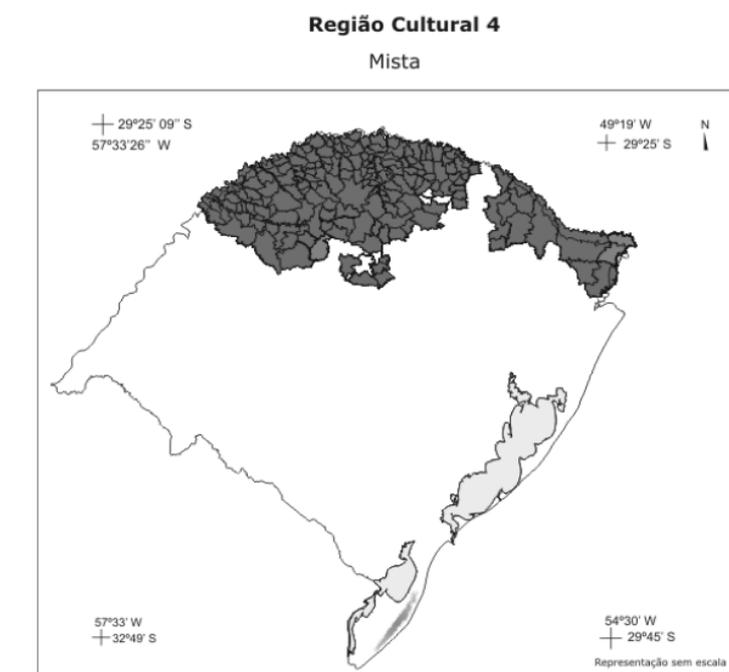


Imagem 3. Região cultural mista (Fonte: Brum Neto & Bezzi, 2008:149)

Levando em consideração o contexto regional, é possível vislumbrar algumas peculiaridades específicas do município de Santo Cristo. Seguramente, uma das que mais chama atenção é a presença de elementos que identificam a descendência germânica dos moradores – elemento verificado já no pórtico da cidade, construído em estilo enxaimel. Por outro lado, o dialeto alemão ainda muito vivo no município é outro aspecto que dá à cidade ares europeus. Assim sendo, a escolha pela investigação do dialeto falado no município de Santo Cristo deve-se, especialmente, pelas características do local e pelo fato de a autora desta pesquisa ter nascido e vivido até os 17 anos no local. Isso também foi um fator que contribuiu para a coleta dos dados, já que a autora conhecia os entrevistados e o dialeto falado nesta cidade. Esta familiaridade possibilitou uma abertura com os participantes – mais detalhes sobre a coleta de dados poderão ser encontrados no capítulo referente à metodologia desta pesquisa.

Como mencionado, Santo Cristo é caracterizado pela presença de vários elementos da cultura alemã originária da descendência de seus munícipes. A presença desses elementos culturais alemães é uma consequência de sua colonização. Sendo assim, é importante apresentar alguns aspectos relevantes sobre a chegada desses colonos à cidade.

O início da colonização do município ocorreu a partir da primeira e da segunda décadas do século 20. Ela esteve a cargo da Confederação dos Lavradores Rio-grandenses (*Bauerverein*), que vendia lotes de terras a preços mais acessíveis aos católicos de descendência germânica. Esta confederação designou o engenheiro Carlos Culmey (foi também o primeiro chefe da colonização do município) a realizar a medição das terras das colônias Boa Vista (colônia que tinha Santo Cristo como sede) e Cerro Azul (localizada no município de Cerro Largo) – ambas as colônias pertenciam ao município de Santo Ângelo (e mais tarde a Santa Rosa⁴, quando este município se emancipou em 1915). A partir da demarcação da colônia Boa Vista, em 1910, veio a primeira leva de colonizadores, que deu início à colonização de Santo Cristo (Phillipsen & Wallau, 2000; Schmitz & Schmitz, 2000).

Apesar de já se passarem quase 100 anos da colonização do município de Santo Cristo, há muitos eventos da colonização que atualmente são pouco comentados. Entre esses acontecimentos, nota-se que a própria colonização não ocorreu tão pacificamente como os registros oficiais descrevem. Uma moradora conta que os índios (popular e pejorativamente denominados “bugres”) e os caboclos que moravam em Santo Cristo foram expulsos do município

⁴ Santa Rosa foi uma das colônias mais recentemente criadas. Fundada em 1915, com o objetivo de conter a devastação da floresta à margem da Colônia Guarani realizada por “intrusos”. É nesta região que se encontra a maior parte dos municípios criados entre 1954-1955, incluindo Santo Cristo.

pelos colonos que ali se instalaram, os quais tiveram de buscar refúgio em municípios costeiros ao Rio Uruguai, como Porto Lucena e Porto Vera Cruz. Isso explicaria a forte presença da cultura alemã e o “branqueamento” até hoje observado no município. Este tema não é o foco desta pesquisa, mas certamente se trata de um assunto que merece ser estudado com mais profundidade, especialmente devido ao contexto sociopolítico da região.

Em relação à procedência dos primeiros colonos que passaram a estabelecer sua morada em Santo Cristo, nota-se que estes eram oriundos das *alte Kolonien*, em especial, de Santa Cruz do Sul, Estrela, Lajeado e Montenegro. Raríssimos foram os residentes da cidade que tiveram descendentes que saíram da Alemanha e que se instalaram diretamente em Santo Cristo. Este fato também está associado ao isolamento geográfico da região, que faz divisa com a Argentina e com o estado de Santa Catarina, conforme visto na Imagem 2.

Por outro lado, como já foi evidenciado nas pesquisas realizadas por Altenhofen (1996) e Sambaquy-Wallner (1997), o lugar exato da procedência dos imigrantes que se estabeleceram nas novas colônias é desconhecido. Geralmente, quando questionados, os moradores destas localidades afirmam que seus descendentes chegaram à região vindos das Colônias Velhas: Lajeado, Estrela, Santa Cruz do Sul ou Montenegro, e que os pais desses migrantes nascidos nas Colônias Velhas vieram da Alemanha. Entretanto, a maior parte dos moradores não sabe nem mesmo o nome de seus antepassados alemães e muito menos de que região eram oriundos.

A perda de contato dos antecedentes alemães também deixou seus reflexos na língua, pois, conforme Altenhofen (1996) e Sambaquy-Wallner (1997), o dialeto falado nessas colônias é uma sobreposição de diversos elementos das variedades diatópicas do *hunsrückisch*. Por esse motivo, o dialeto alemão rio-grandense acabou se tornando uma variedade única, diferente do *hunsrückisch* falado na região de Rheinland-Pfalz, como será visto na seção referente a esse dialeto.

Por outro lado, a tradição de ensinar o dialeto de uma geração para a outra foi o que manteve esta língua viva até hoje. Esta tradição tem suas raízes no valor que os santo-cristenses (e moradores de outras regiões onde os dialetos ainda estão presentes) dão à sua descendência germânica. Não fosse esse valor cultivado nas famílias, o dialeto não teria a importância que ainda tem nas interações linguísticas dos moradores de Santo Cristo. É por causa dessa valorização que o dialeto é visto, assim, como uma herança que é passada de geração a geração – como se verá a seguir.

1.3 LÍNGUAS DE HERANÇA (*HERITAGE LANGUAGE*)

Um fator em comum à maioria dos falantes do dialeto *hunsrückisch* é que, quando perguntados sobre como aprenderam a falar este dialeto, suas respostas costumam ser as mesmas: “das hón ma tann von de Elträ tann óch tehém gelent” (de acordo com a fala de uma das entrevistadas nesta pesquisa) – em tradução “*isso eu aprendi em casa com os meus pais*”. Percebe-se que os próprios falantes têm essa consciência de que o dialeto é uma língua de casa, uma língua que é herdada e que passa de geração a geração. São essas características que permitem classificar este dialeto como uma língua de herança, pois, conforme descrição de Rothman (2009:156): “if it is a language spoken at home or otherwise readily available to young children, and crucially this language is not a dominant language of the larger (national society) the heritage language is acquired on the basis of an interaction with naturalistic input and whatever in born linguistic mechanisms are at play in any instance of child language acquisition”.

De acordo com Flores (2014), o termo refere-se tipicamente a falantes que cresceram com a língua que era falada majoritariamente em sua comunidade; trata-se de uma língua minoritária, uma língua trazida e falada por imigrantes. Esses imigrantes, apesar de falarem sua língua em casa ou em uma comunidade formada por imigrantes, também convivem com a língua dominante, a língua do país hospedeiro. Falantes de uma língua de herança são, por sua vez, falantes bilíngues. Mas, ao contrário do que acontece com a aquisição de uma língua estrangeira na escola, por exemplo, uma das questões que se faz presente no contexto das línguas de herança são as condições especiais e particulares de aquisição e de *input*. Assim, nestas comunidades, o que ocorre, na maioria dos casos, é que há uma exposição mais intensa à língua de herança na primeira fase da infância (até os 3 ou 4 anos) – a língua de herança é, praticamente, a única usada na interação familiar. Depois desta idade, normalmente, quando a criança começa a frequentar a escola, ocorre uma troca significativa de *input* linguístico, e a criança passa a ter um *input* maior na língua majoritária e a língua de herança pode, até mesmo, ser deixada de lado.

Por outro lado, Rothman (2009) observa, igualmente, que nem todas as crianças pertencentes às famílias de imigrantes passam pelo processo de bilinguismo sequencial. Há famílias nas quais a criança pode ter contato com as duas línguas ao mesmo tempo desde seu nascimento – o que enseja no bilinguismo simultâneo. Isso costuma ocorrer quando cada um dos pais tem uma língua materna diferente. Estas considerações ilustram que, ao contrário do que se pensa, a aquisição das línguas de herança é um processo dinâmico que envolve diferentes contextos familiares.

Uma das autoras que mais se destacou sobre o assunto é Valdés (2000). Já no início dos anos 2000, ela apresentou conceitos que até hoje são retomados pela comunidade acadêmica para caracterizar as línguas de herança. Assim sendo, uma das preocupações da autora, na época, foi evidenciar a importância dessas línguas faladas em casa, em oposição às línguas e variedades aprendidas na escola. Além disso, a autora teve o cuidado de enquadrar as línguas faladas nas comunidades indígenas nesta categoria, uma vez que a aquisição dessas línguas ocorria em um contexto muito semelhante ao das línguas faladas pelos imigrantes. Montrul (2016:2) veio reforçar esta ideia ao afirmar que “Heritage languages are commonly spoken by immigrants and their children, but they can also be spoken in their own territories when national or regional languages and indigenous languages share space with a majority language”.

A língua de herança consiste, desta maneira, na língua não oficial do país hospedeiro e sua aquisição se dá de modo muito peculiar (Benmamoun, Montrul e Polinsky, 2013, Montrul, 2008, Valdés, 2000 dentre outros). Um dos primeiros aspectos que se observam neste processo é que não se trata de uma língua aprendida na escola ou em um centro de idiomas. Sua aquisição ocorre em casa, por meio da família, e, por este motivo, gera um forte vínculo emocional entre o aprendente e o contexto de aquisição. Esta aquisição sucede-se de uma forma naturalística, o que não se verifica na escola, onde as línguas estrangeiras são aprendidas por intermédio de instrumentos didáticos que mecanizam a aprendizagem (Niley, 2000; Valdés, 2000).

De outro modo, Valdés (2000) chama atenção para o fato de que a língua de herança, nos EUA, por ser uma língua minoritária e estar associada a determinado grupo social – que vive em cidades interioranas ou na zona rural –, pode, por vezes, ser desprestigiada pela sociedade. Kupisch e Rothman (2018) salientam que esta é uma das diferenças relacionadas aos falantes de línguas de herança nos EUA em comparação com a Europa, uma vez que no contexto americano verifica-se muito mais desprestígio por esta variedade.

Além do desprestígio social, muitas variedades das línguas de herança faladas no Continente Americano não eram as variedades-padrão em seu país de origem (a exemplo dos dialetos alemães). É importante destacar que os próprios falantes do dialeto têm consciência de que sua variedade não é uma variedade prestigiada (Altenhofen, 1996). Trata-se de uma realidade muito presente também na comunidade-alvo desta pesquisa. Prova disso foi a admiração e o espanto dos participantes ao saberem que um pesquisador de uma universidade europeia teria interesse em uma variedade “errada”, como a que é falada em Santo Cristo.

Por outro lado, o desprestígio e a crença de que se trata de uma variedade “errada” podem ser fatores que levam muitas pessoas a “condenarem” o bilinguismo, levando até mesmo a conclusões equivocadas de que o bilinguismo pudesse causar prejuízos cognitivos. Por mais que as pesquisas sobre o bilinguismo tenham realizado muitos progressos e chegado a novas conclusões, até meados do século XX, no meio acadêmico, o bilinguismo gozava de má fama: “Many studies between 1920 and 1960 supported this general view (e.g., Saer, 1923), indicating that bilingualism correlated with lower IQ, cognitive deficiencies and even mental retardation” (Kupisch & Rohtman, 2018:2).

Esses aspectos são, em muitos casos, rotulados negativamente pela sociedade, ensejando o preconceito linguístico. O preconceito decorrente destas concepções pode fazer com que o falante se sinta pressionado a deixar a sua língua de herança de lado. Infelizmente, trata-se de uma realidade vivida pelos falantes de línguas de herança. Esse desprestígio é fruto da comparação que as línguas de herança sofrem, ou seja, estas variedades, quando utilizadas em contextos formais, como o escolar e o acadêmico, são inadequadas, uma vez que apresentam muitos desvios estilísticos e gramaticais. Assim, o falante destas línguas sente-se inferiorizado, pois ele se dá conta de que a língua que ele aprendeu desde criança é uma língua que só pode ser utilizada na comunidade em que vive, uma vez que na escola e na vida profissional é uma variedade inadequada (Altenhofen, 1996; Niley, 2000; Kupisch & Rothman, 2018; Valdés, 2000).

Considerando a implicação do preconceito com a variedade dialetal falada em Santo Cristo, a pesquisadora pode observar, por meio de conversas com alguns moradores com quem teve contato, que muitos pais estão deixando de transmitir o dialeto pelo fato de os filhos não demonstrarem interesse em aprender uma variedade desprestigiada. Além disso, a crença de que o bilinguismo é prejudicial ao desenvolvimento cognitivo da criança também é um fator que faz com que muitos pais deixem de falar o dialeto com seus filhos e se comunicam apenas em português.

Por outro lado, é importante ressaltar que um dos impactos mais negativos sofridos pelos falantes alemães no Brasil foi durante a 2ª Guerra Mundial, quando as línguas estrangeiras foram proibidas de serem faladas pelos imigrantes. Assim, muitos colonos foram perseguidos. Essa perseguição também ocorreu em outras ilhas linguísticas ao redor do mundo, como nos EUA, na Rússia, na Austrália... (Altenhofen, 1996; Boas, 2009; Putnam, 2011; Roche, 1962, dentre outros). Esta censura impactou diretamente a transmissão dos dialetos germânicos, pois foi

especialmente a partir dessa época que estas comunidades se viram forçadas a adquirir a língua dominante do país hospedeiro.

A proibição repentina do uso da língua – o dialeto nestas comunidades era a principal língua falada, pois muitos descendentes de imigrantes não sabiam falar o português – repercutiu profundamente na geração que vivenciou a Segunda Guerra. Isso acabou trazendo grandes dificuldades para estas pessoas, pois se viram forçadas a adquirirem repentinamente a língua do país para onde imigraram. No caso dos alemães no Sul do Brasil, este problema foi agravado, visto que havia poucas famílias que sabiam falar português. A maioria pertencia a outras etnias, como a italiana e a polonesa, com quem pudessem ter contato e aprender rudimentarmente o idioma lusófono, de modo a não correrem o risco de serem punidos pelo uso do dialeto. Devido ao medo e às dificuldades que enfrentaram com este veto, muitos colonos decidiram por não transmitir o dialeto a seus filhos (Altenhofen, 1996; Roche, 1962). Além disso, a instrução formal, que antes ocorria em alemão, passou a ser em língua portuguesa. Destarte, a língua portuguesa recebeu mais destaque dentro destas comunidades bilíngues, uma vez que estava ligada ao *status* de ser a língua da formação e, conseqüentemente, de melhores oportunidades de emprego e de renda.

A partir dessa época, estas colônias passaram a ser efetivamente comunidades bilíngues, uma vez que a suspensão do uso do dialeto provocou o contato dessas comunidades com a língua portuguesa. Como destacou Altenhofen (1996), mesmo que estes imigrantes passassem a ter contato com a língua do país hospedeiro, a variedade com a qual mantinham contato, era uma variedade não padrão. Trata-se, pois, de uma realidade que não se restringiu ao contexto brasileiro ou ao contexto da imigração alemã, mas foi observada em outros locais, como nos EUA (Boas, 2009).

Os imigrantes da primeira geração, diante da necessidade de adquirirem a língua do país hospedeiro, nem sempre têm a oportunidade de obter instrução formal e, assim, receber os subsídios necessários para aprender a variedade padrão falada no país hospedeiro (Benmamoun, Montrul & Polinsky, 2013; Montrul, 2008; Valdés, 2000 dentre outros). Nestes casos, os meios de comunicação passam a ser um importante canal de contato com esta variedade. O problema, no entanto, é que essa exposição ocorre de modo passivo e não constitui um *input* suficiente para adquirir conhecimentos linguísticos sólidos da variedade padrão (Slobin, 1979).

Diante deste contexto, o falante não domina muito bem a variedade falada em seu país hospedeiro e, assim, ele pode incorporar propriedades linguísticas de sua língua materna L1 à

nova língua que está adquirindo (este assunto será discutido no Capítulo 3) (Kaufman & Thomason, 1988). Esse fenômeno de transferência de estruturas linguísticas de uma língua sobre outra é percebida de modo mais significativo nos níveis fonético e o lexical (Kaufman & Thomason, 1988; Weinrich, 1968 dentre outros). Por fim, é necessário acrescentar que essas interferências são, em muitos casos, alvo de comentários depreciativos por parte daqueles que dominam a variedade padrão. Tais atitudes acabam por contribuir ainda mais com o preconceito contra as variedades desprestigiadas. Por outro lado, os estudos na área do bilinguismo estão demonstrando que estes fenômenos fazem parte do processo natural que envolve o contexto de contato linguístico e que não são fruto de déficits cognitivos (Grosjean, 2008; 2010; Kupisch & Rothman, 2018; Valdés, 2000 dentre outros). No próximo capítulo, serão abordadas as interferências em outros níveis, especialmente o sintático, que é o foco deste trabalho.

Diante desses e de outros fatores, percebe-se que as famílias imigrantes sentem uma grande pressão para assimilar a cultura dominante, e, portanto, passam a usar gradualmente a língua oficial do país em casa, deixando de lado a língua trazida do país de origem. Com esta mudança, o padrão de uso da língua de casa⁵ muda gradualmente. Isso resulta na escassez de *input* e de uso da língua de herança. Como consequência desta redução, a qualidade das produções e as habilidades linguísticas diminuem drasticamente. Com isso, a aquisição, que antes ocorria de forma balanceada, passa a ser desequilibrada, e, desta forma, os falantes destas línguas passam a ser bilíngues funcionais, pois perdem as elevadas competências linguísticas que as primeiras gerações possuíam (Montrul, 2008; Rothman, 2009; Valdés, 2000). Putnam (2011) ressalta que na maioria das ilhas linguísticas alemãs a maior parte dos falantes apresenta conhecimentos bem limitados em relação a este idioma. Há, inclusive, a adoção do termo semi-falantes (*semi-speakers*) para se referir a falantes de ilhas de herança, o que já evidencia a perda das competências linguísticas ao longo das gerações.

Como visto nesta seção, as línguas de herança não podem ser desassociadas do bilinguismo. Além disso, falantes de herança geralmente vivem próximos ou mantêm contato com outros imigrantes do mesmo país de origem, estabelecendo, assim, uma comunidade bilíngue. A fim de compreender melhor os fenômenos que se observam na comunidade foco deste estudo, a próxima seção abordará aspectos específicos a respeito do bilinguismo e das comunidades bilíngues.

⁵ Língua de casa, *heritage language* e língua de herança serão usadas como sinônimo. Optou-se por traduzir "*family language*", expressão usada por Rothman (2009), por língua de casa, uma vez que sintetiza melhor o contexto no qual essa língua é falada.

1.4 BILINGUISTO E COMUNIDADES BILÍNGUES

Os falantes de uma língua de herança geralmente vivem em um contexto bilíngue no qual uma ou mais línguas não oficiais (neste caso, o dialeto *hunsrückisch*) estão em permanente contato com a língua oficial do país. Dentro destas comunidades, ambas as línguas costumam ter o mesmo grau de importância, uma vez que cada língua desempenha uma função específica nas atividades linguísticas no dia-a-dia deste grupo. Tais aspectos foram ressaltados por William Mackey que na década de 1960 publicou o artigo *The description of bilingualism*, o qual lançou as bases para as pesquisas que envolvem o bilinguismo e seus respectivos fenômenos. Neste artigo, o autor declarou que o bilinguismo não é um fenômeno da linguagem, mas uma característica de seu uso. Portanto, para que um indivíduo fosse considerado um bilíngue, seria necessário supor que ele pertencesse a uma comunidade bilíngue. Esta comunidade, por seu turno, somente pode continuar a ser bilíngue se os habitantes ainda verem necessidade de usarem os dois códigos. Nesse sentido, as razões para a existência dessas línguas estão associadas ao fato de que, normalmente, os falantes usam internamente um código e, quando precisam manter contato com pessoas que desconheçam a língua, acabam por usar a outra língua (Grosjean, 2008; Mackey, 1962; Weinrich, 1968). É exatamente isso que se verifica nas comunidades alemãs do Rio Grande do Sul. Os falantes costumam ter propósitos bem distintos quando optam pelo dialeto ou pela língua portuguesa.

Em contrapartida, nestas comunidades o nível da proficiência linguística dos falantes varia consideravelmente. Por esse motivo, não se pode considerar que nas comunidades todos os falantes serão bilíngues balanceados, que dominem no mesmo nível e em todos os contextos as duas línguas. Dessa maneira, falantes que dominam determinada habilidade comunicacional em uma das línguas convivem com outros que não possuem as mesmas habilidades (Grosjean, 2008; Valdés, 2000).

Para entender melhor a dinâmica que ocorre nestas comunidades, é necessário analisar de modo mais detalhado o conceito de bilinguismo. Assim sendo, em uma comunidade bilíngue, pode-se encontrar falantes que sabem falar fluentemente a língua de herança, ou, então, aqueles que apenas conseguem compreendê-la. Diante da complexidade dessas variações associadas às competências destes falantes, o conceito de sujeito bilíngue precisa ser relativizado. Consequentemente, quem tem alguma proficiência nas duas línguas já pode ser considerado, em alguma medida, bilíngue (Grosjean, 2008; 2010; Valdés, 2000, dentre outros).

Destarte, o termo bilingue não pode ser compreendido como a habilidade de usar duas línguas com o mais alto grau de proficiência todos os dias em todas as situações, como se o indivíduo fosse um falante nativo em ambas as línguas. Para muitas pessoas, isso é o equivalente a considerar que uma pessoa bilingue incorpora duas línguas que consegue usar perfeitamente, passando-se por nativo em ambas. Dessa maneira, para estas pessoas, o bilingue perfeito, que domina as duas línguas de forma balanceada, é um ser quase mítico que raramente existe no mundo real (Grosjean, 2010; 2008; Valdés, 2000;).

Valdés (2000) expressa muito bem essa ideia ao ilustrar o bilinguismo perfeito com a seguinte imagem:

Bilinguismo perfeito

AB

Imagem 4. Representação do bilinguismo perfeito. Imagem adaptada de Valdés (2000)

O bilinguismo balanceado, por meio do qual um falante consegue se expressar em todos os contextos linguísticos com a mesma habilidade de um falante monolíngue, é possível de ser alcançado, mas para isso a pessoa deve ser exposta a todos os domínios de interação em contextos linguísticos iguais nas duas línguas (Grosjean, 2008; 2010; MacWhinney, 2012).

Entretanto, o que costuma ser observado no caso de uma pessoa bilingue é que ela pode até ter oportunidade de usar as duas línguas em todos os contextos, mas não terá a mesma desenvoltura em ambas. Trata-se, pois, de uma consequência relacionada ao uso das línguas, que costumam ser usadas com diferentes propósitos e em diferentes contextos. Destarte, é este uso que determinará também a frequência e as habilidades que mais precisam ser desenvolvidas em determinada língua (Grosjean, 2008; 2010, Mackey, 1968, dentre outros).

Para classificar um indivíduo como bilingue, Mackey (1962) define alguns critérios que contribuíram para o aprofundamento das pesquisas sobre o assunto. Dentre os critérios estabelecidos estão: o grau de conhecimento linguístico (o quão bem um falante conhece ambas as línguas?); a função da língua (para que alguém usa determinada língua? Em quais contextos determinada língua é utilizada?); a alternância (por que usar determinada língua? Por que mudar o código e sob quais condições isto acontece?); e, por fim, a interferência (qual o grau de controle que o indivíduo tem ao usar cada uma de suas línguas? Por que ele funde as duas línguas?). A resposta a estas perguntas até hoje vem trazendo novas perspectivas para os estudos na área do bilinguismo. Tais questionamentos também contribuem para olhar os diferentes fenômenos que

ocorrem nas ilhas linguísticas. Esta perspectiva abarca um olhar mais realístico para os fenômenos que envolvem estes indivíduos.

Levando tais aspectos em consideração, os estudos em comunidades bilíngues evidenciam que há diferentes tipos de falantes bilíngues e que suas habilidades linguísticas se expressam num *continuum*. Neste contexto, o bilinguismo deve ser compreendido como uma condição que envolve mais de uma competência linguística que é mensurada através da comparação das habilidades de um indivíduo monolíngue. Cada falante apresenta níveis de competência distintos nas diferentes habilidades linguísticas respectivas a cada língua (Mackey, 1962; Valdés, 2000).

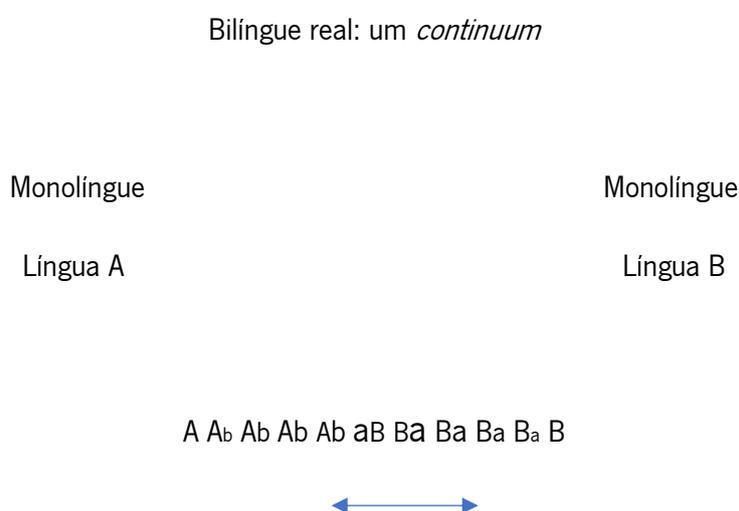


Figura 5. O *continuum* bilíngue. Adaptado de Valdés (2000:41)

Por meio desta imagem percebe-se que o bilinguismo não é um processo tão balanceado como se assume frequentemente, particularmente em trabalhos mais antigos como o de Leonard Bloomfield, que definiu um bilíngue como sendo um falante que controla e domina as duas línguas como falante nativo (Grosjean, 2010). O que chama atenção é que neste *continuum* uma ou outra habilidade será melhor em determinada língua. É diante deste aspecto que deve ser questionada a interferência de uma língua na outra. Este aspecto será apresentado no próximo capítulo.

Grosjean (2010) e Mackey (1962), por sua vez, destacam que a fluência de um indivíduo pode ser um critério problemático, uma vez que um indivíduo bilíngue usa as suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes situações com pessoas diferentes. Nesse sentido, é muito mais adequado usar como critério de classificação o seu uso. Por esse motivo, os autores propõem

que, além da fluência, o uso e o contexto de interação devem ser levados em consideração para mensurar habilidades linguísticas dos falantes bilíngues.

Como já destacado por Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013), Flores (2014), Schmid e Köpke (2017) dentre outros, o bilinguismo, além de ser mensurado num *continuum*, também é verificado como uma condição dinâmica, uma vez que as competências linguísticas sofrem mudanças no decorrer da vida de um indivíduo que vive em uma comunidade bilíngue. Ao longo da sua vida, um falante bilíngue pode ter seu perfil linguístico alterado, dependendo das experiências que tiver e do nível de escolarização que alcançar. Nesse sentido, poderá haver fases em que uma língua passa a ser mais dominante que a outra.

Em Santo Cristo, isto é sentido claramente, especialmente pelo depoimento dos falantes da geração mais nova. Ao longo das entrevistas, quase todos relataram que, quando eram mais novos, tinham mais facilidade para falar o dialeto. Mas, especialmente depois do período escolar, muitos passaram a sentir mais dificuldade para falar *hunsrückisch*, sendo o português a língua preferida para se comunicarem no dia-a-dia. Além disso, o dialeto alemão está associado à geração de pessoas mais idosas. Entre os jovens, escolhe-se, com maior tendência, o português para a comunicação e o dialeto é escolhido para falar com as pessoas de mais idade. Os próprios moradores da cidade comentam que é cada vez mais raro ouvir pessoas jovens falando o dialeto entre si.

Esse aspecto também é comentado por Valdés (2000). Segundo a autora, os bilíngues imigrantes tendem a seguir um padrão em cada geração. Assim, uma geração apresenta um nível de proficiência diferente na língua oficial e na língua de herança. Nesse sentido, os falantes da primeira geração costumam permanecer monolíngues durante toda a vida – isso se justifica pelo fato de que a língua do país de origem para interagir com outros imigrantes. Assim, trocas linguísticas na língua do país hospedeiro quase não ocorrem e, por esse motivo, acabam por não aprenderem esta língua. Além disso, alguns poderão até aprender rudimentarmente a língua do país, mas serão mais proficientes na sua língua de herança. Na segunda e na terceira geração, como tiveram a oportunidade de receber educação formal na língua oficial, acabaram por dominá-la na escola. No entanto, essas gerações ainda manterão as duas línguas, especialmente para poderem se comunicar com os membros da 1ª geração. É na 2ª e 3ª gerações que se encontram os bilíngues com níveis mais balanceados de proficiência em ambas as línguas. Finalmente, a 4ª geração tende a se tornar monolíngue, falantes da língua oficial do país hospedeiro. Somente poucos apresentarão algumas competências linguísticas na sua língua de herança.

Esse aspecto é o que mais chama atenção nas ilhas linguísticas alemãs do Sul do Brasil, visto que se passaram quase 200 anos desde a chegada dos primeiros imigrantes – o que equivale a praticamente oito gerações – e os dialetos até hoje continuam a ser falados e ensinados às novas gerações (Altenhofen, 1996; Damke, 1997, dentre outros). Entretanto, nota-se que o número de falantes das gerações mais novas vem caindo. Mesmo assim, em cidades como Santo Cristo, ele ainda está fortemente presente. No entanto, uma das características que se percebe é a manutenção do dialeto pela geração mais nova, especialmente com o objetivo de se comunicar com a geração anterior.

A questão que se coloca, no entanto, é se as gerações futuras ainda manterão esses dialetos. Essa é, inclusive, uma das preocupações das principais pesquisas nas ilhas linguísticas norte-americanas. Alguns autores, como Putnam (2011), Hopp e Putnam (2015), Boas (2009), dentre outros, constataram que, em muitas dessas ilhas, o alemão sobrevive como uma língua "moribunda" – situação que, em alguns lugares, vem se estendendo por mais de uma geração. Confirmando este diagnóstico, Boas (2009) calcula que o dialeto alemão falado no Texas (*Texas German*) tende a desaparecer dentro de duas gerações. Uma situação ainda mais dramática é relatada por Hopp & Putnam (2015), que vêm realizando pesquisas com a última geração de falantes, os quais já possuem idade avançada, do dialeto *Moundridge Schweitzer German*, falado no Sudoeste do Estado do Kansas.

Essas previsões levantam dúvidas também sobre a sobrevivência das ilhas linguísticas alemãs no Sul do Brasil nas próximas gerações. A tendência observada no Brasil, comparando-se as gerações mais novas com as mais velhas, é o uso cada vez menos frequente dos dialetos (Altenhofen, 1996). Portanto, caso ações mais efetivas, envolvendo a comunidade, o governo e as famílias, não sejam tomadas, é provável que o dialeto *hunsrückisch* também se torne uma língua moribunda nas próximas gerações.

Como se pode notar nesta seção, as ilhas linguísticas constituem-se um importante campo de exploração linguístico. Trata-se de um ambiente em que aspectos sociais, culturais, psicológicos e linguísticos influenciam-se mutuamente, dando origem a muitos fenômenos. Por se tratar de um contexto muito específico, a próxima seção apresentará o conceito de ilhas linguísticas alemãs, com o objetivo de aprofundar o tema, além de enfatizar que não se trata de uma realidade observada somente no Sul do Brasil.

1.5 ILHAS LINGUÍSTICAS ALEMÃS

Uma das primeiras definições acerca da expressão *ilhas linguísticas alemãs* foi elaborada por Kuhn em 1934. Naquela época, este autor assim definiu este conceito: “...punktuell oder flächenhaft auftretende, relativ kleine geschlossene Sprach- und Siedlungsgemeinschaften in einem anderssprachigen, relativ größeren Gebiet” (Kuhn, 1934, *apud* Chrobak, 2010:108). Ao lado desta definição, também se encontra a de Hutterer (1983), que se assemelha muito a de Kuhn, complementando-a: “Sprachinseln sind räumlich abgrenzbare und intern strukturierte Siedlungsräume einer sprachlichen Minderheit inmitten einer anderssprachigen Mehrheit” (Hutterer, 1984, *apud* Chrobak, 2010:109).

Nota-se que em ambas as definições está a ideia de isolamento dessas comunidades. Com base nestas concepções, também é possível englobar, como pontua Damke (1997), as comunidades indígenas. Portanto, o Brasil pode ser considerado um país repleto de ilhas linguísticas, sendo pouco estudadas, em sua maioria. Como este trabalho enfoca apenas as ilhas linguísticas alemãs, não será aprofundada a configuração das demais ilhas.

De acordo com Fleischer e Schallert (2011), essas ilhas são formadas, via de regra, pela saída dos habitantes de um país, que são forçados e imigram devido a necessidades econômicas ou a perseguições religiosas. Outra peculiaridade que marca as ilhas linguísticas alemãs é o fato de que, na época em que essas imigrações ocorreram, não havia meios de comunicação avançados como os de hoje. Com isso, o contato com o país natal – e especialmente com a língua – acabou ficando restrito a cartas, que também se consistia em uma precária forma de interação. Por outro lado, o contato com os falantes do país hospedeiro acabou por se tornar cada vez mais intenso e isso acabou provocando alterações na estrutura linguística das variedades dialetais.

No entanto, Chrobak (2010) destaca que muitas ilhas linguísticas apresentaram grande dificuldade de integração com o novo país, reflexo de uma atitude de proteção e manutenção da identidade étnica alemã. Esse fator pode explicar o motivo pelo qual até hoje elementos da cultura germânica estão tão fortemente presentes nestas comunidades, a exemplo da língua.

Considerando o contexto rio-grandense, percebe-se que a configuração das ilhas linguísticas alemãs nesta região é muito peculiar. Suas características são fruto do processo único de colonização que aqui ocorreu, uma vez que este não se deu de maneira homogênea. Apesar de ter sido planejada, a colonização não recebeu a mesma configuração ao longo de quase um século – a denominação *alte e neue Kolonie* já é uma evidência das diferenças existentes internamente. Além disso, o fato de muitas dessas comunidades se localizarem a quilômetros de

distância aponta para as lacunas e a diversidade que há entre elas. Portanto, se analisadas de modo mais apurado, pode-se verificar que há claras diferenças entre comunidades alemãs pertencentes à religião católica e à religião protestante, por exemplo. E estas diferenças impactam diretamente na configuração e nos valores culturais mantidos por estes grupos.

Diante de tal contexto, seria incorreto pensar que no Rio Grande do Sul haveria apenas uma ilha linguística alemã homogênea. Por esse motivo, pesquisadores como Ciro Damke (1997) optaram por considerar que o Rio Grande do Sul é formado por um *arquipélago linguístico*. Assim, a ideia de que o Estado contém um conjunto de ilhas linguísticas corresponde a um conceito mais adequado. Por este motivo, por mais que o dialeto *hunsrückisch* seja o mais expressivo, ele jamais pode ser compreendido como uma variedade única. Trata-se, apenas de um *koiné* (uma espécie de generalização) das variedades dialetais alemãs faladas no Sul do país e que se fazem presentes na maior parte ilhas alemãs rio-grandenses (na seção próxima seção serão apresentadas algumas de suas características). Por outro lado, não se pode desconsiderar o fato de que há muitas comunidades que mantêm outras variedades dialetais vivas, as quais não possuem semelhanças com o dialeto *hunsrückisch* (a exemplo do pomerano, do *Plattdeutsch...*). Devido a estes aspectos, o emprego do termo *hunsrückisch* precisa ser usado com muita cautela, uma vez que ele não abarca todas as variedades linguísticas alemãs do Sul do Brasil.

Apesar de suas peculiaridades, um aspecto que perpassa todas estas ilhas é o fato de que elas mantêm contato com a língua portuguesa, que se faz cada vez mais presente nestas comunidades. O contato linguístico e suas consequências nestas ilhas será o tema da seção seguinte.

1.6 O DIALETO *HUNSRÜCKISCH*

Em relação ao contato linguístico, um dos campos em que interferências linguísticas são mais evidentes é o lexical. Empréstimos linguísticos são muito frequentes em falantes bilíngues (Kaufman & Thomason, 1988; Weinrich, 1968, dentre outros). Por esse motivo, a maior parte dos trabalhos mais significativos a respeito do dialeto *hunsrückisch* destacam os empréstimos da língua portuguesa (Altenhofen, 1996; Damke, 1997; Sambaquy-Wallner, 1998; Schaumlöffel, 2003 dentre outros).

No entanto, o dialeto *hunsrückisch* não sofreu apenas interferências lexicais do português. Altenhofen (1996) destaca também em sua tese que este dialeto antes mesmo de chegar ao Brasil

já tinha sofrido influências do contato com outras línguas, a saber, o latim e o francês. Em relação à influência do latim, esta se torna mais difícil de ser notada, pois o português também apresenta muitas semelhanças com esta língua. A influência do latim é constatada até hoje especialmente nos verbos. É o caso, por exemplo, do verbo *comunicar*. No alto alemão, sua raiz termina em *z*, assim, o verbo no infinitivo fica *kommunizieren*; no dialeto, por sua vez, a raiz, por influência do idioma português é modificada, recebendo o som de *k*, mais próxima da forma verbal lusófona *comuniquieren*. É interessante observar que a desinência verbal *-ieren* é a mesma tanto no dialeto quanto no alto alemão. Isso pode ser um indício da influência do latim em ambas as línguas, pois a desinência *-ieren* é acrescida aos verbos de origem latina, característica que se mantém no dialeto. Em relação ao contato com o francês, até hoje ainda podem ser encontradas algumas palavras que derivam deste contato, como: *plantóge* (lavoura), *kastrol* (caçarola), *coróge* (coragem)...

Como se verificou, o campo lexical é um dos mais suscetíveis às interferências linguísticas, além de ser um dos níveis nos quais elas são mais visíveis. No entanto, restava saber se outros aspectos linguísticos também sofriam interferência, a saber a gramática. A partir dos trabalhos de Uriel Weinreich (1953) e Thomason & Kaufman (1988), ficou claro que o contato linguístico oferece uma condição perfeita para empréstimos gramaticais. A questão que ainda gera um acalorado debate entre os pesquisadores diz respeito em saber até que ponto o contato linguístico desempenha um papel imprescindível e, portanto, pode ser a explicação mais consistente para a ocorrência ou não da mudança sintática (Fleischer & Schallert, 2011) (este aspecto será discutido no Capítulo 3).

Como verificado, o bilinguismo e o contato com outras variedades linguísticas acabaram por dar ao dialeto *hunsrückisch* uma configuração única. Resta verificar na próxima seção as características deste dialeto no Rio Grande do Sul, especialmente.

1.6.1 O dialeto *hunsrückisch* no Brasil

Pode-se considerar que o dialeto alemão falado ainda hoje em diversas regiões do Brasil, especialmente na região Sul, constitui-se em um fenômeno linguístico que chama atenção. Em pleno século XXI, mesmo após a proibição do alemão – e de outras línguas – durante a 2ª Guerra Mundial e nos tempos da Ditadura, a língua ainda permanece viva e enraizada em muitos municípios brasileiros. Contrariando as expectativas, sua sobrevivência em meio a tantas

adversidades é realmente um evento admirável, pois esta língua não é aprendida de maneira formal nem é a língua utilizada oficialmente no município, mesmo assim, ainda se mantém muito viva neste local, bem como em outras comunidades de descendentes germânicos. É, pois, um fato que vem impressionando não só as pessoas em geral, mas os linguistas que demonstram ao longo dos anos cada vez mais interesse científico pelos dialetos alemães falados no país.

De acordo com o projeto Bilinguismo no Rio Grande do Sul (BIRS⁶), realizado entre os anos de 1985 a 1987, o número de falantes bilíngues no Estado era de 26,41%, sendo que desse total, a maior parte, 56,6% falava o dialeto *hunsrückisch*. Não obstante sua significativa presença, os dados indicaram que houve um declínio entre o número de falantes em cada geração. De acordo com Altenhofen (1996), a pesquisa apontou um decréscimo de 11,75% entre o número de falantes bilíngues de uma geração mais nova (19,10%) e a de seus pais (30,85%). Este projeto foi realizado apenas na década de 1980, devido a este fato, não está claro se esses dados se mantiveram ou se houve um acréscimo no número de falantes que deixaram de ser bilíngues.

Independentemente destes números, o que vem sendo destacado pelos estudos realizados sobre o dialeto *hunsrückisch* é o fato de que ele ainda se mantém vivo devido ao forte apego emocional observado pelos falantes. Esse apego está ligado ao grande valor que esses descendentes germânicos dão à família e à preservação das tradições cultivadas por seus antepassados. Como exemplo desta preservação, mencionam-se os corais que ainda cantam músicas trazidas pelos colonos, os grupos de danças folclóricas, os campeonatos esportivos com modalidades praticadas pelos imigrantes, a exemplo da bocha e do bolão, a arquitetura em estilo enxaimel, a culinária, dentre muitos outros elementos associados à cultura germânica (Altenhofen, 1996; Koch, 1974; Schaumloeffel, 2003, dentre outros).

No entanto, como ficou evidenciado na seção sobre o bilinguismo, independentemente do apego emocional, o dialeto vem sofrendo com o preconceito por ser uma variedade não padrão. A respeito disso, alguns participantes desta pesquisa comentaram que eles não sabiam o alemão “certo”, mas que seus pais e/ou avós sabiam o *Hochdeutsch*, sabendo inclusive ler e escrever na variedade *standard*. No entanto, como salienta Altenhofen “diaglossisches Sprachverhalten ist deshalb in solchen Gemeinden von Rio Grande do Sul äußerst zweifelhaft. Obwohl die altere Generation noch über Kenntnisse des ‘Hochdeutschen’ verfügt, sind diese Kenntnisse doch meistens rudimentär und in der jüngeren Generation kaum noch vorhanden” (1996:45).

⁶ Para mais informações, acessar o site do Projeto Alma, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul: <https://www.ufrgs.br/projalma/birs-bilinguismo-no-rs/>.

Além disso, os falantes do *hunsrückisch* costumam comparar a sua variedade com o dialeto *Plattdeutsch* – que é um dialeto que apresenta alguns elementos mais próximos do alto alemão, como a pronúncia e o léxico. Desta comparação, concluem que o *hunsrückisch* é uma variedade muito insignificante e que essa variedade nem mesmo seria alemão, mas uma variedade misturada. Trata-se de um julgamento equivocado, pois ambas as variedades diferem do alto alemão, são classificadas pelos especialistas como dialetos (Altenhofen, 1996).

Conforme visto acima, há, de certo modo, um sentimento paradoxal dos falantes em relação ao dialeto. Se, por um lado, se constata a existência de certo desprestígio pelo dialeto – por ser uma variedade diferente do alemão padrão –, por outro lado, verifica-se que os adultos também sentem orgulho por dominar uma língua estrangeira e uma língua que está associada aos seus ancestrais alemães.

O dialeto expressa, por conseguinte, a ligação destas famílias com seus antepassados, o que revela, da mesma maneira, um sentimento de diferença e, em alguns casos, até de superioridade cultural em relação aos brasileiros. Assim, o dialeto é considerado pelos falantes como uma herança recebida de seus antepassados e que continua sendo passada de geração a geração. Essa questão foi ressaltada, inclusive, durante as entrevistas, em que três participantes preferiram a seguinte afirmação: “Das muss ma in Ehre hallä” (em tradução livre: “nós precisamos honrar [o dialeto]”). Destarte, a sua manutenção é vista ainda como uma questão de honra, além de ser considerado um tesouro valioso passado de uma geração para outra, desde a vinda dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul a partir do ano de 1824 – Schaumloeffel (2003) comenta que os participantes de sua pesquisa em Boa Vista do Herval também demonstraram o orgulho que sentiam em falar uma língua que representava os seus laços com os imigrantes alemães.

É por causa dessas questões que o dialeto *hunsrückisch* se mantém até hoje presente nestas famílias, apesar de ele existir somente na forma oral. Mesmo que haja tentativas de escrita, em redes sociais ou por meio de projetos oficiais da criação de uma variedade escrita⁷, a leitura e a escrita do dialeto causam estranhamento e dificuldade de compreensão, uma vez que não há alfabetização nesta variedade.

Em relação às ilhas linguísticas alemãs, o Rio Grande do Sul é uma referência, pois foi neste Estado que o fluxo migratório germânico se concentrou e onde as colônias permaneceram

⁷ É necessário destacar algumas iniciativas, a exemplo do grupo de estudos ESCRHITU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pelo Prof. Cleo Wilson Altenhofen, cujo objetivo é criar um padrão de escrita para este dialeto, por da elaboração de um dicionário.

por muito tempo isoladas, de modo a conservar o dialeto ao longo de várias gerações (Koch, 1974; Roche, 1972). Apesar disso, definir com exatidão a origem dos dialetos falados no Rio Grande do Sul, de acordo com Altenhofen (1996) e Sambaquy-Wallner (1997), não é uma tarefa tão simples, pois os diferentes dialetos alemães falados no Rio Grande do Sul sofreram um processo de fusão. É preciso destacar, como o fez Altenhofen (1996), que o dialeto *hunsrückisch*, falado no Rio Grande do Sul, é uma espécie de *koiné*, ou seja, um *Oberbegriff* (generalização), já que se notam diferenças fonéticas e semânticas, principalmente, nas diferentes regiões do Estado onde este dialeto é falado.

Em relação à variedade dialetal *hunsrückiana* falada atualmente na cidade de Santo Cristo e em outras regiões do Rio Grande do Sul, conforme dados apontados pela pesquisa de Altenhofen (1996), é possível afirmar, portanto, que ela se consiste em uma nova variedade dialetal. Segundo este autor, trata-se de um *continuum* entre o *Rhein-* e o *Moselfränkischen*. Duas variedades que são faladas na região do Hunsrück no Estado de Rheinland-Pfalz e que também compreende as fronteiras dos Estados de Hessen e Saare, bem como Luxemburgo. Chama atenção o emprego da palavra *continuum*, pois isto evidencia as mudanças e variações encontradas neste dialeto, além de indicar que esse dialeto se originou por meio do contato com estas outras duas variedades.

Apesar de o *hunsrückisch* ser o dialeto mais falado no Rio Grande do Sul, aproximadamente metade da população descendente de alemães qualifica-se como falante deste dialeto, ele precisa ser concebido como uma espécie de *koiné* teuto-brasileira mais ou menos homogênea (Altenhofen, 1996; Koch, 1974). Dessa forma, talvez a qualificação mais adequada em relação aos falantes do dialeto *hunsrückisch* no Brasil – não se pode esquecer que este dialeto é falado em outros Estados do país, uma vez que os descendentes de imigrantes germânicos também colonizaram outras regiões brasileiras, num processo de migração interno, ocorrido a partir da década de 1970 – é que a maior parte dos falantes da língua alemã fala uma *variedade* pertencente ao dialeto *hunsrückisch*.

O desenvolvimento de outras variedades do *hunsrückisch* foi um processo de mudança linguística natural, que ocorre com todas as línguas vivas as quais mantêm contato com outros idiomas. Assim, por mais que o *hunsrückisch* tenha conseguido se impor em relação aos demais dialetos, pelas leis da variação linguística, torna-se quase impossível que ele se constituísse como um dialeto homogêneo (e que este se conservasse homogêneo por quase 200 anos) (Koch, 1974).

Assim sendo, Koch (1974) elenca quatro aspectos pelos quais o *hunsrückisch* não poderia ser tão homogêneo:

1. Os imigrantes alemães se estabeleceram em três áreas de colonização distintas, separadas a quilômetros de distância;
2. Como os imigrantes vieram de diversas regiões da Alemanha (e de outros países de língua alemã), a língua falada nestas áreas foi resultado de uma convergência destas variedades;
3. Quando há concorrência de duas ou mais estruturas linguísticas equivalentes, a tendência é de que apenas uma forma sobreviva;
4. O número de imigrantes variava conforme a região, o que resultou no domínio inicial de um dialeto sobre o outro;

Cada um dos núcleos de colonização acabou por exercer influências para as mudanças que ocorreram nestes dialetos. Trata-se, portanto, de um processo diferente daquele que foi verificado na Alemanha, onde os dialetos podiam ser bem delimitados/definidos, conforme a região onde eram falados, uma vez que as fronteiras geográficas ofereciam um obstáculo ao contato linguístico. No entanto, ao chegarem ao Rio Grande do Sul, os imigrantes oriundos de diferentes regiões e de países que falavam a língua alemã trouxeram consigo seus respectivos dialetos e acabaram tendo contato com outros imigrantes que dominavam outras variedades. Com isso, ao longo dos anos, o contato linguístico entre os diferentes dialetos e entre a língua portuguesa, fez com que os dialetos falados em cada comunidade sofressem um processo de mudança, provocado pela convergência de algumas diferenças linguísticas (Altenhofen, 1996).

Como prova de que o dialeto *hunsrückisch* não é uma variedade única, durante as entrevistas pode-se constatar algumas diferenças fonéticas entre os falantes oriundos de diferentes comunidades rurais do município de Santo Cristo. A este respeito, chamou atenção as variações fonéticas do verbo *haben* (ter), conjugado no tempo presente, na 1ª pessoa do singular. Assim, enquanto a maior parte dos falantes dizia: *ich hón*, alguns falantes apresentaram outras formas, como: *ich han* e também *ich hén*. Considerando que se trata de falantes que vivem no mesmo município, chama realmente atenção que a pronúncia de um único verbo sofra variações tão distintas. Esse fato ilustra o quão difícil pode ser a tarefa de se estabelecer uma unidade neste dialeto.

É importante destacar que estas variações também podem fazer parte das características de um familioleto. De acordo com Koch (1974:49) um familioleto “seria, então, o falar característico de uma família, que se distingue do falar comum local em via de formação pela conservação de características fonológicas ou lexicais de um imigrante ou grupo de imigrantes”.

Assim, além das diferenças que se verificam entre as comunidades, também se verifica que cada família pode apresentar um falar próprio. Determinar até que ponto os familioletos podem apresentar características particulares tão distintas da variedade falada pela comunidade consiste em um grande desafio, pois é preciso analisar o contexto e a configuração de cada família. Além disso, este assunto ainda carece de investigações mais aprofundadas de modo a determinar em quais níveis linguísticos estas diferenças se apresentam e até que ponto se diferem da variedade falada pela comunidade a que pertencem estas famílias.

1.7 SÍNTESE

Para além das variações que possam ocorrer entre os falantes, é necessário ressaltar que o processo de nivelamento (*Ausgleichung*), por meio da convergência das diferentes variedades linguísticas alemãs que interferiram no dialeto, foi responsável por conferir aos dialetos falados no Rio Grande do Sul atributos próprios, que os distinguem de suas variedades de origem. Além disso, outra característica que fez com que estes dialetos se distanciassem de sua variedade raiz, é a influência que vêm sofrendo da língua portuguesa, a língua oficialmente falada no Brasil. Essa influência é claramente percebida no campo lexical, em especial, pela ocorrência dos fenômenos *code-switching* e *borrowing* (Damke, 1997; Sambaquy-Wallner, 1997; Schaumloeffel, 2003). Isso pode ser percebido em frases como: “*tie sin schon lang am namorieren*”, “*E daí horã niemeh lang gelebt. Ele morreu então*” (exemplos retirados do corpus desta pesquisa). Entretanto, essa influência não é somente percebida no campo lexical, como este trabalho pretende demonstrar.

Diante destas constatações, o dialeto *hunsrückisch* deve ser considerado como uma nova língua falada no Rio Grande do Sul. É, pois, uma variedade alemã única que não pode ser igualada ao dialeto falado atualmente na região do Hunsrück, uma vez que as mutações sofridas, seja pelo contato com outras variedades alemãs, seja pelo contato com a língua portuguesa e pelo processo de mudança que cada língua sofre ao longo das gerações, concederam características próprias a esta variedade.

No próximo capítulo serão analisados de modo mais profundo os processos de mudanças ocorridos por meio do contato linguístico, e de como a perda de competências linguísticas pode interferir nesta mudança. Tais aspectos impactam diretamente nas mudanças e na criação de novas variedades, a exemplo do que vem ocorrendo com o dialeto *hunsrückisch* rio-grandense.

CAPÍTULO 2

2.1 A TEORIA DOS CAMPOS TOPOLÓGICOS

Neste capítulo serão abordados os parâmetros sintáticos do dialeto *hunsrückisch*, falado na cidade de Santo Cristo, que é o foco deste trabalho. Para esta abordagem, partir-se-á da análise das características sintáticas do alto alemão (*Hochdeutsch*); posteriormente, serão estudadas as particularidades sintáticas que caracterizam este dialeto. A análise da sintaxe do alto alemão justifica-se pelo fato de os parâmetros VO, V-2 e V-final serem comuns às duas variedades.

O critério para a classificação das características sintáticas da língua alemã é definido com base nos tipos de oração e na posição que o verbo finito ocupa em cada frase. Observando-se os exemplos abaixo, tem-se uma ideia das posições que ele pode ocupar:

1. a) **Hat** Peter die Aufgaben gemacht?
- b) Peter **hat** die Aufgaben gemacht.
- c) Ich stelle mir vor, dass Peter die Aufgaben gemacht **hat**.

Assim, o exemplo (1a) demonstra que o verbo na língua alemã pode ocupar a posição V-1, ou seja, neste caso, ele é o primeiro constituinte da oração; no exemplo (1b), nota-se que o verbo ocupa a segunda posição na oração (V-2); por fim, temos a posição V-final, ou seja, ele é o último constituinte da oração (1c). Com base na análise sistemática das posições verbais, percebe-se que o verbo ocupa posições bem rígidas na frase, a saber V-1, V-2 e V-final. A observação destas ocorrências permitiu a descrição dos parâmetros sintáticos da língua alemã. O aprofundamento desses aspectos ao longo deste capítulo permitirá lançar as bases para a compreensão do fenômeno que se pretende investigar neste trabalho.

Os padrões observados quanto à posição ocupada pelo verbo na língua alemã, possibilitou que o autor Oskar Erdmann elaborasse, no fim do século XIX, um modelo sistemático de análise sintática, conhecido como o modelo da *teoria dos campos frásicos* (*Satzfeldtheorie*). Este modelo, que foi retomado cem anos depois, especialmente pelas publicações de Höhle e Schöne (1986/2018), tem-se mostrado muito eficiente e permite uma análise clara da sintaxe da língua germânica. Trata-se de uma sistematização sintática tão eficaz que até hoje é amplamente utilizada, especialmente no ensino da língua alemã.

Levando-se em consideração que o verbo ocupa posições bem definidas nas orações, a teoria dos campos frásicos divide a oração em segmentos bem delimitados, denominados *Campos Topológicos (Stellungsfelder)* (Flores, 2008; Waichel, 1997). Portanto, neste esquema, é a posição ocupada pelo verbo que orienta a organização sintática dos demais elementos que compõem a frase.

No que se refere à estrutura dos campos topológicos, encontram-se basicamente 4 campos, a saber: a *fronteira verbal*, o *campo médio*, o *pré-campo* e o *pós-campo*. Importante destacar que a *fronteira verbal* é composta por dois campos: a *fronteira verbal esquerda* e a *fronteira verbal direita*. O *campo médio (Mittelfeld)* ocupa a posição entre estas duas fronteiras verbais, o *pré-campo (Vorfeld)* é formado pelos elementos que precedem a fronteira verbal esquerda e o *pós-campo (Nachfeld)* é formado pelos elementos que sucedem a fronteira verbal direita (Fleischer & Schallert, 2011; Flores, 2008; Grewendorf, 1988; Waichel, 1997). A representação a seguir ilustra o lugar ocupado por cada constituinte:



Imagem 5: representação dos campos topológicos da língua alemã

Os campos topológicos constituem uma clara e importante forma de análise dos constituintes sintáticos. Com base neste modelo, pode-se organizar melhor os tipos de frases e verificar a sua relação com a posição verbal (V-1, V-2 ou V-final), conforme tabela abaixo:

	Vorfeld	Linke Satzklammer	Mittelfeld	Rechte Satzklammer	Nachfeld
V-1					
a)	-	<i>Macht</i>	Peter die Aufgaben?	-	-
b)	-	<i>Hat</i>	Peter die Aufgaben	gemacht?	-
c)	-	<i>Mach</i>	die Aufgaben!	-	-
d)	-	<i>Hätte</i>	wohl Peter die Aufgaben	gemacht!	-
V-2					
e)	Peter	<i>macht</i>	die Aufgaben	-	mit großer Mühe.

f)	Peter	<i>hat</i>	die Aufgaben	gemacht.	-
g)	Peter	<i>wird</i>	-	Machen.	-
h)	Morgen	<i>wird</i>	Peter die Aufgaben	machen.	-
i)	Bis heute Abend	<i>sollen</i>	die Aufgaben	erledigen sein.	-
j)	Sie	<i>haben</i>	mir	gesagt,	dass Peter die Aufgaben allein machen soll.
k)	Peter	<i>schlägt</i>	das Buch	auf.	-
l)	Peter	<i>hat</i>	das Buch	aufgeschlagen.	-
m)	Peter	<i>schlägt</i>	-	vor,	dass wir die Aufgaben machen sollen.
V-final					
n)	-	<i>dass</i>	Peter die Aufgaben	machen soll.	-
o)	-	<i>weil</i>	er es	vorschlägt.	-

Tabela 1. Demonstração da ocupação dos constituintes nos campos topológicos das frases. Adaptado de Grewendorf (1988)

Os exemplos da Tabela 1 ajudam a ilustrar quais são os constituintes frasais que ocupam cada campo topológico. Além disso, observa-se claramente que o pré-campo, o campo médio e o pós-campo, a depender da frase, podem ficar vazios, ou seja, podem não ser ocupados por um constituinte. Por sua vez, verifica-se que cada campo, quando ocupado, apresenta constituintes específicos:

- a) o *pré-campo* é ocupado por apenas um constituinte, normalmente o sujeito da oração ou o advérbio/oração adverbial;
- b) a *fronteira verbal* subdivide-se em:
 - i. *Fronteira verbal esquerda*: esta fronteira encontra-se localizada entre o pré-campo e o campo médio. Esta é ocupada pelo verbo flexionado, em orações declarativas ou interrogativas (*Kernsatz* e *Stirnsatz*) ou pela conjunção, nas orações encaixadas com complementizador (*Spannsatz*⁸);
 - ii. *Fronteira verbal direita*: a fronteira verbal direita – que se localiza entre o campo médio e o pós-campo – é preenchida por outros elementos verbais,

⁸ Fleischer e Schallert (2011) apresentam também a seguinte terminologia *Kernsatz*, *Stirnsatz* e *Spannsatz* para classificar os três principais tipos de frases, conforme a posição ocupada pelo verbo. Assim, uma *Kernsatz* é uma oração na qual o pré-campo está ocupado por um constituinte e o verbo flexionado aparece na fronteira verbal esquerda (exemplos *e* e *m* da Tabela 1). *Stirnsatz*, por sua vez, é a expressão utilizada para designar as orações que são iniciadas pelo verbo, o qual ocupa a fronteira verbal esquerda – neste caso, o pré-campo permanece vazio (exemplos *a* e *d* da tabela 1). Por fim, a *Spannsatz* é uma oração na qual o verbo flexionado encontra-se na fronteira verbal direita – orações encaixadas com complementizador (exemplos *n* e *o*).

como prefixos separáveis (exemplos *k* e *m*) e as formas verbais não finitas (infinitivo, participio II).

Para que a fronteira verbal seja preenchida em orações declarativas, é necessário que o verbo apresente uma construção complexa, dividindo-se em duas partes (por exemplo: verbo finito + verbo infinitivo ou partícula separada). Desse modo, os campos da fronteira verbal são completamente preenchidos, pois a fronteira verbal direita é ocupada pelo verbo finito (segundo constituinte oracional), permitindo que o outro componente do complexo verbal ocupe o campo posterior.

- c) O *campo médio*: este campo é preenchido pelo objeto. Observa-se, portanto, que o objeto se encontra entre a fronteira verbal; essa característica permite classificar o alemão como uma língua de parâmetro OV, ou seja, o objeto localiza-se em posição anterior ao verbo. Esta propriedade sintática faz com que o alemão se diferencie da língua portuguesa – esse fator será posteriormente retomado, uma vez que essa diferença constitui um dos pontos principais da análise desta pesquisa. Este campo também pode ser ocupado pelo sujeito, quando se tratar de frases interrogativas.
- d) O *pós-campo*: como evidenciado pelos exemplos, o pós-campo na língua alemã padrão, especialmente na sua modalidade escrita, é raramente preenchido. Geralmente, complementos preposicionados ou orações encaixadas (estas possuem uma estrutura própria nesta teoria, como se vê nos exemplos *n* e *o*) ocupam este campo. Além disso, o preenchimento desse campo por PPs pode ser explicado pela *lei de crescimento do constituinte*. De acordo com esta lei, quanto maior o constituinte, maior a chance de ele ocupar uma posição mais afastada, em relação à ordem na qual os elementos sintáticos aparecem na oração (Behagel, 1932, *apud* Fleischer & Schallert, 2011:163).

Por meio da distribuição dos constituintes sintáticos neste modelo, construções frasais como as que ocorrem na letra b) [Tabela 1] *Peter hat die Aufgaben gemacht* – denominadas construções verbais perifrásticas (*periphrastischen Verbformen*) (Fleischer & Schallert, 2011) – chamam atenção. Apesar de o verbo finito se encontrar na segunda posição (V-2), nota-se que sua parte lexical (*gemacht*) se encontra “descontinuada” de sua parte funcional (*hat*). Essa descontinuidade fica ainda mais evidente quando comparada ao exemplo c) [da Tabela 1] *..., dass Peter die Aufgaben gemacht hat*. Nota-se que apesar de se tratar novamente de uma expressão

verbal complexa, as duas partes verbais encontram-se unidas (*gemacht hat*). Partindo dessa análise, passou-se a denominar essa descontinuidade como *Fronteira Verbal* (*Satzklammer*). A fronteira verbal constitui, portanto, uma das principais características sintáticas da língua alemã (Flores, 2008; Grewendorf, 1988; Waichel, 1997).

As orações apresentadas na Tabela 1 deixam ver claramente que a posição que o verbo ocupa em cada campo possui uma estrita relação com o tipo de frase em questão. Assim, os exemplos que compreendem a) e b) retratam frases interrogativas, imperativas e exclamativas (sentenças conhecidas pela posição V-1); os exemplos compreendidos entre e) e m) correspondem a frases declarativas (sentenças V-2); os exemplos entre n) e o) referem-se a orações encaixadas com complementizador (V-final)¹⁰. Waichel (1997) elaborou uma tabela-síntese que permite relacionar o posicionamento verbal ao tipo de frase correspondente:

I.	Sentenças V-1	II.	Sentenças V-2	III.	Sentenças V-final
a)	Imperativas;	a)	Raízes declarativas;	a)	Encaixadas com complementizador;
b)	Interrogativas (sim/não);	b)	Interrogativas (Wh-diretas;	b)	Interrogativas (Wh-indiretas);
c)	Condicionais sem conjunção	c)	Encaixadas sem complementizador	c)	Infinitivas

Tabela 2. Relação do posicionamento verbal correspondente ao tipo frasal. Adaptado de Waichel (1997: 3)

Com base na distribuição dos constituintes no campo topológico, é possível identificar os parâmetros sintáticos da língua alemã, relacionados ao verbo finito, que serão considerados na análise dos dados desta pesquisa. Destarte, três padrões destacam-se, a saber: nas orações declarativas, o verbo finito ocupa a segunda posição (V-2); nas orações encaixadas, ele ocupa a posição final (V-final). Além disso, a análise das construções verbais complexas possibilitou a constatação de outra característica: o objeto, na língua alemã, antecede o verbo – esta característica faz com que o alemão seja classificado como uma língua de parâmetro OV.

⁹ Neste trabalho optou-se por utilizar a tradução de Flores (2008) acerca dos termos relacionados à teoria do campo verbal.

¹⁰ Para uma análise mais abrangente dos tipos de sentenças alemãs, ver Grewendorf (1988: 21).

2.2 ADAPTAÇÃO DO MODELO TOPOLÓGICO AO MODELO X-BARRA

Apesar de o modelo topológico constituir-se em uma metodologia de análise sintática eficaz, ela ainda apresenta lacunas em relação às razões que justificam a ordem dos constituintes na língua alemã e a outros fenômenos associados a esse tema. Um dos grandes problemas evidenciados pelo modelo topológico é que ele apresenta os constituintes como se eles se relacionassem de maneira linear. Nesse sentido, Grewendorf (1988) aponta que a representação arbórea de representação sintática, desenvolvida a partir do modelo generativista (Chomsky, 1957), se mostra como um instrumento mais adequado para compreender a relação hierárquica dos constituintes. Além do mais, como cada constituinte pertence a uma categoria sintática específica, esta categoria pode ser demonstrada no esquema arbóreo, de modo a privilegiar a relação hierárquica dos constituintes oracionais (Grewendorf, 1989).

Grewendorf (1989) também chama atenção para a importância da relação hierárquica dos constituintes, uma vez que a desconsideração deste aspecto pode gerar construções agramaticais. O autor ilustra esta ideia por meio do seguinte exemplo: *Hat die Ente die Gans gebissen?* (*O pato mordeu o ganso?*). Se esta oração fosse analisada linearmente, o leitor poderia ser induzido a considerar que, na língua alemã, o artigo definido aparece depois do nome, conforme ocorre em: [...] *Ente die Gans* [...] Esta dedução resultaria em uma construção agramatical, pois, na língua alemã, o artigo não pode assumir uma posição pós-nominal. Nesse sentido, se a ordem dos constituintes obedecesse somente a critérios lineares, esse enunciado seria agramatical, uma vez que o artigo, em línguas como o português e o alemão, tem obrigatoriamente de aparecer na frente do substantivo. No entanto, uma análise mais atenta permite perceber que o segundo artigo se refere a outro constituinte, *Gans*, um substantivo pertencente a outra estrutura hierárquica.

Além disso, a representação arbórea dos constituintes oracionais trouxe significativas contribuições para a ampliação da elucidação de fenômenos gramaticais – percebidos na teoria dos campos frásicos, mas que não podiam a partir delas serem explicados. Assim, a “a aplicação do modelo topológico à teoria X-Barra veio abrir novas perspectivas de descrição da sintaxe alemã e apresentar a explicação que faltava da ligação entre a posição final e a posição V-2 do verbo, assim como a sua relação com o tipo de oração” (Flores, 2008:83). A transposição dos campos frásicos para o esquema arbóreo da teoria generativa “tem-se elaborado tão adequado e eficaz que constitui a mais importante base de descrição sintática da frase alemã. A possibilidade de acomodação deste modelo ao modelo generativista, nomeadamente à teoria X-barra, é evidência

da sua eficácia” (Flores, 2008:82). Como destacam Fleischer e Schallert (2011), o diagrama arbóreo serve como ilustração do processamento de como a sintaxe opera no sistema computacional mental. Além disso, esse modelo proporciona um modelo didático para ilustrar os fenômenos sintáticos.

De modo mais geral, a ilustração abaixo permite verificar como o modelo topológico pode se enquadrar no modelo X-barra generativista:

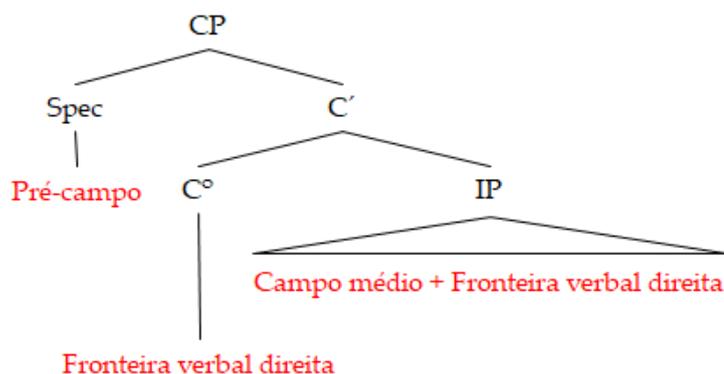


Imagem 6. Adaptação do modelo topológico ao modelo X-barra. Esquema adaptado de Grewendorf (1989)

Transpondo o modelo dos campos topológicos para a teoria X-barra, observa-se que o pré-campo (correspondente à posição ocupada pelo primeiro constituinte da oração alemã) equivale à posição de especificador do CP (SpecCP). Da mesma forma que ocorre no modelo topológico, o SpecCP só pode ser ocupado por um constituinte e não permite que seja precedido por outro, uma vez que a língua alemã não permite adjunções a CP ou IP (Fleischer & Schallert, 2011; Flores, 2008; Grewendorf, 1988; Waichel, 1997).

A fronteira verbal esquerda corresponde à posição de C°. C° pode ser ocupado pelo verbo finito, em orações principais, ou pela conjunção, em orações complexas. Uma análise mais profunda acerca desta fronteira verbal será realizada na próxima seção.

A fronteira verbal direita e o campo médio correspondem ao Verbalphrase (VP), conforme ilustra a imagem abaixo, retirada do livro de Grewendorf (1988):

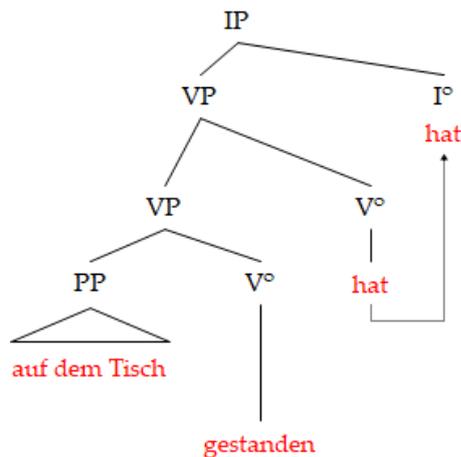


Imagem 7. Ilustração da fronteira verbal direita. Adaptado de Grewendorf (1988)

Na imagem acima, chama atenção o fato de que o verbo finito ocupa a posição V-final. É preciso levar em consideração que no alemão esta é a sua posição de base (*in situ*). Outro ponto a ser destacado relaciona-se à separação do verbo finito, que é movido para a posição I° (*inflection phrase*). Este movimento é necessário, uma vez que é na *head* de I que o verbo finito recebe suas características morfológicas de congruência (número, pessoa e tempo), também conhecidas como *φ-features*. Por este motivo, Grewendorf (1988) salienta que o *node* IP tem por objetivo fazer a ligação do sujeito com o predicado. É por meio desta ligação, portanto, que a frase é formada. Somente depois que o verbo finito recebe as características morfológicas em I°, ele pode ser movido para C°.

Para representar o pós-campo, é necessário criar uma projeção de adjunção, ou seja, é forçosa a duplicação de uma projeção. Nesse sentido, se o pós-campo for preenchido por um constituinte de natureza preposicional, este desloca-se do campo médio e é movido para a projeção de adjunção (*Extraposition*). Por outro lado, se uma oração encaixada ocupar o pós-campo, duplica-se a projeção do complementizador (CP).

Agora que, resumidamente, foi verificado como o modelo topológico encontra seu correspondente no modelo X-barra, passar-se-á à análise dos parâmetros da língua alemã e de como eles podem ser explicados neste modelo.

2.3 A POSIÇÃO V-2

Na seção anterior, já havia sido mencionado que uma das principais características sintáticas do alemão é a posição V-2, ou seja, independentemente da classe gramatical do primeiro

constituente das orações declarativas, o verbo finito ocupa sempre a segunda posição sintática. Esta proposição pode ser confirmada com base na observação da posição ocupada pelo verbo finito nos exemplos abaixo¹¹:

- 2
- a) Maria **hat** heute einen Kuchen gebacken. (sujeito animado)
 - b) Es **hat** heute geregnet. (sujeito explícito)
 - c) Gestern Abend **hat** es geregnet. (locução adverbial)
 - d) Geregnet **hat** es gestern. (particípio)
 - e) Ohne Unterlaß geregnet **hat** es heute. (frase verbal)
 - f) Geregnet ohne Unterlaß **hat** es heute. (frase verbal com particípio anteposto)

À primeira vista, o exemplo 2.a) poderia fazer com que o leitor chegasse à conclusão de que a sintaxe alemã se assemelha à sintaxe do português, uma vez que o sujeito ocupa a posição inicial da oração (o pré-campo) e o verbo aparece na segunda posição. No entanto, as diferenças se tornam evidentes quando o pré-campo é preenchido por outros constituintes, que não o sujeito. O alemão não permite que mais de um constituinte ocupe a posição de pré-campo, embora este campo possa ser ocupado por constituintes variados, tais como: sintagmas adverbiais, preposicionais, nominais e adjetivais, constituintes-QU e formas verbais não-finitas, assim como sintagmas coordenados e projeções verbais que funcionam como apenas um constituinte (Flores, 2008; Grewendorf, 1989; Rinke, 2007; Waichel, 1997). Quando um outro constituinte ocupar a primeira posição sintática, o fenômeno *verb-second* faz com que o sujeito passe a ocupar a posição pós-verbal. Assim, nas orações declarativas, o sujeito pode ocupar a posição SpecCP, mas se outro constituinte estiver ocupando SpecCP (XPSV), o sujeito se move somente até SpecIP, permanecendo abaixo do verbo finito, o que explica a sua posição pós-verbal.

Percebe-se que a posição V-2 é uma característica muito peculiar da sintaxe alemã, pois se trata de uma posição bem rígida, o que já não acontece no português – uma língua que admite adjunções de mais de um constituinte no pré-campo, conforme exemplo (3.a). Esta é, portanto, a grande diferença entre as línguas alemã e portuguesa, em relação à posição do verbo finito nas orações declarativas.

¹¹ Os exemplos foram adaptados de Rinke (2007).

3. a) Ontem a Maria não **caminhou** pelo bosque.
b) **Ouviram** do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante. (*trecho do Hino Nacional brasileiro*)

Rinke (2007) discute em seu trabalho a hipótese de que o português atualmente ser uma língua V-2 residual, o que poderia explicar uma possível semelhança entre a sintaxe alemã e a sintaxe do português, a exemplo da posição V-2, no caso de uma oração declarativa iniciada por sujeito e da inversão do sujeito no caso da ocupação do pré-campo. Rinke (2007), no entanto, ao fazer uma análise diacrônica das circunstâncias que envolvem o parâmetro V-2 identificou que a língua portuguesa não apresentou as condições necessárias para ter sido uma língua de parâmetro V-2. Assim sendo, sua pesquisa evidenciou que a posição V-2 não é obrigatória em todos os contextos com frases declarativas, uma vez que se trata de uma língua que, desde o século XIII, já demonstrava ter uma variabilidade de construções que permitiam a flexibilidade do posicionamento do verbo finito. Além disso, trata-se de língua que apresenta contextos em que a ocupação do pré-campo não exige a inversão do sujeito – situações obrigatórias em línguas de parâmetro V-2. Conseqüentemente, conforme destacado por Rinke (2007), não há deslocamento do verbo finito para a posição C°, mesmo quando há inversão do sujeito, como observado no exemplo 3.b). Neste caso, o verbo ocupa a primeira posição e o sujeito a terceira, a segunda posição que, na língua alemã deveria ser ocupada pelo verbo, é ocupada pelo complemento verbal.

Como o exemplo 3.b) demonstra, esta inversão não ocorre de forma livre na língua portuguesa, uma vez que se trata de uma inversão atípica, ou seja, os constituintes apresentam uma ordem marcada; trata-se, pois, de uma construção que depende de um contexto muito peculiar para ocorrer – neste caso, os versos do Hino Nacional referem-se a um contexto poético do período Parnasianista, movimento literário caracterizado pelo uso de uma linguagem mais rebuscada e da inversão sintática. Rinke (2007) afirma que, para a ocorrência da inversão do sujeito, é necessário que este ocupe uma posição estrutural profunda (SpecvP); além disso, o sujeito precisa apresentar uma informação discursiva nova (foco). A focalização seria, portanto, a justificativa para a ocorrência de uma estrutura sintática diferente – posição pós-verbal do sujeito.

Para confirmar a rigidez da posição V-2 da língua alemã, Rinke (2007) apresenta exemplos de orações declarativas, nas quais o verbo finito ocupa a terceira posição sintática:

4. a) *Heute es *hat* geregnet.
b) *Geregnet gestern *hat* es.

- c) *Geregnet es *hat*.
- d) Ontem a Maria *ganhou* flores.
- e) Se ontem a Maria *tivesse* se comportado, hoje ela *ganharia* um presente.

As sentenças (4.a) b) c) demonstram claramente que a posição V-3 é agramatical na língua alemã. Por outro lado, em português, a posição V-3 é aceita, conforme apontam os exemplos 4.d) e e). Na língua alemã, entretanto, somente em dois casos percebe-se uma exceção a esta regra: nas orações coordenadas. Isto ocorre porque as conjunções *aber* e *und* permitem que o sujeito venha antes do verbo, como ilustrado em 5.:

- 5. a) Aber er **kann** nichts machen.
- b) Als ich noch Klein war, da **konnte** ich noch nicht lesen.

Ademais, quando uma oração encaixada, de acordo com o exemplo 5.b), estiver deslocada no início da frase declarativa e, se esta for seguida de um advérbio, então, o verbo também ocupará a terceira posição. De acordo com Rinke (2007), não se pode, contudo, considerar que o verbo realmente ocupe a terceira posição, porquanto os linguistas ponderam que as conjunções e as orações encaixadas estão fora da CP (*complementizerphrase*). Ou seja, para fins de análise sintática, esses constituintes não pertencem propriamente à oração principal.

Estas considerações confirmam que o alemão é uma língua V-2, porém ainda não está claro como o verbo finito deixa a sua posição base (V-final) para ocupar a segunda posição sintática nas orações declarativas. Para compreender este movimento, é imprescindível que se considere a presença da partícula subordinativa, visto que é ela que determinará se uma frase será V-2 ou V-final.

Na língua alemã, a posição C° nunca poderá estar vazia. Destarte, ocorrem duas situações: ou C° será preenchido por uma conjunção, nas orações encaixadas, ou será preenchido pelo verbo finito, nas orações matrizes. Por outro lado, C° somente pode ser ocupado por um constituinte. Assim, no caso das orações encaixadas, a conjunção ocupa a posição C° e o verbo finito fica na sua posição básica, ou seja, no final da oração. Por outro lado, nas orações matrizes, como não há uma conjunção para ocupar C°, o verbo finito necessita ser movido de I° para C° (Flores, 2008; Grewendorf, 1988; Waichel, 1997).

A posição V-2 na língua alemã é considerada, portanto, assimétrica, visto que essa posição se limita às frases matrizes declarativas. Assim, os gramáticos passam a compreender que a posição V-2 ocorre por causa do deslocamento do verbo finito para a posição de base do complementizador (C°). Esse deslocamento para a posição C° é conhecido como *verb second* (V-2). Trata-se de uma característica sintática das línguas germânicas, com exceção do inglês (Waichel, 1997). O esquema abaixo ilustra o movimento do verbo finito:

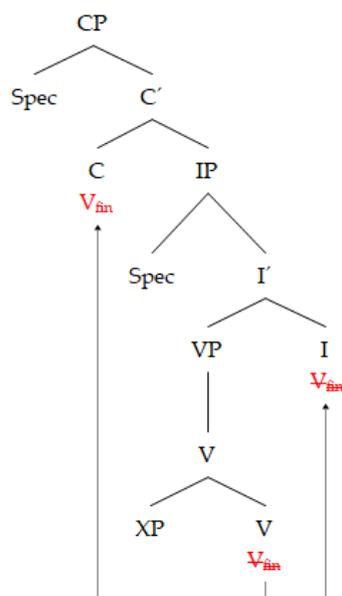


Imagem 8. Adaptado de Waichel (1997)

Waichel (1997), Grewendorf (1988), Flores (2008), com base nas observações de Tiersch (1978), afirmam que há duas regras de movimento que explicam as razões para o verbo ser movido para uma posição mais elevada. A primeira está relacionada às orações declarativas, nas quais o verbo finito é movido até a posição (C°). A outra explicação ocorre devido à “regra de topicalização”. Esta regra faz com que um constituinte seja elevado até a posição pré-verbal. Estas duas regras justificam-se pelo fato de que, na língua alemã, a posição C° não pode estar vazia. Além disso, a regra de topicalização também explica a ocorrência do fenômeno V-1, que será aprofundado a seguir.

2.4 A POSIÇÃO V-1

Como consequência da posição V-2, frases declarativas nas quais os verbos finitos ocupam a posição V-1 são igualmente consideradas agramaticais. Por outro lado, somente em

casos bem específicos, é possível que o verbo ocupe a primeira posição. Assim sendo, sentenças interrogativas sim/não, frases imperativas, contextos narrativos, *topic-drop* e em orações que enfatizam prosodicamente uma informação são os casos nos quais o verbo principal ocupará a primeira posição sintática, conforme ilustram os exemplos abaixo, retirados de Rinke (2007: 38):

6. a) **Hat** sie die Aufgaben gemacht? (sentenças interrogativas sim/não)
- b) **Hat** sie die Aufgaben endlich gemacht! (entonação enfática)
- c) **Hat** sie in Ruhe die Aufgaben gemacht. (contexto narrativo)
- d) Was macht sie jetzt? **Macht** die Aufgaben. (*topic-drop*)
- e) **Mach** die Aufgaben. (frases imperativas)

Esses exemplos mostram, no entanto, que, aparentemente, a língua alemã permite frases declarativas com verbo finito na posição inicial. Entretanto, trata-se de situações muito específicas, nas quais o especificador da CP, ou seja, a primeira posição da oração é ocupada por um constituinte foneticamente não realizado (Flores, 2008). De acordo com Rinke (2007), o que corrobora com essa evidência é o fato de que, se for acrescentado um outro constituinte, algumas orações não necessariamente tornam-se agramaticais, mas acabam por expressar outro sentido, conforme ilustrado em 7.:

7. a) *Letztes Jahr **hat** sie die Aufgaben gemacht? (*Entscheidungsfrage*)
- b) * Letztes Jahr **hat** sie die Aufgaben endlich gemacht! (entonação enfática)
- c) * Letztes Jahr **hat** sie in Ruhe die Aufgaben gemacht. (contexto narrativo)
- d) Was macht sie jetzt? *Im Moment **macht** die Aufgaben. (*Topic-drop*)
- e) *Jetzt **mach** die Aufgaben. (Frases imperativas)

A posição V-1 em frases declarativas é um fenômeno que também se observa no alto alemão e ocorre sob condições específicas, especialmente nos contextos envolvendo *topic-drop*. Neste caso, um constituinte do pré-campo é omitido e a posição do pré-campo é foneticamente vazia. Assim, por causa da ausência do pré-campo, o verbo passa a ser o primeiro constituinte frasal, formando as orações V-1 (Flores, 2008; Schmitz, Patuto & Müller, 2011, dentre outros). Dessa maneira, o fenômeno *topic-drop* somente pode ocorrer no início da oração, conforme o seguinte exemplo:

9. a) *Hast du das Buch gelesen?* - _[pro] *Hab 's.*
b) Você leu o livro? - _[pro] Li-o

Com base nestas premissas, nota-se que a omissão do sujeito na língua alemã ocorre somente em casos bem específicos, pois não se trata de uma língua que permite a produção de sujeito nulo, o que é uma consequência de o alemão ser uma língua *non-pro-drop*. Para compreender melhor este fenômeno, é necessário reportar ao *Extended Projection Principle* (EPP). De acordo com este princípio, todas as sentenças precisam de um sujeito. Em línguas como o alemão, que exigem a realização deste sujeito, há a necessidade de um pronome expletivo (*Es regnet*), em verbos que exigem sujeitos impessoais. Por sua vez, nem todas as línguas possuem expletivo em seu sistema pronominal, como é o caso do português. Entretanto, este princípio não obriga que o sujeito seja expresso por meio de um pronome. De acordo com Rizzi (1986) e Chomsky (1981), o sujeito nulo somente pode ocorrer nestas línguas, porque ele está licenciado. Este licenciamento ocorre por meio das *φ -features*, que são propriedades morfológicas (flexão verbal) de concordância entre sujeito e verbo as quais permitem a identificação do sujeito de forma implícita. Com base nestes parâmetros, as línguas são divididas em línguas *pro-drop* (as quais não realizam foneticamente o sujeito, e as línguas *non-pro-drop*, que apresentam sujeito foneticamente realizado).

Considerando estes aspectos, nota-se que, em línguas como o espanhol, o italiano e o português europeu, sua rica morfologia verbal dá pistas para o reconhecimento do sujeito; como no caso do verbo *caminhou*, nota-se, por meio de sua desinência verbal, de que se trata da 3ª pessoa do singular (ele/ela). A língua alemã, pelo contrário, não apresenta esta riqueza morfológica; portanto, a realização do sujeito ocorre para evitar a ambiguidade discursiva. Por outro lado, no português brasileiro tem-se verificado uma alteração do parâmetro do sujeito nulo. De acordo com Kato et al. (2006), especialmente a partir da segunda metade do século XX, vem-se notando uma tendência à realização fonética dos sujeitos referenciais. Desse modo, o português brasileiro está a se diferenciar das outras línguas *pro-drop* pelo fato de aceitar construções com sujeito nulo e sujeitos obrigatórios, vindo, assim, a ser classificada como uma língua de sujeito nulo parcial (Buthers & Duarte, 2012; Kato et al. 2006).

Estudos envolvendo bilíngues de línguas *pro-drop* e *non-pro-drop* têm apontado que a omissão do sujeito é um tópico muito mais complexo de ser internalizado, em comparação de sua realização (Schmitz, Patuto & Müller, 2011; Tsimpli et al. 2004, dentre outros). Além disso, o

estudo de Schmitz, Patuto e Müller (2011), realizado com crianças bilíngues falantes de línguas *non-pro-drop* (alemão e francês) e *pro-drop* (italiano), demonstrou que a maior parte dos pronomes foneticamente não realizáveis são os de 1ª e 2ª pessoa – que são considerados pronomes dêiticos, uma vez que o referente é facilmente reconhecido no discurso. Os pronomes da 3ª pessoa provocam mais ambiguidade e, por este motivo, estão mais sujeitos a serem realizados.

Como se observa, a posição do verbo finito na língua é bem rígida e alterações são licenciadas em contextos bem limitados. No entanto, não é somente o verbo finito que possui regras bem definidas, na fronteira verbal direita também se verificam certas condições que precisam ser preenchidas. Este assunto será discutido na seção a seguir.

2.5 A POSIÇÃO DO OBJETO EM RELAÇÃO AO VERBO: OS PARÂMETROS OV E VO

Ao contrário do que ocorre na sintaxe da língua alemã, a língua portuguesa pode apresentar até mesmo seis combinações entre o sujeito, o verbo e o objeto:

8. a) SVO: A Maria *leu* um livro.
- b) SOV: A Maria um livro *leu*.
- c) VSO: *Leu* a Maria um livro.
- d) VOS: *Leu* um livro a Maria.
- e) OVS: Um livro *leu* a Maria.
- f) OSV: Um livro, a Maria *leu*²².

Contudo, apesar dessa aparente liberdade em relação às posições ocupadas pelo verbo, o português é conhecido por ser uma língua de parâmetro SVO. A ordem sujeito + verbo + objeto é a ordem sintática básica. Rinke (2007) interpreta a ordem SOV no português moderno como uma estrutura topicalizada, por isso ela somente pode ser aceita como uma construção gramatical em determinadas situações discursivas. Destarte, o fato de se encontrarem exemplos aceitos pela gramática tradicional desse tipo de construção, a frequência e o contexto em que ocorrem são muito específicos e restritos. Isso não afeta, portanto, o parâmetro SVO da língua portuguesa.

Em defesa da afirmação de que a língua portuguesa é uma língua SVO, Rinke (2007) igualmente ressalta que esta é a ordem não marcada, ou seja, aquela que prosodicamente soa

²² Exemplos adaptados de Rinke (2007).

mais natural. Assim, esta construção é tipicamente encontrada como a resposta à pergunta: *O que aconteceu?* Como resposta, teríamos a ordem S+V+O, como, por exemplo: *O João comeu um bolo*. Além disso, o alto grau de aceitabilidade entre os falantes, a grande quantidade de orações produzidas com esta sequência, a ausência de vírgula e a entonação natural desta ordem – não há pausas ou elevação de entonação nesta ordem – são evidências de que o português é uma língua de padrão SVO.

Com base nestas considerações, a posição do objeto em relação ao verbo constitui um parâmetro que distingue a língua alemã da língua portuguesa. Sendo assim, no idioma alemão, o objeto é anteposto ao verbo, trata-se, desta maneira, de uma língua OV. No português, por sua vez, o objeto é posposto ao verbo, configurando-se em uma língua VO. Esta característica é reflexo do posicionamento do núcleo verbal: enquanto o alemão se caracteriza por ser uma língua de verbos núcleo-final, o português apresenta verbos núcleo-inicial. O núcleo de V (V^o) muda conforme o parâmetro OV ou VO. As seguintes representações arbóreas sintáticas ilustram esta propriedade (imagens 5 e 6):

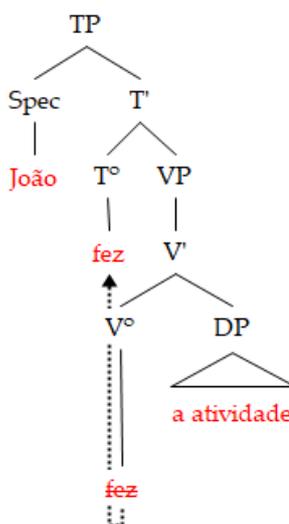


Imagem 9. Representação arbórea – língua VO

Comparando-se a estrutura do português com a estrutura sintática do alemão, fica claro que o núcleo verbal do idioma português se localiza à esquerda do objeto e no alemão à sua direita:

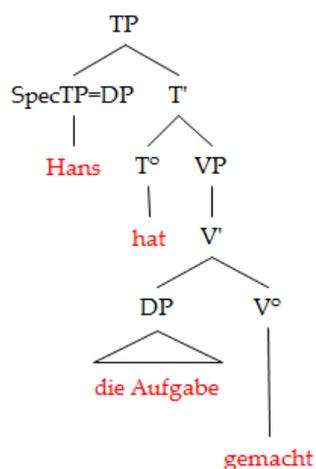
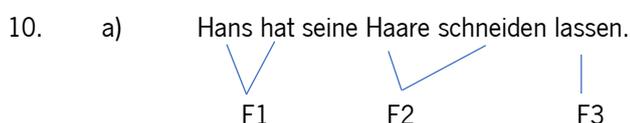


Imagem 10. Representação arbórea – língua OV

Além do posicionamento do núcleo verbal, Schallert (2010), embasado nos estudos de Bech (1983), analisa profundamente o *campo verbal* para explicar os fenômenos que lá ocorrem e buscar uma compreensão mais ampla acerca das diferenças existentes entre as línguas OV e VO. O campo verbal (F), conforme Bech (1983), serve para identificar a coerência de uma oração, uma vez que neste campo são determinadas a sequência, a congruência e a regência verbal. Assim, cada verbo finito ou supino (V_n) pertence a um campo verbal, e cada campo verbal é, por sua vez, composto por um verbo e pela porção frasal que lhe é dependente (Grewendorf, 1987). Ao considerar o exemplo 10., pode-se identificar claramente a presença de 3 verbos (*hat*, *schneiden* e *lassen*); cada verbo, a seu modo, forma um campo verbal ao ser associado a seu constituinte dependente, assim, o verbo finito *hat* solicita a presença de um sujeito, *Hans*, com o qual concorda em número e pessoa, o verbo *schneiden* solicita um objeto – *was schneiden? die Haare* – *lassen* é o verbo infinitivo que, neste caso, não solicita um componente frasal, mas que possui semântica e sintaticamente uma função própria na frase.



Para explicar as diferenças entre as línguas OV e VO, Schallert pauta-se em dois aspectos pertencentes à fronteira verbal direita: o *Statusreaktion* (status de regência – *S-Rektion*) e o *campo de estrutura sutil* (*topologische Feingliederung*), denominado *campo de fechamento* (*Schlussfeld*). Faz-se necessário explicar o que vem a ser o *Schlussfeld*, uma vez que é dentro deste campo que se encontra a cadeia verbal – sequência de verbos interligados entre si por meio do status de

Na língua alemã, o *Unterfeld* sempre será ocupado por dois verbos maximamente subordinados, enquanto o *Oberfeld* sempre será preenchido pelo verbo finito e eventualmente por outros verbos. Assim, para que o *Oberfeld* exista, é necessário que as seguintes condições sejam preenchidas:

- a) O *Oberfeld* deve conter apenas um verbo finito ou verbos do primeiro status;
- b) O *Oberfeld* é relativamente átono, enquanto a primeira parte do *Unterfeld* é tônica (Grewendorf, 1987: 130).

Ao comparar-se, nas línguas OV e VO, o comportamento da cadeia verbal no *Schlussfeld*, é possível perceber que uma língua espelha a sequência verbal da outra, conforme demonstrado no exemplo (12.a) b). Assim, vê-se que a língua portuguesa apresenta uma sequência crescente dos verbos, e o alemão, por sua vez, apresenta uma sequência decrescente:

- 13. a) (port.) ...que o João deve₁ ter₂ sido₃ eleito₄.
- b) (alemão) ...dass Hans gewählt₄ worden₃ sein₂ muss₁.

É preciso considerar, porém, que a língua alemã, por causa da existência do *Oberfeld*, admite mais de uma possibilidade para esta sequência verbal. Chama a atenção, no entanto, que as línguas VO, como o português, somente aceitam a sequência descrita em (13.a). Diante desta colocação, construções como *...que o João eleito deve ter sido* ou *...que o João sido eleito deve ter* não agramaticais.

Outro aspecto que chama atenção na cadeia verbal nas orações encaixadas é que as línguas OV apresentam uma característica própria, qual seja, elas não aceitam que outro elemento se interponha na cadeia verbal. Essa intolerância é justificada pela S-regência (*S-Rektion*) que faz com que a cadeia verbal apresente uma estrutura compacta. Isso não ocorre nas línguas VO, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- 14. a) ...que a teoria *deve* com certeza *ter sido* muito mal *elaborada*.
- b) ...dass die Theorie wohl tatsächlich sehr schlecht *formuliert worden ist*³.

³ Não obstante, essa compactação da cadeia verbal pode ser interrompida por dois fenômenos: verb raising (VR) e verb projection raising (VPR). Como se vê, por exemplo, em: ...das Hans will ein Haus kaufen. É evidente que se trata de dois fenômenos específicos e que não alteram o parâmetro do verb clustern, típico da língua alemã.

Como se verificou, a sequência verbal em línguas OV tem um padrão bem rígido em comparação com as línguas VO. Não obstante, há certos contextos nos quais se verifica certa variabilidade em relação a esta regra, assunto que será debatido nas seções 2.6.3 e 2.6.4. No entanto, a sua rigidez não se mensura apenas por meio da sequência verbal, mas também pela posição das partículas verbais separáveis, tópico que será apresentado a seguir.

2.6 PARTÍCULAS SEPARÁVEIS E A POSIÇÃO DO OBJETO

Outro fator que distingue as línguas OV e VO é a localização das partículas dos verbos de partícula separável (*trennbare Partikel*). A língua portuguesa não apresenta esse fenômeno; na língua alemã, de outro modo, esse fenômeno ocorre sob condições bem específicas.

Verbos com partículas separáveis, como o próprio nome já indica, são verbos que possuem um prefixo móvel. Este, a depender do tipo de oração, pode apresentar-se separado do verbo. Assim, em uma oração subordinada, podemos encontrar a seguinte construção: *dass er die Tür aufmacht*; por outro lado, em uma oração declarativa, verbo e partícula estarão separados: *er macht die Tür auf*. Além disso, em construções participiais ou infinitivas, entre a partícula e o verbo, acrescenta-se uma estrutura morfológica – *ge* para os participios e *zu* para os infinitivos: *sie ist von der Treppe hinabgestürzt, es freut mich, dich kennenzulernen* (Fourquet, 1974).

De acordo com Grewendorf (1989), Becker e Peschel (2003) e Fourquet (1974), os verbos com partículas separáveis apresentam as seguintes características:

- a sílaba tônica não ocorre na raiz verbal (*umflattern*, *ausmachen...*); os verbos com prefixos não separáveis apresentam sílaba tônica na raiz verbal (*übersetzen*, *unterstützen...*);
- a partícula pode ser separada da raiz verbal por meio de morfemas flexionais (por exemplo: *abgenommen*, *abzunehmen*);
- a regência verbal faz com que estes verbos sejam transitivos;
- a partícula não acompanha o verbo quando este se move para a posição V-2 nas orações principais;

Waichel (1997) argumenta que o fato de a partícula separável estar localizada no final da frase, juntamente com o verbo, é mais um indicio de que a posição de base do verbo é V-final e que as sentenças matrizes são estruturas derivadas no idioma alemão. Como formam uma unidade semântica, a partícula e o verbo precisam ser geradas em uma única posição. Assim, nas orações matrizes, somente o verbo é movido para V-2, enquanto a partícula permanece na sua posição de origem.

Em relação à posição do objeto, o comportamento das partículas separáveis nas línguas de parâmetro OV e VO é bem específico. Como prova destas diferenças, Schallert (2010) analisa o comportamento desses verbos na língua alemã – língua de parâmetro OV – e na língua inglesa – língua de parâmetro VO – e destaca que somente as línguas OV permitem que a partícula separada seja inserida à esquerda do verbo, exemplos (15.a) b):

15. a) Na língua alemã: *nachschauen, umkreisen, durchfahren...*
- b) Na língua inglesa, este posicionamento é agramatical: **up look, *up pick; *over cross...*

Por outro lado, a inserção da partícula separada à direita somente pode ocorrer nas línguas VO, conforme demonstrado em (16.a). A agramaticalidade observada no exemplo (16.b) é sustentada pelo padrão OV, pois o prefixo móvel precisa vir depois do objeto, uma vez que permanece em sua posição *in situ*.

16. a) No inglês: *Look up the information; pick up the bag...*
- b) No alemão: **schaut nach die Information; *holl ab den Koffer...*

De outra forma, nas orações encaixadas, verifica-se que uma característica bem marcada na língua alemã está associada à junção do prefixo móvel à esquerda do verbo. Isso não ocorre nas orações matrizes, uma vez que nestas construções a partícula é separada do verbo (ver exemplos 17.a) b). Essa assimetria não é verificada na língua inglesa.

17. a) Sie sagt, dass Hans etwas vorschlägt.
- b) Hans schlägt vor, dass man die Aufgaben für morgen lässt.

Ainda em relação à posição da partícula separada, a comparação com as línguas VO demonstra que estas admitem dois padrões para o seu posicionamento, nomeadamente, verbo+partícula+objeto ou verbo+objeto+partícula, conforme verificado nos exemplos 18.a) e b):

18. a) He has look up the information.
- b) He has look the information up.
- c) Sie schaltet das Licht aus.
- d) *Sie schaltet aus das Licht.

No alemão, contudo, a colocação da partícula separada antes do objeto não é possível, como se verifica pela agramaticalidade dos exemplos (18.d) e (16.b). Isso pode ser explicado pelo fato de que a posição base do verbo finito é V-final; quando ele ocupa a segunda posição, é somente o verbo que pode ser elevado a C° e a partícula permanece no final da oração, na sua posição base.

As propriedades sintáticas vistas neste capítulo são pertinentes ao alto alemão, mas também dizem respeito aos dialetos alemães. Os fenômenos que serão apresentados na sequência foram identificados em outros dialetos alemães.

2.7 ESTRUTURAS DA SINTAXE DOS DIALETOS ALEMÃES

A seguir serão apresentados fenômenos que diferenciam os dialetos alemães da variedade padrão Hochdeutsch – no entanto, não significam que não possam aparecer no alemão padrão, mas os traços que distinguem estas variedades da língua padrão é o seu licenciamento em mais contextos e a frequência na qual ocorrem. Entre os fenômenos encontram-se construções perifrásticas particulares, *weil V-2*, *verb raising*, *verb projection raising* e *extraposition*.

2.7.1 Construções perifrásticas

As línguas germânicas, quando comparadas às românicas, por exemplo, são conhecidas por apresentarem poucos recursos morfológicos que compõem o seu sistema de tempo verbal. Para compensar essa escassez, é comum que os tempos verbais sejam expressos por meio do uso de verbos auxiliares. Assim, com exceção do *Präsens* (presente) e do *Präteritum* (pretérito), os demais tempos verbais são compostos por meio de verbos auxiliares: *sein*, *haben*, *werden* e

tun (verbo muito presente na linguagem informal e nos dialetos alemães) associados à forma participial do verbo (Fleischer & Schallert, 2011). Uma característica do dialeto *hunsrückisch* é o desuso do tempo *Präteritum*. Este, de acordo com Maselko (2013), ainda se mantém vivo especialmente nos verbos modais e auxiliares. A quase extinção do *Präteritum* pode ser um indício da preferência pelas formas verbais complexas no dialeto, como destacam Fleischer e Schallert (2011).

Construções verbais perifrásticas são construções verbais complexas nas quais uma forma verbal é expressa por meio de dois verbos. Assim, uma dessas partes carrega consigo informações de ordem sintática; trata-se de um verbo flexionado que desempenha na frase a função de verbo auxiliar. A outra parte apresenta conteúdo semântico e apresenta poucas informações sintáticas – geralmente constitui-se de um infinitivo ou de um participio. Uma peculiaridade deste tipo de construção é a descontinuidade verbal, uma vez que estes verbos são intercalados por constituintes da oração, como, por exemplo, o objeto (Fleischer & Schallert, 2011).

As construções perifrásticas costumam ocorrer especialmente por meio três tempos verbais: *Perfekt* (passado composto), *Plusquamperfekt* (passado mais que perfeito) e *Futur I* (futuro do presente)¹⁴. Além disso, construções passivas também são contempladas nesta classificação, uma vez que, na língua alemã, o passivo é realizado por um verbo auxiliar *werden* e outro no participio.

Outra propriedade importante em relação às construções perifrásticas no dialeto é o *borrowing*. Neste caso, o verbo apocopado é um verbo da língua portuguesa que recebe características morfológicas do alemão. Essas construções são muito frequentes, conforme observação de Maselko (2013). Assim, podem-se citar alguns exemplos: *tie sin am namorierã*, *te tut festejierã*, *tie Mama hat liguiert*. Além das construções perifrásticas com verbos auxiliares que também ocorrem no Hochdeutsch, dois tipos de construção verbal complexa próprios dos dialetos alemães são as *Verlaufsformen*: as *tun*-perífrases e as construções *sein+am+Progressiv*, que serão apresentadas na sequência.

¹⁴ O tempo verbal *Futur II* é formado por dois verbos auxiliares, a saber: *werden...haben*. Como na modalidade dialetal estudada raramente encontram-se construções verbais desta ordem, não se fará incursões sobre esse tema neste trabalho. De acordo com o estudo de Maselko (2013), esse tempo verbal, além do verbo auxiliar *haben* também pode ser composto pelo auxiliar *sein*.

2.7.1.1. *Tun*-perífrase

As *tun*-perífrases são construídas pela forma finita do verbo *tun* associada a outro verbo apocopado no infinitivo, como por exemplo: *tun schreiwã*. As construções *tun*+Verbo são conhecidas na literatura por serem *Verlaufsformen*, ou seja, seu significado está associado ao momento específico em que determinada ação ocorre, independentemente do tempo verbal expresso pelo contexto da oração. Por expressarem o momento em que uma ação ocorre, possuem um significado mais subjetivo, e a simples análise das características morfológicas de sua conjugação verbal não pode ser considerada como um indicio de classificação do tempo verbal que realmente exprimem. Além disso, as *tun*-perífrases não são compatíveis com verbos auxiliares ou modais. Desse modo, formas passivas, pretérito perfeito ou futuro composto não podem ser demonstradas por meio dessas construções (Maselko, 2013).

Quanto à significação global dessas construções, Maselko (2013) sustenta a tese de que as *tun*-perífrases expressam um sentido global de tempo presente, enquanto o trabalho de Schwarz (2004) defende que elas expressam um sentido geral de tempo futuro. Considerando as ocorrências perifrásticas com *tun* no dialeto *hunsrückisch*, nota-se que elas se referem majoritariamente ao tempo presente, sustentando o entendimento de Maselko (2013). É necessário comentar que esta confirmação se deve ao fato de que o trabalho de Maselko também foi realizado com o dialeto *hunsrückisch* rio-grandense, com variedades que se aproximam do dialeto falado em Santo Cristo.

Além da ideia global de tempo futuro expressa nestes verbos, essas construções podem apresentar outros tempos verbais bem específicos, especialmente, quando estas perífrases aparecem associadas a um advérbio. Assim, por exemplo, elas podem expressar o tempo futuro, conforme se verifica neste exemplo: *moiã tun ich schawã kehn (Morgen werde ich arbeiten gehen)*. Nesse sentido, Schwarz (2004) encontrou três circunstâncias temporais expressas por estas construções:

- *tun*+verbo: expressam o tempo presente. Ex.: *Ich tun kén mi`m Caminhão fóhrã*.
- *tun*+verbo: expressam o conjuntivo. Ex.: *Ich tät kén mi`m Caminhão fóhrã*. Segundo Maselko (2013), o conjuntivo, no dialeto *hunsrückisch* riograndense, é preferencialmente formado pelo pretérito do verbo *tun* (*tät/teeť*) adjungado a outro verbo no infinitivo, ao invés das construções perifrásticas com *werden*, como ocorre no alemão padrão.
- advérbio+*tun*+verbo: expressa o futuro. Ex.: *Moiã tun ich in die Stadt fóhrã*.

Com base nisso, para questões de classificação dos dados coletados nesta pesquisa, considerar-se-á o tempo verbal expresso pelo contexto no qual estas construções com *tun*+perífrase aparecerão.

2.7.1.2 *Am-Progressiv*

Outro tipo de construção sintática, descrita como sendo muito comum no dialeto hunsrückisch, é *sein_{FIN}+am+V_{INF}* também conhecida como *am+Progressiv*. Esta construção além de ser utilizada no dialeto hunsrückisch, também é muito comum em outras variedades orais alemãs, a exemplo do Pennsylvaniadeutsch, conforme destaca a tese de doutorado de Tomas (2016).

Um dos aspectos mais relevantes abordados por Tomas (2016) é a defesa de que este *Verlaufsinfinitiv* deva ser escrito em letras minúsculas, uma vez que o verbo desta construção não pode ser substantivado. Trata-se de um ponto relevante, pois neste tipo de construção o verbo é escrito, na maioria das vezes, com inicial maiúscula – especialmente quando se considera sua ocorrência na imprensa ou até mesmo em artigos acadêmicos (Flick & Kuhmichel, 2013).

Em defesa da não substantivação deste verbo, Tomas (2016) apresenta algumas evidências que comprovam esta tese, as quais também podem ser identificadas no dialeto hunsrückisch. Assim, ao se considerar os exemplos contidos em (19) do dialeto hunsrückisch, notam-se algumas evidências que demonstram que esse verbo não pode ser substantivado.

19. a) Anna ist am págã.
b) Anna ist Brot am págã.

Considerando o exemplo (19.a), o verbo *backen* poderia ser interpretado como um verbo substantivado, *das Backen*. No entanto, se for acrescentado um objeto acusativo à oração, como no caso de (19.b), *Anna ist Brot am págã*, nota-se que o sentido expresso em ambas as frases é o mesmo, ou seja, o verbo faz menção à atividade que está sendo realizada naquele exato momento. Caso se tratasse de um verbo substantivado, *das Backen*, uma construção como (19.b) seria considerada agramatical, uma vez que substantivos não podem reger o caso dos objetos. Percebe-se, portanto, que somente um verbo pode determinar o caso dos objetos. Com base nesta evidência, o verbo infinitivo desta construção não pode ser um verbo substantivado, uma vez que

substantivos podem, no máximo, solicitar uma preposição no caso de frases nominais, por exemplo: *Hoffnung auf*, mas nunca reger o caso de um objeto.

Outro argumento em defesa da substantivação do verbo infinitivo nesta construção, é o entendimento de que a partícula *am* seria a fusão da preposição *an+dem* (ou seja, a fusão de preposição + artigo). Assim, pela sequência lógica desta estrutura, é natural que esta fosse seguida por um substantivo, o que sustentaria a ideia de que se trata de um verbo substantivado. Tomas (2016) refuta, porém, esta ideia ao destacar que em algumas preposições ainda expressam algum valor semântico, através do qual é possível identificar sua função ou relação. Assim, o autor cita alguns exemplos como: *in der Badewanne* – a preposição *in* indica local; *in der Mittagspause* – expressa situação de tempo; *in Not* – indica causa; *an der Wand* – expressa um local; *an dem 25.04.* – indicação de tempo, dentre outros exemplos.

No entanto, do ponto de vista semântico, não é possível isolar o sentido próprio indicado pela *Verlaufspräposition am*. Esta constatação seria uma evidência de que não se identifica mais a função de uma preposição contida nesta partícula. Sendo assim, o sentido que esta construção progressiva expressa é a informação da atividade/ocupação que ocorre naquele exato momento com o sujeito – caso se tratasse de uma preposição, a expressão indicaria o local onde o sujeito se encontra.

Considerando os exemplos abaixo (20.), nota-se que as construções b) e c) são agramaticais nos dois dialetos em questão:

20. a) João ist am schawã.
b) *João ist an dem schawã.
c) *João ist an einem schawã.

A agramaticalidade dos exemplos (20.b) e c) deixa claro que a partícula *am* não é empregada, nesta construção, com a função de uma legítima preposição. Nesse sentido, é preciso desvinculá-la da frase nominal, pois, caso se tratasse realmente de uma preposição, a presença de um determinante seria possível e até obrigatória.

Dentre as características apresentadas por Tomas em relação à construção *am+Progressiv* no *Pennsylvania German*, uma parece distanciar-se completamente das particularidades observadas com esta construção no dialeto *hunsrückisch*, a saber: a topicalização desta construção. Tomas (2016) afirma que não é possível topicalizá-la no dialeto alemão falado nos EUA. Por outro lado, o exemplo apresentado em (21.) deixa claro que a topicalização é possível

no dialeto *hunsrückisch*. No entanto, o exemplo 21.c) deixa claro que esta topicalização somente é possível quando a partícula *am* está na frente do verbo. A elevação do verbo na posição V-1 é agramatical nestas construções, o que também foi evidenciado por Tomas (2016).

21. a) Was macht te Paba?
- b) Am schawã is'a.
- c) *Schawã am is'a.

Essas características apontadas por Tomas (2016), e que são verificadas também no dialeto *hunsrückisch*, constituem provas cabais para a confirmação de que a partícula *am* está no caminho de ser gramaticalizada nas construções progressivas. Assim sendo, a partícula *am* não pode mais ser considerada como uma fusão de uma preposição + artigo dativo; ela deve ser considerada, nestes dialetos, como uma inserção idiossincrática empregada como uma partícula gramatical que tem por objetivo de introduzir um verbo infinitivo, função que pode ser encontrada desde o MHD e que se assemelha à função da partícula *zu+infinitiv*.

2.7.2 *Wei*/Construções em frases encaixadas

Outro aspecto peculiar da sintaxe do dialeto *hunsrückisch*, falado no Sul do Brasil, é referente às orações encaixadas introduzidas por *weil*. Trata-se de uma conjunção subordinativa alemã que exprime um sentido causalidade. Consiste-se, assim, em uma conjunção que liga uma oração matriz a uma oração encaixada. Como visto anteriormente, uma característica sintática das orações encaixadas é que o verbo finito permanece em sua posição básica, ou seja, ocupa a posição V-final. No entanto, cada vez mais é discutida (Boas, 2009; Hopp & Putnam, 2015; Reis, 2013; Selting, 1999; dentre outros) a ocorrência de orações encaixadas com *weil*, nas variedades dialetais e também na variedade *standard* falada que apresentam verbo finito na segunda posição, o que vem a ser chamado de W-V2 (Reis, 2013).

De acordo com Reis (2013), as orações encaixadas com *weil*, nas quais o verbo finito ocupa a segunda posição, apresentam as seguintes características:

- a) trata-se de orações praticamente inseridas (são, portanto, sintaticamente desintegradas);

- b) são prosodicamente desintegradas, ou seja, a frase matriz e a oração *weil* V-2 possuem *Fokus – Hintergrund – Gliederung* separados, com correspondente queda de entonação na primeira oração e pausa na pronúncia da oração subordinada;
- c) diferem-se de outras orações encaixadas, uma vez que elas se conectam apenas à oração matriz, mas não podem se ligar às orações encaixadas, como ilustra o seguinte exemplo: *Paul berstreitet, dass [Tim bei der Talkshow zugesagt hat, weil er ist streitlustig]”.

Reis (2013) também aponta que um dos principais motivos que justificam a posição V-2 nas orações com *weil* é a sua semântica causal. É essa propriedade que nos atos de fala permite a sua desintegração sintático-prosódica e suas consequências: o status de oração raiz e a autonomia ilocutiva, as quais interagem sistematicamente. A atribuição de propriedades tão distintas fez com que alguns linguistas (Reis, 2013; Selting, 1999, entre outros) defendessem a existência de dois tipos de *weil*, com cargas semânticas distintas. Assim sendo, os linguistas, embasados pelas evidências sintático-semânticas de suas pesquisas, argumentam a favor da criação de dois verbetes distintos para este léxico¹⁵.

Desta forma, Reis (2013) sustenta que o primeiro *weil*, no qual o verbo ocupa a posição V-final, é compreendido como uma subjunção, um subordinador – trata-se, dessa maneira, de um elemento que desempenha uma função introdutória interna na oração. Do ponto de vista semântico, Reis (2013) afirma que esta conjunção pode expressar um sentido funcional verdadeiro. Selting (1999), por sua vez, aponta que, neste caso, o *weil* possui um sentido fático, ou seja, seu sentido responderia à pergunta “Por que isso é assim?”. Por outro lado, o segundo *weil* (W-V2) não obriga uma determinada ordem sintática, ou seja, sua função como conjunção coordenativa permite que o verbo tenha mais flexibilidade na oração, permitindo que ele ocupe a posição V-2. Em relação a seu significado, Reis (2013) explicita que este *weil* apresenta uma causa extraproposicional, passando, assim, a expressar uma implicatura convencional. Selting (1999), em outras palavras, destaca que o este *weil* denota um sentido epistêmico, respondendo à pergunta: “De onde você sabe disso?”.

Em relação às ocorrências deste fenômeno, Selting (1999) destaca que, apesar de as pesquisas apontarem para o fato de a posição V-2 nas orações encaixadas formadas por *weil* ser

¹⁵ É importante frisar que o foco deste trabalho é compreender o funcionamento da sintaxe do dialeto *Hunsrückisch*, por isso não se irá aprofundar a discussão a respeito das diferenças entre os tipos de *weil*. Para fins de contextualização, apresentar-se-á um breve resumo sobre as principais considerações teóricas acerca deste debate.

um evento recente, é possível encontrar construções *weil* com V-2 em textos pertencentes à época do *Mittelhochdeutsch* (MHD). Dessa maneira, a autora defende que a posição V-2 é, neste caso, apenas a continuidade de um tipo de construção que já se fazia historicamente.

Selting (1999) também explica que, tradicionalmente, as conjunções causais do alemão se desenvolveram a partir do advérbio interrogativo *wanta*. No MHD *wanta* (conjunção que deu origem às conjunções *weil* e *denn*) possibilitava à oração subordinada uma posição verbal livre – podia ser tanto V-final como V-2. Somente no período relativo ao *Neuhochdeutsch* (NHD) passou-se a exigir que as orações subordinadas introduzidas por *weil* fossem V-final. É importante destacar, assim, que, somente a partir da época do NHD, é que se possibilitou a variação das orações causais conhecidas pelas diferentes conjunções. Contudo, no MHD o sistema de conjunções era reduzido e a diferença entre orações formadas por *denn* e orações formadas por *weil* era estabelecida pelo tipo de oração, respectivamente: oração principal ou oração encaixada.

Outro fator relevante para essa distinção, de acordo com Eroms (1980) e Sandig (1973), citados por Selting (1999), está ligado aos dois sentidos atribuídos à conjunção *weil*. De acordo com os autores, as orações que expressam causalidade estão associadas à posição V-2 e às que expressam fatos (fatuais) estão associadas às construções V-final.

Por outro lado, Selting (1999) apresenta uma explicação alternativa para a ocorrência das construções *weil*/V-final. A autora destaca que estas construções se deram de forma não natural a partir do século 16, uma vez que, com o advento da impressão em massa de textos/livros – por meio da descoberta da prensa, por Gutenberg –, a variedade escrita ganhou prestígio, e conseqüentemente, a posição V-final, pois esses textos circulavam largamente entre os letrados (acadêmicos, oficiais, clérigos...), público que fazia uso de *weil*/V-final. Neste contexto, Selting (1999) defende que o padrão *weil*/V-final foi propagado justamente nesta época e manteve-se até hoje, como característica de uma norma padrão. Além disso, como a mudança da posição do verbo para V-final nas orações encaixadas não foi um processo natural, justifica-se, com isso, por que essa mudança não ocorreu de forma semelhante em todas as variedades da língua alemã.

Entretanto, nota-se que a justificativa para a ocorrência da posição V-2 nas orações encaixadas com *weil* ainda é uma discussão que fica aberta. Verifica-se, portanto, a necessidade de se realizarem mais pesquisas, especialmente diacrônicas, para procurar entender os motivos que levaram os falantes a produzirem a posição V-2 somente neste contexto.

2.7.3 *Verb raising*

Como visto no Capítulo 2, o fenômeno *verb cluster* ocorre em frases encaixadas quando há uma sequência de verbos na fronteira verbal direita. O *verb cluster* é classificado conforme a quantidade de verbos que aparecem na oração: quando há uma sequência verbal formada por dois verbos – denomina-se esta ocorrência como *Zwei-Verb-Cluster* –, quando há uma sequência formada por três verbos – denomina-se *Drei-Verb-Cluster*, etc. , conforme já verificado anteriormente na seção OV (Fleischer & Schallert, 2011).

A sequência *Zwei-Verb-Cluster*, logicamente, permite apenas duas combinações – relacionadas à posição ocupada pelo verbo finito: 1,2 ou 2,1, conforme o exemplo abaixo:

22. a) [...] dass ich die Aufgaben gemacht₂ habe₁.
b) [...] dass ich die Aufgaben habe₁ gemacht₂.

O tipo 1,2 significa que o verbo finito antecede o verbo infinitivo (exemplo 22.b)), por outro lado, a sequência 2,1 significa que a forma verbal infinitiva precede a forma verbal finita (21.a)). *Clusters* nos quais o verbo regente antecede os regidos (1,2; 1,2,3) são chamados de sequências crescentes (*aufsteigende Abfolgen*), clusters nos quais o verbo regente aparece depois dos verbos regidos, fala-se em sequência decrescente (*absteigende Abfolge*) (Fleischer & Schallert, 2011).

À luz da teoria generativista, quando o verbo finito antecede os demais verbos nas orações encaixadas, passa-se a denominar esta ocorrência como *verb raising* (Haegeman & Riemsdijk, 1986). No alto alemão esta mudança sintática é considerada agramatical, nos dialetos, no entanto, ela é discursivamente licenciada. Esse licenciamento vem intrigando os linguistas que buscam compreender mais sobre estas posições verbais, especialmente em *verb clusters* formados por mais verbos.

Drei-Verb-Cluster, a seu modo, permite seis combinações diferentes (exemplos retirados de Schmid & Vogel, 2004: 236):

24. a) Marie glaubt, dass sie das Lied singen₃ müssen₂ wird₁.
b) [...] dass sie das Lied müssen₂ singen₃ wird₁.
c) [...]dass sie das Lied wird₁ müssen₂ singen₃.
d) [...] dass sie das Lied wird₁ singen₃ müssen₂.

- e. [...] dass sie das Lied singen₃ wird₁ müssen₂.
- f. [...] dass sie das Lied müssen₂ wird₁ singen₃.

Os dialetos têm mostrado que essa sequência verbal pode variar, de acordo com o tipo de dialeto ou com circunstâncias específicas envolvidas no discurso. No entanto, apesar de haver seis combinações verbais possíveis, nem todas as sequências são consideradas gramaticais. Foi justamente a ordem (também chamada de “*default order*”) dessas combinações que permitiu a classificação dos dialetos em duas famílias:

- a) *Standard german*: 3,2,1 e 1,3,2
- b) *Swiss german*: 1,2,3

O verbo que corresponde ao número 1 é o verbo auxiliar, o 2 corresponde ao verbo modal e o 3 ao verbo predicativo (Schmid & Vogel, 2004). Por outro lado, Schmid e Vogel (2004) consideram que a variação da ordem destas sequências verbais também é um fator de aceitabilidade dentro destes dialetos. Por este motivo, os autores pontuam que a ordem na qual estes verbos aparecem dentro das sentenças está mais ligada ao foco discursivo – associada à linearização – do que necessariamente à movimentação sintática dos verbos.

2.7.4 *Verb Projection Raising* (VPR)

De modo semelhante ao fenômeno *verb raising*, o VPR está associado à aparição do *verb cluster* nas orações encaixadas. Neste caso, além de haver uma inversão verbal – o verbo finito não se encontra na posição V-final –, NPs e outros constituintes que fazem parte da VP podem ser incorporados à sequência verbal (Haegeman & Riemsdijk, 1986). Esse fenômeno pode ser observado no exemplo abaixo:

- 24. a) *weil sie muss die Arbeit sehr schnell machen.*

Pesquisadores em diversas ilhas linguísticas vêm reportando que os dialetos alemães apresentam muita variabilidade no comportamento sintático dos constituintes na fronteira verbal direita (Abraham, 2009; Dikken, 1994; Grewendorf & Poletto, 2005; Louden, 2011, dentre outros).

Isso levou estes pesquisadores a considerarem que a mudança do parâmetro OV para VO inicia seu processo de mudança na periferia direita, mediante a observação de um comportamento atípico dos verbos auxiliares e modais. Nesse sentido, a presença do fenômeno VPR em alguns dialetos alemães (como *Zimbrisch*, *Pennsylvania German*, *Mennonite Low German*, *Mòcheno*, dentre outros) é um indício da perda de seu parâmetro OV (Abraham, 2009; Dikken, 1994; Grewendorf & Pollock, 2005; Kaufmann, 2011, entre outros).

Outro ponto que parece confirmar uma mudança no fenômeno VPR é o resultado da pesquisa diacrônica realizada por Louden (2011). Nesta pesquisa, Louden encontrou evidências do VPR no Pennsylvania German no início do século XX. No entanto, os dados de sua pesquisa indicam que nas últimas décadas houve uma mudança na sequência verbal, já que mais sequências passaram a ser produzidas e passaram também a ser licenciadas entre os falantes deste dialeto. Isso demonstra que, embora os falantes desta variedade ainda mantenham estas construções verbais compostas, formando sequências verbais, observa-se que estão passando por um processo de erosão que pode levar à perda do parâmetro OV, caso continuem a ocorrer na intensidade que se vem observando nos últimos anos.

2.7.5 Deslocamento de constituintes ao pós-campo (*Extraposition*)

O alemão é uma língua de parâmetro OV, conforme já explicado neste capítulo. Contudo, de acordo com a teoria dos campos frásicos, trata-se uma língua que apresenta um pós-campo, que pode ser preenchido por uma oração encaixada ou por uma PP (Fleischer & Schallert, 2011). *Extraposition* na teoria generativista refere-se ao deslocamento de constituintes internos da oração (ver exemplo 25a.)). Trata-se de constituintes que sintaticamente pertencem ao interior da oração, mas que foram deslocados para ao pós-campo – por esse motivo alguns autores, como Louden (2006), Fitch (2011) adotam o termo *Ausklammerung*, que expressa este sentido de retirada de um constituinte de dentro da oração. Nesse sentido, para que o pós-campo seja preenchido, é necessário que a frase seja formada por um complexo verbal, de modo que a fronteira verbal seja preenchida e que os contituintes internos sejam deslocados ao pós-campo (Fleischer & Schallert, 2011).

25. a) *en naie schtuhl kann ich kóhfe in de loja de móveis¹⁶.*

¹⁶ Trecho de uma entrevista realizada por Schaumloeffel (2003) com falantes do dialeto Hunsrückisch em Santa Maria do Herval.

uma nova cadeira posso eu comprar na loja de móveis
,Eu posso comprar uma cadeira nova na loja de móveis‘.

b) *en naie schtuhl kann ich in de loja de móveis kóhfe.*

uma nova cadeira posso eu na loja de móveis comprar
,Eu posso comprar uma cadeira nova na loja de móveis‘.

O exemplo 25.a) acima ilustra o deslocamento de uma PP que deveria estar dentro da fronteira verbal, conforme 25.b). Coniglio e Schlachter (2015) apontam que há vários motivos para que o pós-campo seja preenchido por um constituinte interno da oração. Em alguns casos pode ser uma questão estilística ou para destacar uma determinada informação. Os autores também citam que Engel (1977) destacou que, no discurso oral, o preenchimento de um constituinte pode servir como uma espécie de complementação („*Nachtrags*“) à informação que foi expressa anteriormente.

De acordo com Fitch (2011), 80% das construções verbais complexas no *Althochdeutsch* (AHD) continham *Ausklammerung*. Atualmente o *Ausklammerung* ainda é encontrado na variedade *standard* escrita, mas em uma proporção menor, como demonstra a pesquisa realizada por Proske (2010), que verificou que 5,2% das sentenças analisadas no corpus TüBa D/Z (formado por artigos de jornais diários que circulam na Alemanha) apresentavam este deslocamento. Embora o deslocamento de constituintes seja menos frequente na variedade escrita, na variedade oral, sua ocorrência é bem mais significativa, desse modo o uso desses deslocamentos em dialetos constitui-se como uma característica destas variedades.

No caso de línguas em contato, Fitch (2011) questiona os motivos para realização deste deslocamento. Nesse sentido, o autor questiona se esses deslocamentos são motivados por fatores externos ou se são motivados por influência da outra língua, caso seja uma língua de parâmetro VO. Nesse sentido, Fitch (2011), em sua pesquisa com o Pennsylvania German, considerou que, embora a *Extraposition* seja uma característica deste dialeto, a frequência com que esse fenômeno ocorre pode ser consequência da influência do inglês, uma língua de parâmetro VO.

2.8 SÍNTESE

Em suma, por meio da teoria generativa, os parâmetros característicos da língua alemã puderam ser melhor explicados, especialmente, quando comparados aos parâmetros da língua portuguesa. Com isso, duas características sintáticas marcadamente distintas entre ambas as línguas e que caracterizam o idioma alemão são a posição V-2, que obriga o verbo, nas frases declarativas, a ocupar a segunda posição da oração, e a posição V-final nas orações encaixadas. Além dessas diferenças, a posição do objeto também constituiu um fator discriminatório entre estas línguas, uma vez que o alemão é uma língua de núcleo verbal final e, por este motivo, o objeto antecede o verbo. O português, por sua vez, possui núcleo verbal inicial e o objeto, portanto, vem sucedido do verbo. Esses contextos sintáticos específicos são o ponto central deste estudo, uma vez que, por meio deles, será possível avaliar se o dialeto *hunsrückisch* os apresenta e em que grau está sofrendo interferência da sintaxe da língua portuguesa.

CAPÍTULO 3

3.1 MUDANÇA LINGUÍSTICA

A teoria generativista considera que todo ser humano tem uma capacidade inata de aprender qualquer língua e que o faz de maneira natural, assumindo que existe uma gramática final a ser atingida no processo de aquisição (Chomsky, 1965; Kroch, 2001; Roberts & Roussou, 2003; Rothman, 2007, dentre outros). No entanto, se uma língua é analisada ao longo da história, é notório observar a ocorrência de mudanças estruturais significativas.

Portanto, para que esse processo ocorra, é necessário que ela passe por mudanças ao longo de sua existência. Contudo, considerando-se, de um lado, que a criança tem um mecanismo linguístico inato que lhe possibilita a aquisição completa dos parâmetros de uma língua e, de outro, que há mudanças paramétricas observadas ao longo da história, parece haver uma contradição entre essas duas premissas (é preciso considerar que alguns autores, como Meisel, Elsig e Rinke (2013), que discordam do fato de que há um paradoxo na relação entre aquisição linguística e mudança linguística observada diacronicamente – este assunto será abordado na seção 3.2.2.1). Para tentar entender o funcionamento das mudanças que fazem parte dos sistemas linguísticos, é necessário analisar as causas que influenciam estas transformações e compreender como se relacionam com o processo de aquisição (Kroch, 2001; Roberts & Roussou, 2003; Ebert, 1978). Destarte, ao longo deste capítulo, serão apresentados os principais fatores implicados neste processo destacados pela literatura.

3.2 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A MUDANÇA SINTÁTICA

Do ponto de vista da linguística histórica, duas condições são apontadas como as responsáveis pelas mudanças linguísticas observadas no decorrer dos anos: a primeira condição diz respeito às mudanças ocasionadas por fatores internos – relacionadas às propriedades do próprio sistema linguístico que podem favorecer a ocorrência destas modificações – e a segunda condição refere-se às mudanças ocasionadas por fatores externos – relacionadas aos processos que acontecem fora de um sistema linguístico e repercutindo na sua modificação, como as alterações que ocorrem por meio do contato entre as línguas, as mudanças realizadas pelos próprios falantes por meio do bilinguismo e a ocorrência de duas variedades concorrentes de uma língua (Ebert, 1978).

3.2.1 Mudanças ocasionadas por fatores inerentes ao sistema linguístico

Algumas mudanças linguísticas são motivadas por fatores internos, ou seja, fatores que são inerentes ao sistema linguístico de uma determinada língua. Essas mudanças ocorrem devido ao fato de que algumas estruturas são mais vulneráveis e perdem sua estabilidade. Essas estruturas podem ser identificadas, especialmente nos casos envolvendo bilinguismo. O bilinguismo é uma situação privilegiada para conhecer as estruturas mais resilientes e mais suscetíveis às mudanças (Benmamoun, Montrul & Polinsky, 2013), uma vez que o falante bilíngue recebe menos *input* do que um falante monolíngue, pois este precisa ser dividido em duas línguas (Almeida & Flores, 2017; Flores, 2014). Dessa maneira, a menor exposição à língua faz com que a produção de certas estruturas possa sofrer alterações, quando comparada à produção de um monolíngue ou de uma outra geração de falantes bilíngues.

Nesse sentido, entre as áreas da língua que parecem ser mais bem preservadas nestes contextos, encontra-se a sintaxe (*narrow syntax*). Esta área é seguida pelas seguintes: morfologia flexional, a semântica, a interface entre discurso e sintaxe, o domínio lexical e a fonética, estes últimos, seriam, portanto, as áreas mais vulneráveis a sofrer mudanças (Almeida e Flores, 2017; Benmamoun, Montrul & Polinsky, 2013; Flores, 2008; Kupisch & Rothman, 2018; Rothman, 2009; Schmid e Köpke, 2017; Steinkrauss & Schmid, 2016, dentre outros).

Além disso, a pesquisa realizada por Tsimpli et al. (2004) revelou que os adultos bilíngues de inglês, uma língua *non-pro-drop*, tinham mais dificuldades relacionadas à distribuição e interpretação dos sujeitos pronominais que são realizados sintática- e pragmaticamente nas suas línguas de herança L1 (grego e italiano), pertencendo, portanto, às propriedades interpretáveis. Com base nestes resultados, as autoras consideram que as propriedades semânticas que regulam determinadas propriedades sintáticas acabam por serem mais vulneráveis ao atrito.

As autoras diferenciaram, portanto, as propriedades não-interpretáveis e as propriedades interpretáveis, considerando que são dois fatores importantes inerentes à língua e que podem exercer um papel decisivo para que ocorram dificuldades no seu processamento, especialmente para os aprendentes tardios de uma determinada língua. Assim, as autoras definem que as propriedades não-interpretáveis, a exemplo dos casos e da concordância entre os constituintes de uma oração, como propriedades que determinam os parâmetros e que não permitem efeitos de *top-down* (como a influência de valores interpretáveis) em derivações sintáticas. Alguns aspectos destas propriedades não são interpretáveis e podem ser parametrizadas em diferentes opções

sintáticas encontradas em diferentes línguas. Por sua vez, propriedades interpretáveis possuem efeitos interpretáveis – eles podem ser “lidos” pelos sistemas conceitual/intencional da cognição. Destarte, a realização de sujeitos pronominais em línguas de sujeito nulo pode ser interpretada como uma propriedade interpretável, uma vez que sua realização está associada às situações que envolvem tópico, *topic-shift* e *focus*. Em uma língua *non-pro-drop*, como o inglês, a realização ou não do sujeito pronominal não precisa ser interpretada pelo contexto, pois sua omissão fonética não é licenciada.

Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013), Flores e Rinke (2018), Rothman (2007), Sorace e Serratrice (2009), Tsimpli et al. (2004), dentre outros, pontuam que certas propriedades gramaticais são mais suscetíveis a mudanças do que anteriormente se acreditava. Em estudos com falantes de línguas de herança, Sorace (2004), Sorace e Serratrice (2009), observaram que estes falantes controlam as regras de módulos linguísticos específicos (como, a sintaxe pura, a fonética...), mas apresentam dificuldades ao processarem e produzirem propriedades situadas na interface¹⁷ entre estes módulos, ou seja, quando a sintaxe, por exemplo, interage com outros domínios cognitivos). Dessa forma, consideram que as propriedades sintáticas que envolvem a interação entre dois ou mais níveis gramaticais, como, por exemplo, a sintaxe e a pragmática (no caso da produção de sujeitos nulos), são mais vulneráveis à aquisição incompleta ou ao atrito. Sumarizando, constata-se que a sintaxe se tem mostrado como um dos componentes gramaticais mais resilientes às mudanças; no entanto, há estruturas gramaticais que não se encontram totalmente imunes às mudanças. Na próxima seção, referente aos fatores relacionados à mudança sintática, este aspecto será retomado, com o objetivo de se compreender melhor a operacionalização das mudanças sintáticas.

3.2.2 Mudanças ocasionadas por fatores exteriores ao sistema linguístico

Os fatores externos, mencionados por Ebert (1978) estão relacionados com: i) contato linguístico; ii) bilinguismo; iii) diglossia, os quais serão apresentados a seguir.

¹⁷ A Hipótese da Interface (*Interface Hypothesis*) Sorace (2004); Sorace e Serratrice (2009) propõe que as estruturas linguísticas envolvidas na interface entre sintaxe e outros domínios cognitivos são mais suscetíveis a sofrerem erosão do que estruturas que não envolvem esta interface. Além disso, esta interface permite a opcionalidade, ou seja, o falante dispõe de duas opções para construir a mesma estrutura, como no caso da omissão ou produção do sujeito pronominal anafórico. Essa opcionalidade geraria, portanto, um campo de construções vulneráveis e instáveis, como consequência da aquisição incompleta e/ou do atrito linguístico. No entanto, pesquisas mais recentes (Mendez, Rothman & Slabakova, 2014) não encontraram evidências suficientes que sustentassem esta teoria, uma vez que o próprio conceito de interface, conforme Sorace (2011) é muito amplo e acabou gerando mal-entendidos na comunidade acadêmica.

3.2.2.1 Contato linguístico

O contato linguístico é frequentemente apontado como um fator da mudança linguística. Trata-se de um fenômeno que se caracteriza pelo contato entre duas línguas em uma determinada comunidade bilingue. As mudanças linguísticas ocorrem, portanto, pela influência de uma língua sobre a outra. Historicamente o contato entre línguas em um mesmo espaço originou-se pela conquista de um povo sobre outro. Por meio desta conquista, acabou-se por se instaurar uma hierarquia entre a cultura do dominador em relação à cultura do dominado. Como consequência desta reconfiguração social, a língua dos dominantes passou a ser considerada como a língua prestigiada (chamada de *superestrato*) e a língua dos dominados tornou-se a menos prestigiada (chamada de *substrato*) (Ebert, 1978; Kroch, 2001; Thomason & Kaufman, 1988).

É importante salientar que, neste trabalho, não serão adotados os termos *super* e *substrato* por serem termos utilizados por outra corrente teórica, embora sejam aspectos sociais muito relevantes ao contexto brasileiro¹⁸. Por outro lado, os conceitos envolvendo *língua dominante*, *língua majoritária*, *língua mais fraca* (*weaker language*) e *língua de herança*¹⁹ parecem ser termos mais precisos para descrever a situação linguística bilingue na qual os participantes desta pesquisa estão inseridos.

No contexto envolvendo línguas em contato, é muito natural que ocorra a incorporação de aspectos de uma língua sobre a outra. Nesse sentido, Kaufman e Thomason (1988), que escreveram uma das obras mais influentes sobre o assunto (Hickey, 2010), referem que há dois modos pelos quais línguas em contato podem se influenciar mutuamente: por meio do *borrowing* e por meio da transferência (*shift*).

Na visão das autoras, “*borrowing is the incorporation of foreign features into a group's native language by speakers of that language*” (Kaufman & Thomason, 1988: 37). Nesta incorporação, é importante salientar que a língua nativa é mantida; no entanto, ela é modificada pelo acréscimo de propriedades da outra língua. Neste caso, fala-se em empréstimos linguísticos que não chegam a alterar as propriedades estruturais de uma língua, visto que sua influência ocorre em um nível superficial. O *borrowing*, nos contextos de línguas em contato, é, portanto, frequentemente percebido no nível lexical.

¹⁸ No contexto brasileiro, o contato linguístico é um fenômeno muito significativo para a mudança e para o desenvolvimento de novas variedades linguísticas. No entanto, o prestígio da língua portuguesa, também compreendida como um superestrato, contribuiu para o desaparecimento de muitas línguas indígenas e de línguas faladas por emigrantes.

¹⁹ Estes conceitos serão explicados na próxima seção.

De outro modo, se o contato entre línguas for culturalmente impactante, é possível que outras propriedades sejam incorporadas, como a morfologia e a sintaxe. Essas estruturas parecem estar associadas ao bilinguismo, uma vez que são propriedades mais profundas da língua e requerem um nível mais alto de proficiência linguístico. Quando este contato entre duas línguas for mais intenso (no caso de imigração ou de conquista territorial), exigindo que um grupo de falantes se torne bilíngue, é natural que ocorra um tipo de interferência mais profunda. Esse tipo de interferência geralmente ocorre quando um grupo de falantes falha ao aprender perfeitamente a língua, especialmente elementos relacionados à sintaxe. Assim sendo, a língua aprendida sofre mudanças estruturais profundas, ligadas a seus valores paramétricos. Isso justifica a afirmação de Hickey (2010:152) de que a mistura de línguas não é resultado somente do contato entre línguas, mas também de sua fusão.

Do ponto de vista diacrônico, o processo de mudança linguística pode ocorrer rapidamente, em poucas décadas, em contraste com mudanças que podem levar séculos para se consolidarem. Cada contexto envolvendo o contato linguístico é único e engloba vários fatores que interferem neste processo. Nos casos em que as mudanças transcorrem rapidamente, as propriedades de interferência são incorporadas de modo quase instantâneo à língua e são internalizadas muito facilmente pelos falantes, pelo *input* que recebem. As mudanças mais longas costumam ocorrer em comunidades onde há menos aprendizes que passaram por um processo de aprendizagem imperfeito e, conseqüentemente, apresentam poucas interferências de uma língua sobre a outra (Kaufman & Thompson, 1988).

Para compreender melhor a forma como as mudanças ocorrem, é importante destacar que, desde o final do século XIX, a linguística histórica vem considerando que o processo de aquisição linguística tem desempenhado um importante papel na mudança linguística diacrônica. Tal relação tem sido evidenciada pelo fato de que grande parte das mudanças linguísticas observadas ao longo da história foram consequência de seu processo de aquisição (Lightfoot, 1999). Conforme Bergs e Brinton (2012), mesmo que nem todos os linguistas concordem com este posicionamento, trata-se de uma teoria que tem desempenhado um papel importante para o avanço pesquisas nesta área.

Para David Lightfoot (1999), um dos principais defensores desta teoria, as mudanças nos macro-parâmetros de uma língua são provocadas por uma significativa mudança sintática. De acordo com o autor, as mudanças linguísticas estão intrinsecamente ligadas aos dois sistemas linguísticos, definidos por Chomsky (1986):

- a) *E-language*: trata-se de uma língua externa ao indivíduo, que sofre constantemente influência das experiências cotidianas;
- b) *I-language*: esta configura-se como um sistema interno e inato (trata-se de sua capacidade linguística particular) que retém as propriedades da Gramática Universal.

Para Lightfoot (1999), as mudanças que ocorrem na *E-language* são mais superficiais e não afetam de modo drástico os parâmetros da língua. A *I-language* sofre mudanças mais sistemáticas na infância, as quais são apontadas como as responsáveis pelas mudanças observadas diacronicamente, visto que envolvem os parâmetros de uma língua. Nesse sentido, as mudanças sintáticas observadas ao longo da história são, geralmente, provocadas quando uma nova geração de crianças em fase de aquisição da L1 é submetida a uma variação de parâmetros, a tal ponto que o *input* tenha chegado a um nível crítico, o qual é insuficiente para a estabilização do parâmetro da variedade antiga. De acordo com essa perspectiva, o lugar para a ocorrência da mudança linguística é a aquisição da língua na infância.

Para o autor, cada parâmetro contém pistas (*cues*) em seu *input*, as quais as crianças irão se embasar para definir os parâmetros da sua língua, ajustando os princípios da gramática universal, conforme as regras gramaticais daquela língua. Se, por acaso, a criança tiver contato com outro parâmetro que é diferente daquele que é usado pela comunidade, e este ocorrer dentro do limiar crítico, a criança irá também fixar o novo parâmetro. Este processo ocorre de forma gradual e pode envolver fatores externos como o contato linguístico. Contudo, é importante destacar que esta mudança não ocorre somente no nível individual. Portanto, trata-se, muitas vezes, de uma mudança que afeta uma geração de falantes de uma comunidade. Nesse sentido, quanto mais falantes de uma comunidade vão adotando em sua *I-language* determinado parâmetro, chega-se a uma fase, chamada por Lightfoot (1999) de *point of no return*, na qual a comunidade passa a adotar o novo sistema e passa a rejeitar o antigo sistema. Assim, de acordo com essa hipótese, um padrão sintático inovador, como a ordem VO possui um início pouco expressivo, passa por uma fase de um aumento massivo e depois passa a um estado de estabilidade. Contudo, estudos recentes têm mostrado que o processamento do *input* é muito mais completo e menos desviante do que aquele que é compreendido por Lightfoot (1999), em sua teoria *Poverty of the stimulus* (Roberts & Roussou, 2003; Fleischer & Schlallert, 2011).

Por conseguinte, Meisel, Elsig e Rinke (2013) expandem esta teoria ao considerar que a gramática é um objeto social que se move no tempo e no espaço. Nesse sentido, as mudanças

Ihe são inerentes e não há incoerência entre o mecanismo biológico de aquisição linguística e as mudanças linguísticas. Para explicar esta premissa, os autores propõem que, além da *E-language* e da *I-language*, há uma *S-language*, que é mantida por uma comunidade e que regula os padrões para o uso da língua. Isso poderia explicar por que uma construção frasal, como “Eu comer uma banana quer” é possível, mas não aceita pela comunidade falante de língua portuguesa.

A contradição gerada entre a premissa de que as crianças aprendem de modo muito eficiente a língua a que estão expostas e que a aquisição é a responsável pelas mudanças paramétricas é refutada pelos autores, uma vez que, em sua percepção, a *I-language* não pode ser transmitida. Segundo Meisel, Elsig e Rinke (2013) não há, da perspectiva individual, um modo que permita a transmissão perfeita ou imperfeita da *I-language*, pois esta cresce na mente do indivíduo, conforme sua exposição ao ambiente da *E-language*.

No entanto, se no *E-language* não se percebem alterações, como se explica a produção de novos parâmetros pelas crianças? De acordo com os autores, isso está relacionado a „E-language that children are exposed to results not from the output of one group S-language but from the I-languages of many individuals, modulated by changing factors of language use“ (Meisel, Elsig & Rinke, 2013: 56).

Os autores ainda acrescentam que a *E-language* emerge de várias fontes e é um elemento imprescindível para a aquisição linguística e para explicar como as mudanças linguísticas podem ocorrer durante a aquisição de uma língua (Meisen, Elsig & Rinke, 2013). Nesse sentido, alguns falantes passam a ter uma nova *I-language* que afeta a *E-language*, fazendo com que mais membros de uma comunidade adquiram uma nova *I-language*. Consequentemente, nada é transmitido. Falantes que dominam o velho ou o novo sistema são expostos ao mesmo *input*. Diante disso, usos amorfos em grande parte do *E-language* e *I-language* individuais podem ser os responsáveis pela emergência de novos sistemas, provocando a opcionalidade de uma estrutura. A adoção da nova estrutura pelos falantes dependerá de diversos fatores, como a falha de uma gramática socialmente definida, a falta de domínio e/ou preferência por determinada estrutura, a falta de necessidade de seu uso, dentre outros.

Como se percebe, em uma situação de mudança linguística ocasionada por contato linguístico, a transferência precisa ocorrer primeiramente a nível individual, quando o indivíduo se torna bilíngue. Todavia, chama atenção que estas mudanças ocorrem com outros falantes ao mesmo tempo, quando estes fazem parte da mesma comunidade e passam por experiências linguísticas muito semelhantes. Destarte, para a estabilização destas mudanças em uma nova

variedade, é necessário que elas sejam adotadas pela comunidade como um todo (Hickley, 2010; Lightfoot, 1999, dentre outros).

Verifica-se, portanto, que as mudanças, em uma situação de contato linguístico, de uma língua para a outra não ocorrem de modo tão simples ou automático como se poderia pensar em um primeiro momento. Em muitos casos, mais de uma variedade convive em uma mesma comunidade, ensejando a diglossia, tópico que será apresentado abaixo.

3.2.2.2 Diglossia

A diglossia é um conceito fundamental na área da sociolinguística e, por sua vez, descreve uma situação na qual dois sistemas linguísticos coexistem na mesma comunidade. Um dos sistemas possui um *status* mais prestigiado por ser utilizado em contextos mais formais e o outro sistema possui um status menos privilegiado, sendo utilizado em situações orais mais informais (Sayahi, 2014; Ebert, 1978). Esse fenômeno é muito marcante no Brasil, já que a variedade formal e a informal também são consequência da desigualdade social, uma vez que a variedade formal é aprendida na escola. Dessa forma, aqueles que dominam a variedade *standard*, geralmente, possuem melhores condições sociais, uma vez que tiveram mais oportunidades de escolarização. Além disso, a variedade não formal é socialmente marcada pelo preconceito linguístico praticado por aqueles que dominam a variedade padrão. Trata-se de um tema que vem recebendo, nos últimos anos, mais atenção não somente da esfera acadêmica como também da sociedade em geral (Bagno, 2009; 2011).

De acordo com Kroch (2001), a formação destas duas variedades linguísticas ocorre como consequência do fato de que nem todos os falantes recebem *input* suficiente, formando-se, dessa maneira, uma comunidade mista, na qual alguns falantes dominam o padrão antigo e outros apenas o novo – neste caso, a variedade menos prestigiada. Quando uma comunidade passa a ser diglósica, os falantes aprendem os dois padrões existentes. A performance de cada falante irá determinar o critério para escolher entre uma ou outra. Chama, no entanto, atenção o fato de que o desprestígio inicial vai perdendo força e, com o passar do tempo, os novos falantes desta comunidade mista estarão recebendo menos *input* da variedade antiga. Isso faz com que a população acabe por incorporar a nova variedade com o passar dos anos. Com base nestas predições, Altenhofen (1996) descreve que, apesar de o dialeto hunsrückisch ter coexistido com uma variedade mais próxima do alemão padrão, o dialeto se manteve muito estável, pois a outra

variedade ficou restrita às gerações mais velhas que possuíam um domínio rudimentar desta variedade.

Por outro lado, Sayahi (2014) ressalta que ao conceito de diglossia foram incorporadas outras noções, como no caso de línguas diferentes que estão em contato, formando comunidades bilíngues. A autora destaca que, neste caso, ocorreu um uso inadequado do termo, uma vez que diglossia se refere a duas variedades da mesma língua. Assim, no estudo em questão, como se trata de pesquisa envolvendo participantes de uma comunidade bilíngue – falantes de um dialeto alemão e da língua portuguesa, duas línguas de famílias diferentes –, este termo não será adotado.

Deixando as considerações mais gerais da linguística histórica e da sociolinguística de lado a respeito das mudanças linguísticas, retomam-se os aspectos relacionados aos vetores das mudanças sintáticas, especialmente à luz da teoria generativista e correntes que a ela se associam, foco central deste trabalho. Assim, na próxima seção, será analisada a forma como o bilinguismo atua em um nível individual, dando origem às mudanças linguísticas.

3.2.2.3 Bilinguismo individual

Como discutido no Capítulo 1, no bilinguismo também se observa o contato entre duas línguas, nas quais uma pode influenciar a outra; no entanto, diferente do contato linguístico que ocorre no nível social, o bilinguismo consiste em um fenômeno individual que é resultado da interação das duas línguas na mente de um falante bilíngue. Esta influência pode ocorrer especialmente pelo fato de que os falantes bilíngues não dominam as suas línguas de modo igual. Grosjean (2008; 2010) defende que a maioria dos falantes bilíngues usa suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes situações, com diferentes pessoas. Assim, o nível de fluência (ou a habilidade linguística) que atingem vai depender da necessidade de uso daquela língua em um determinado contexto. Essa situação poderá implicar em um falante que tem um amplo domínio sobre as suas línguas, entretanto poderá apresentar alguns desvios em suas produções, em comparação com os falantes monolíngues. Dessa forma, ao se analisar o nível de competência dos falantes bilíngues, verifica-se que estes encontram-se em um estágio intermediário de competência total das duas línguas.

Além disso, Almeida e Flores (2014) afirmam que a habilidade linguística também está implicada no fato de que o falante bilíngue costuma escolher uma de suas línguas, optando por aquela na qual ele se sente mais à vontade para falar. Diante deste fato, observa-se que há um perfil de dominância de uma das línguas sobre a outra. Considerando os falantes de uma língua

de herança (conceito que já foi explicado no Capítulo 1), é comum que sua língua dominante se torne a língua majoritária, por meio da qual passam a estabelecer contato com outros falantes desta língua, criando novas redes de interação social (Cuza & Frank, 2011, Valdés, 2000, dentre outros).

Por mais que um falante bilíngue opte por usar uma de suas duas línguas, ativando o “modo monolíngue”, a outra estará presente em sua mente, mesmo que em “modo inativo”. Por outro lado, quando o bilíngue interage com outro falante bilíngue, ele ativa seu “modo bilíngue”, fazendo com que ocorra a mistura de códigos (para um entendimento sobre os modos linguísticos, ver Grosjean, 2008). Visto que, em modo bilíngue, a interação entre as duas línguas é realizada de modo mais consciente, é necessário questionar até que ponto é possível manter a outra língua desativada, no modo monolíngue, e quais são as consequências desta possível interferência – questão que tem ensejado um número muito grande de pesquisas nos últimos anos.

Neste diapasão, Köpke (2007), Schmid e Köpke (2017), Schmid, (2007), dentre outros, acrescentam que há constante interação entre os dois sistemas de conhecimento. Esta interação está diretamente relacionada às diferenças que se verificam entre falantes monolíngues e falantes bilíngues. Nesse sentido, é preciso considerar que a transferência interlinguística não é unidirecional, ou seja, não ocorre somente da L2 para a L1, mas a língua nativa (L1) também pode ser similarmente influenciada pelas línguas adquiridas tardiamente, como realçam Schmid e Köpke (2017).

O grau de influência de uma língua na outra depende do nível de competência linguística do falante. Por mais que um indivíduo seja fluente em duas línguas e que as tenha adquirido simultaneamente, ou seja, ele tenha sido exposto às duas línguas desde o nascimento, é provável que o *input* recebido de uma tenha sido maior que o da outra. Também é possível que, em um determinado estágio de vida, uma língua tenha sido a predominante, o que pode causar uma aquisição incompleta ou a erosão linguística (Almeida & Flores, 2017; Benmamoun, Montrul & Polinsky 2013; Rothman, 2007; Schmid & Köpke, 2017, dentre outros).

Neste contexto, a aquisição incompleta (conceito que será apresentado na seção *Aquisição incompleta*) de propriedades linguísticas pode configurar-se como uma condição ideal de mudança linguística, uma vez que os falantes que tiveram uma aquisição incompleta não terão domínio sobre determinados aspectos da língua e fornecerão *input* modificado à geração subsequente. Esse pode ser um fator que pode desencadear mudanças inclusive em aspectos centrais da gramática de uma língua (Ebert, 1978; Kroch, 2001; Lightfoot, 1999, dentre outros).

Os fenômenos da aquisição incompleta e da erosão linguística estão sendo amplamente estudados nos últimos anos com falantes de línguas de herança (Flores, 2008; 2010; 2014; Kupisch e Rothman, 2018; Montrul, 2008 Rothman, 2007; 2009 dentre outros). Como se verá na próxima seção, falantes de línguas de herança têm se apresentado como um grupo especial de falantes bilíngues, uma vez que os resultados das pesquisas realizadas com estes falantes estão trazendo significativas contribuições para a área do bilinguismo.

3.2.2.3.1 Falantes de línguas de herança

Em relação às mudanças sintáticas decorridas em consequência do bilinguismo, um grupo de falantes bilíngues vem ganhando cada vez mais destaque nas pesquisas relacionadas a este assunto: os falantes de línguas de herança. O que torna os falantes de línguas de herança um grupo especial de estudos é a forma específica como a aquisição desta variedade ocorreu – em especial as condições de *input* que receberam. Assim, no início da sua infância foram intensivamente expostas à sua língua de herança (L1) e, anos depois, quando completaram quatro ou cinco anos – geralmente a idade em que começam a ir ao educandário –, passaram por um processo de mudança significativa no *input*, sendo, portanto, expostos intensivamente à língua majoritária (L2). Com a inversão de *input*, a L1 passou a ser menos usada, tornando-se a língua mais fraca, o que acaba por gerar níveis de proficiência muito distintos, em comparação com falantes monolíngues (Almeida & Flores, 2017; Flores, 2014, 2008; Rothman, 2009, dentre outros).

Devido a estas características, trata-se de um grupo que se vem apresentando como uma oportunidade única de estudos na área da linguística experimental, especialmente na psicolinguística e na aquisição linguística, uma vez que os diferentes níveis de competência linguística identificados nestes falantes acabam por gerar fenômenos que podem dar pistas preciosas de como as mudanças linguísticas ocorrem e quais são as estruturas mais frágeis e quais as mais resilientes às mudanças (Benmamoun, Montrul e Polinsky, 2013). Kupisch e Rothman (2018) também mostram que o estudo com falantes de língua de herança é importante para entender o quão veloz podem ser as mudanças linguísticas em um contexto bilíngue sem o suporte otimizado da variedade *standard* para desenvolver e manter as línguas de herança. Portanto, as diferenças significativas vinculadas às mudanças gramaticais entre as gerações e a forma acelerada como elas operam a nível individual oferecem condições de estudo únicas.

Por mais que os falantes de variedades faladas nas ilhas linguísticas possam ser classificados como falantes de línguas de herança (Montrul, 2016), Hopp e Putnam (2015) chamam atenção para uma grande diferença entre estes dois grupos. Esta diferença reside basicamente na variedade linguística destes falantes de ilhas linguísticas (*language-island speakers*), visto que se trata de uma variedade linguística que já sofreu um significativo processo de erosão. Conforme verificado no capítulo 1, as ilhas linguísticas são conhecidas pela falta de contato com a variedade de seu país de origem. Além disso, estas línguas ao longo dos anos vêm sofrendo com a interferência da língua majoritária falada no país hospedeiro.

Verifica-se ainda que, diferente dos falantes de línguas de herança comumente estudados, que pertencem à segunda ou terceira geração, os falantes de ilhas linguísticas pertencem a gerações bem mais antigas, da quinta ou da sexta – podendo, inclusive, serem até mais antigas, a exemplo das comunidades *amish* dos EUA. Como consequência, os falantes destas ilhas acabam por receber o *input* da língua de herança de outras gerações que já nasceram no país hospedeiro – e que possivelmente já tenha perdido muito de suas características originais, pelo menos em alguns níveis linguísticos –, enquanto que os falantes de línguas de herança recebem o *input* da primeira geração, que nasceu no país de origem daquela variedade – e que, provavelmente, não tenha sofrido tanto atrito como a variedade faladas nestas ilhas. Nesse sentido, a variedade adquirida pelos falantes de ilhas linguísticas é diferente da variedade falada no país de origem. Por esse motivo, os resultados deste grupo precisam considerar este aspecto, visto que se trata de uma variedade diferente (Hopp & Putnam, 2015).

Por outro lado, apesar de a maior diferença verificada entre estes dois grupos residir no tipo de *input* que recebem, Hopp e Putnam (2015) destacam também as principais semelhanças entre eles. Nesse sentido, os autores apontam que, em geral, se trata de falantes nativos em suas línguas-alvo, possuem experiência com a mudança na infância na língua dominante (de L1 para a L2) e não recebem educação formal ou letramento da L1. Concernente a este aspecto, Kupisch e Rothman (2018) chamam atenção para o fato de as produções dos falantes adultos de línguas de herança apresentam produções muito diferentes das produções de outros falantes bilíngues, devido ao contexto de aquisição e ao processamento da língua ao longo dos anos.

Considerando que estas diferenças observadas na produção de falantes de línguas de herança podem contribuir para o entendimento do funcionamento do mecanismo de mudança linguística, é necessário realizar uma análise mais profunda sobre os principais fatores

relacionados a esse processo. Estes aspectos serão abordados nos próximos tópicos deste capítulo.

3.3 FATORES RELACIONADOS À MUDANÇA SINTÁTICA

Com base nas premissas acima explicitadas, o bilinguismo – se não é um dos principais responsáveis pelas mudanças linguísticas, pelo menos é uma fonte importante para compreender este processo – carece de um olhar mais profundo, especialmente a respeito das recentes pesquisas e teorias que tentam explicar os fenômenos encontrados neste contexto. Dessa maneira, observando a forma como o falante lida com as duas línguas, também se verificam dois fatores responsáveis pelas mudanças: um deles relaciona-se ao processamento interno da língua, o outro diz respeito à relação externa do indivíduo com a língua. As seguintes seções tentarão abordar os principais elementos apontados pela literatura que entram em ação no processo de mudança sintática ocasionado pelo bilinguismo, em especial nos casos envolvendo falantes de LH.

3.3.1 Fatores intrínsecos ao falante

Como visto acima, o bilinguismo é um fator externo ao sistema linguístico, mas intrínseco ao falante, pois a interação das duas línguas opera na mente do indivíduo. Apesar de operar neste plano individual, trata-se de um fator relevante para que as mudanças ocorram, uma vez que as modificações realizadas em um indivíduo também podem afetar um grupo de indivíduos que passa pelo mesmo processo de aquisição (Hickey, 2010). Essas circunstâncias tendem a interferir significativamente no *output* dos falantes bilíngues, uma vez que o tráfico das informações é bidirecional, ou seja, o indivíduo possui dois sistemas linguísticos que precisam ser controlados. Esta é uma das mais significativas diferenças entre os falantes bilíngues e os monolíngues, o que pode, portanto, justificar as diferenças nas produções destes dois grupos de indivíduos (Meisel, 2011).

Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013), Köpke (2007), Lohndal (2013) e Flores (2008), dentre outros, apontam uma série de fatores internos que oferecem condições propícias às mudanças linguísticas. Segundo estes pesquisadores, as mudanças envolvem aspectos cerebrais e mentais, sendo, portanto, fatores internos ao indivíduo, e aspectos do uso, associados a fatores externos. Além disso, de acordo com Polinsky (2011), a base teórica do modelo de aquisição

linguística ainda está em construção, por este motivo é importante levar em consideração que há atualmente um grande número de teorias e hipóteses cuja validade ainda está sendo testada. Portanto, nas próximas seções, serão abordados os modelos teóricos que vêm recebendo mais destaque nas pesquisas que envolvem as mudanças linguísticas relacionadas especialmente aos falantes de línguas de herança.

3.3.1.1 Plasticidade neuronal e período crítico de aquisição

Considerando os elementos internos – relacionados ao processamento cognitivo da aquisição linguística –, um dos principais está associado à *plasticidade neuronal*, que está intrinsecamente relacionado ao *período crítico de aquisição*. Assim, analisando mais a fundo o conceito de período crítico de aquisição, é necessário reportar os estudos realizados por Lenneberg (1967), um dos primeiros cientistas a transpor este conceito da área das ciências biológicas para as ciências da linguagem. Dessa maneira, Lenneberg (1967), ao estudar o desenvolvimento humano, incorporou o conceito do período crítico da biologia à aquisição da língua, afirmando que havia um período na fase do desenvolvimento humano no qual a plasticidade neuronal estava mais ativa, e que, portanto, a capacidade para aprender uma língua estava mais sensível. Com base nisso, o autor considerou que o domínio da linguagem é parte geral da cognição e é aprendida pela experiência no ambiente.

Para Meisel (2010), o período crítico é melhor compreendido como um conjunto de fases sensitivas durante as quais o mecanismo de aprendizagem linguística – *Language Acquisition Device (LAD)* – está mais favorável e preparado para integrar novas informações concernentes ao desenvolvimento gramatical. Devido à existência deste mecanismo, a aprendizagem da L1 ocorre de modo indutivo por meio de gatilhos obtidos pelo conhecimento implícito – esse processo explica por que a aquisição linguística nesta fase se dá de modo tão naturalístico. Meisel (2010) aponta para o fato de que a perda do período crítico implica na não fixação dos valores paramétricos, visto que a *Language Making Capacity*, após o período crítico, não está mais acessível aos aprendentes de L2. A não-parametrização da L2 restringe-a a um sistema híbrido no qual parte de seu sistema não é incorporado ao domínio cognitivo específico dos princípios da GU, passando a fazer parte, portanto, de um sistema de domínio geral. Por causa desses dois fatores, a aquisição sucessiva da L2 não ocorre com sucesso em todos os domínios linguísticos, como se observa na aquisição da L1.

Lenneberg (1967) avaliou que o período crítico, para que uma língua pudesse ser completamente estabilizada na mente, iniciava precocemente (a partir dos dois anos)²⁰ e se estendia até a puberdade. Assim, conforme o autor, se a capacidade para aprender uma língua não for ativada ou exercitada durante esta fase, ela é perdida. Devido a questões éticas, esta teoria não pode ser testada em crianças em fase de aquisição da L1. A sua validação veio por meio de estudos de casos de afasias ou do famoso caso de Genie – uma menina criada de modo desumano e que ficou sem exposição à L1 durante a infância (Curtiss, 1977; Montrul, 2008; Pallier, 2007).

A fim de verificar se a teoria de Lenneberg, que se estendia apenas para a L1, também se aplicava à aquisição da segunda língua, Johnson e Newport (1989) testaram a proficiência de coreanos que chegaram aos Estados Unidos com idades entre 3 e 39 anos. O objetivo desta pesquisa era verificar se aprendentes precoces (até a puberdade) de uma L2 possuíam um desempenho melhor que os aprendentes tardios (adultos) de uma L2, tendo em vista que o período crítico de aquisição é uma fase na qual a mente humana está mais apta para adquirir uma língua, possibilitando um armazenamento e uma estabilização mais otimizada. Os resultados desta pesquisa confirmaram que o período crítico de aquisição estendia seus efeitos também para a aquisição da L2.

Para além dos resultados das pesquisas envolvendo falantes bilíngues, o período crítico de aquisição é uma hipótese que foi suportada pelas descobertas da neurobiologia. Com base nisso, é necessário compreender como a neurobiologia pode explicar o funcionamento do cérebro nesta fase. Assim, do ponto de vista desta área, os sistemas ligados às memórias declarativas e processual têm desempenhado um papel crucial para a aquisição de línguas, uma vez que elas estão associadas à aprendizagem, ao conhecimento e ao uso de uma língua. De acordo com Ullman (2016), os humanos possuem uma competência linguística implícita, que faz com que uma língua seja aprendida de forma natural e inconsciente. Esta capacidade é suportada pela memória processual, relacionada à aprendizagem e ao processamento implícito (inconsciente) de habilidades cognitivas e motoras (regras, localização geográfica, sequências e categorias).

A infância é a melhor fase para a memória processual, ou seja, época na qual ela está mais ativa, porém acaba por declinar com o avanço da idade. Por outro lado, os adultos possuem a competência linguística explícita, que é adquirida de forma consciente, suportada pela memória declarativa. Destarte, à medida que o falante vai perdendo a sua competência linguística implícita,

²⁰ Quanto ao estabelecimento preciso do início e do final do período de aquisição, Montrul (2008) afirma que há controversas em relação à opinião dos autores quanto ao período estabelecido por Lenneberg.

ele vai compensando esse processo recorrendo à memória declarativa. Como consequência dessa mudança fisiológica, após a puberdade, a aquisição de uma segunda língua é aprendida com base na memória declarativa (que exige um processamento consciente por parte do falante). Dessa forma, diferentemente da aprendizagem implícita, cada regra precisa ser aprendida separadamente, de modo mais mecânico, e vai sendo processada gradualmente, por meio do esforço consciente do falante (Ullman, 2016).

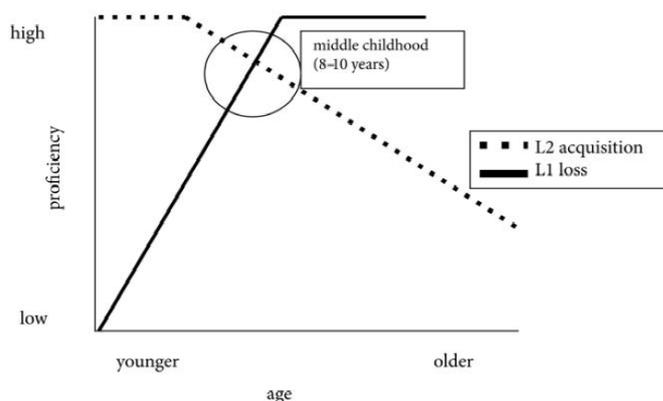


Imagem 11: Intersecção entre aquisição da L2 e perda das funções da L1 (Montrul, 2008: 267)

Alinhando os resultados das pesquisas de falantes bilíngues com as previsões da neurobiologia, Montrul (2008), na Imagem 11, ilustrou como o período crítico afeta a proficiência dos falantes. Com base nisso, a autora estabeleceu o período entre 8 a 10 anos para o estágio de maturação das memórias processual e declarativas. Assim, quanto mais cedo for o *onset* do bilinguismo e quanto mais cedo a criança começar a usar a L2 – e quanto mais a usá-la em comparação com a sua L1 –, mais drásticos serão os efeitos da perda da L1. Pallier (2007), ao estudar crianças coreanas adotadas por famílias francesas, também verificou que a constante exposição à L2 nesta fase da vida tinha efeitos drásticos sobre a L1, especialmente quando as crianças eram mais novas. A idade, portanto, parece ser um fator decisivo nos dois efeitos, tanto da aquisição da L2 como da perda da L1 (Flores, 2010; Montrul, 2008; Pallier, 2007, dentre outros).

Pallier (2007), por sua vez, argumenta que a hipótese do período crítico é usada para dois propósitos distintos: para o primeiro, ela serve para explicar como os humanos aprendem uma língua de modo tão eficiente nos primeiros anos de suas vidas; para o segundo, é evocada para estabelecer a idade mais propícia para a aquisição. Além disso, a idade vem sendo apontada como um importante fator para o falante desenvolver altos níveis de proficiência – desse modo, a idade

na qual se começa a aprender uma língua pode ser um indicador definitivo para alcançar um nível de proficiência nativo.

Portanto, de acordo com esta teoria, após o período crítico, a mente perde a plasticidade neuronal e a capacidade de reorganização indispensável ao processo de aquisição linguística. É importante destacar, como o fazem Köpke (2007) e Meisel (2010), que esta aquisição se refere à forma natural e espontânea como as crianças adquirem a L1. Assim, os conhecimentos gramaticais passam a ser associados à memória processual e o conhecimento lexical está mais ligado à memória declarativa. Por este motivo, o conhecimento sintático, uma vez que é armazenado e estabilizado, estaria menos suscetível à erosão do que o conhecimento lexical (Flores, 2010; Köpke, 2007; Montrul, 2008; Polinsky, 2011; Schmid & Köpke, 2017; Rothman, 2007; 2009, dentre outros).

Por outro lado, as pesquisas envolvendo as diferenças de *output* entre falantes monolíngues e bilíngues apontam outros fatores cognitivos que podem desempenhar um papel crucial nas diferenças observadas. Uma das principais condições envolvidas no processo de produção, depois que a aquisição foi realizada, é o controle e a ativação das duas línguas – tema que será abordado na seguinte seção.

3.3.1.2 Activation Threshold Hypothesis

Outro fator importante que está associado à qualidade do *output* dos falantes bilíngues é explicado pela teoria da ativação da entrada (*Activation Threshold Hypothesis*). De acordo com esta tese, desenvolvida por Paradis (2004), para realizar a ativação de um sistema linguístico que está armazenado em nossa memória, é necessário um certo número de impulsos neuronais. Assim, quanto mais frequentemente uma estrutura é usada e quanto mais recentemente ela foi armazenada, mais facilmente esta estrutura é ativada. Por outro lado, no caso de haver uma determinada estrutura que permaneceu inativa por um longo período, esta situação originará um elevado limiar de inibição, podendo, inclusive, causar a erosão desta língua.

Esta teoria explica, assim, como se dá o processamento que regula o contato das duas línguas na mente do falante. Consequentemente, quanto maior é a ativação de uma estrutura, menor será o seu limiar de ativação, sendo, portanto, mais fácil de ser evocada na mente do falante. Desse modo, quando uma língua é selecionada, o outro sistema linguístico é automaticamente inibido, evitando, com isso a interferência (Paradis, 2004).

A inibição é ocasionada pelas células neuronais inibitórias que bloqueiam a atividade elétrica das células com as quais estabelecem contato. Trata-se de uma medida de um mecanismo de defesa para evitar um “congestionamento” de informações na mente do falante. Destarte, tanto a ativação quanto a inibição das estruturas linguísticas das línguas adquiridas pelo falante estão interligadas neste modelo cognitivo de processamento linguístico (Köpke, 2007).

Assim, se uma propriedade da L2 for mais usada, será mais fácil de ativá-la, especialmente no caso de ela estar competindo com a perda da frequência de uso de uma propriedade similar da L1. Essa facilidade de evocação na mente do falante pode justificar a ocorrência da interferência interlinguística, observada nas produções de falantes bilíngues. Com base nesta teoria, a interferência de uma língua sobre a outra, conseqüentemente, está muito mais associada a um controle mental e comportamental do que a um efeito secundário de aprendizagem. Nota, portanto, que os efeitos explicados por esta teoria dizem respeito ao processamento de informações que já foram aprendidas pelo falante. Trata-se, assim, de um pressuposto muito importante para a análise dos fenômenos observados na produção destes falantes (Paradis, 2004).

Nesse sentido, o esquecimento, por exemplo, é o resultado de um mecanismo de controle inibitório recrutado quando há sobreposição de respostas (Paradis, 2004). Assim, conforme Flores (2008) a problemas com o controle de inibição pode levar os falantes a expressarem dois tipos de fenômenos:

- 1- Problemas de seleção lexical e dificuldades para evocação do vocabulário;
- 2- Dificuldades de processamento (ritmo de processamento das frases ou na transferência para a língua de erosão de elementos da língua dominante).

De acordo com estes aspectos, Paradis (2004) assume que o atrito é o resultado da falta de estimulação ao longo prazo de determinada propriedade linguística. Portanto, a erosão afeta mais as habilidades do processamento em vez do conhecimento linguístico. Com base nesta teoria, não é o uso da língua em si que garantirá um melhor resultado no nível de proficiência, mas é a sua frequência que possibilitará um desempenho melhor.

Considerando a importância do papel desempenhado pelo uso de uma estrutura linguística, este tema será revisitado na seção *3.2.2.4 Uso e input*. No entanto, ainda é necessário observar mais atentamente os fatores externos que interferem diretamente no processamento cognitivo das duas línguas na mente do falante, visto que ainda é um campo que carece de muita pesquisa.

3.3.2 Fatores externos ao falante

De acordo com Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013), Lohndal (2013), Schmid e Köpke (2017), entre outros, há quatro aspectos que atuam na configuração das gramáticas dos falantes de herança, são eles: diferenças na obtenção (referentes à aquisição incompleta), atrito ao longo da vida, transferência da língua dominante e mudanças incipientes no *input*. A seguir serão expostos cada um destes aspectos, na tentativa de se compreender como afetam a gramática dos falantes de línguas de herança.

3.3.2.1 Aquisição incompleta

A aquisição incompleta foi uma teoria que ganhou destaque com os trabalhos de Silvina Montrul e de Marcha Polinsky que trouxeram este tema para debate (Almeida & Flores, 2017). A aquisição incompleta é uma teoria que contribuiu para as pesquisas na área do bilinguismo especialmente em grupos de falantes de línguas de herança (Montrul, 2008; Polinsky, 2008).

De acordo com Montrul (2008), a aquisição incompleta cristaliza-se primeiramente no bilinguismo infantil (simultâneo ou sequencial, dependendo do quão cedo ou tarde determinada estrutura é tipicamente apreendida na infância). Partindo desta premissa, vê-se que a teoria da aquisição incompleta está intrinsecamente relacionada à hipótese do período crítico de aquisição. Com base nisso, afirma que, se determinada propriedade linguística não for adquirida no estado linguístico de maturação, esta é adquirida de modo incompleto e, conseqüentemente, será usada de modo probabilístico e inconsistente.

Uma das principais razões para a configuração da aquisição incompleta dá-se quando, por diferentes razões, algumas propriedades não tiveram a chance de se estabilizar na idade apropriada. Dessa forma, o nível de proficiência da L1 não chegou a ser completado depois que o falante passou a ser exposto de modo mais intenso à L2. Segundo Montrul (2008), a aquisição incompleta ocorre nos casos em que o *input* de uma língua ou das duas línguas é reduzido ou é totalmente interrompido antes de se completar a aquisição da língua. É o que ocorre comumente com falantes que começam a perder a sua língua de herança (língua minoritária) para a L2 falada na sociedade (língua majoritária).

Nesse sentido, a aquisição incompleta tenta explicar as diferenças no nível de competência linguística entre os falantes de línguas de herança e os falantes monolíngues – os falantes de LH

geralmente apresentam baixos níveis de proficiência linguística em sua LH, quando comparada à sua proficiência na língua dominante (Almeida e Flores, 2017, Montrul, 2008). Essas diferenças podem ser justificadas pelo fato de que o falante, quando criança, não incorporou determinada estrutura gramatical porque esta forma não estava presente no *input* ao qual foi exposta.

Por outro lado, trata-se de uma teoria que vem recebendo críticas nos últimos anos, uma vez que as pesquisas com falantes de línguas de herança vêm demonstrando que eles possuem um nível elevado de proficiência em sua L1 – este ponto será retomado na seção *Uso e input*. Além disso, Almeida e Flores (2017) apontam para o fato de que muitos estudos acabam por não conseguir distinguir aquisição incompleta de erosão linguística, uma vez que é muito difícil de precisar se determinadas estruturas estavam presentes ou não no *input* que os falantes receberam. Como se trata de outro fenômeno associado às mudanças linguísticas, o próximo tópico abordará este aspecto.

3.3.2.2 Atrito linguístico (erosão linguística)

Language attrition (Atrito linguístico), termo traduzido em português por Flores (2008) como “erosão linguística”, é um caso particular de perda linguística a nível individual. Um indivíduo pode perder uma língua como consequência de uma disfunção neurológica ou como um processo natural no qual a idade e a memória acabam por exercer papéis importantes. A perda de competência linguística ocasionada por circunstâncias não-patológicas ocorre no bilinguismo ou em situações que envolvem línguas em contato (Köpke 2007; Schmid & Köpke 2017).

De acordo com Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013) e Polinsky (2011), a erosão da L1 refere-se à perda de habilidades linguísticas que foram previamente dominadas pelo falante bilíngue. Como destaca Montrul (2008), somente é possível perder uma estrutura que foi anteriormente adquirida. Assim, a erosão configura-se da seguinte forma: uma determinada estrutura gramatical foi adquirida e dominada completamente, permaneceu estável durante um período, tornou-se fraca e instável e começou a ser perdida ou muito inibida devido à falta de contato ou de uso durante um tempo considerável.

No caso de falantes de línguas de herança, o atrito ocorre quando aspectos estruturais da L1 são afetados como resultado de uma mudança no *input* ou no uso de suas línguas. Nestes casos, quando a aquisição da L2 ocorre sob intensa exposição naturalística a esta língua, a mudança de uso da L1 para a L2 acaba por comandar o atrito da L1 (Montrul, 2008; Schmid &

Köpke, 2017). Por mais que as pesquisas com falantes de LH enfatizam a perda da L1, Flores (2010; 2008) demonstrou que a erosão linguística também pode estender seus efeitos à perda da L2. Flores investigou falantes de LH de português que aprenderam alemão como segunda língua na Alemanha e na Suíça e que mais tarde retornaram à Portugal. Sua pesquisa revelou que a falta de contato com o alemão e a idade em que perderam o contato com esta língua foram dois fatores decisivos para a ocorrência da erosão linguística.

Na opinião de Montrul (2008), o atrito pode ocorrer no bilinguismo adulto ou infantil. Nos adultos, o atrito afeta primeiramente a performance (recuperação, processamento e velocidade), mas não resulta na aquisição incompleta ou em representações gramaticais divergentes, como ocorre no caso de aquisição adulta de L2 ou crianças que sofrem atrito da L1. Esta diferença está associada à idade na qual o bilinguismo ocorre, pois está ligada à plasticidade neuronal, às memórias processual e declarativa, às memórias de curto e de longo prazo, dentre outros fatores. Portanto, quando a L2 é adquirida precocemente e passa a ser a língua dominante, mais severos são os impactos observados a respeito do atrito da L1, especialmente se esta deixa de ser usada (Benmamoun, Montrul & Polinsky, 2013; Montrul, 2008; Polinsky, 2011, dentre outros).

Por outro lado, Tsimpli et al. (2004) criticam a definição de que o atrito sintático como um grupo de mudanças na competência sintática da L1 que é formalmente traduzida na perda de valores paramétricos sob influência da L2. Para elas, se o indivíduo processa as duas gramáticas de modo autônomo, a perda de valores paramétricos parece, de certo modo, pouco plausível. Assim, uma visão alternativa é de que as diferenças entre as duas línguas ocorrem no estabelecimento de parâmetros diferentes durante a sua aquisição. Isso ocorre quando as opções gramaticais provêm deste estabelecimento em adição ao recrutamento de vários efeitos semânticos/pragmáticos.

As colocações acima revelam que o atrito não é um fator que age isoladamente. Conforme destacam Almeida e Flores (2017), Köpke (2007), Montrul (2008) Schmid e Köpke (2017); Steinkrauss e Schmid (2016) entre outros, para avaliar o grau de erosão é necessário considerar vários aspectos, pois pesquisas como as de Pallier (2007) e Montrul (2008) com crianças adotadas, por exemplo, revelou que estas sofreram um processo de atrito extremo de sua L1, demonstrando que a perda de valores paramétricos, sob certas circunstâncias, é possível. Nesse sentido, Almeida e Flores (2017:299) sugerem que, para analisar o grau de erosão, é necessário considerar os seguintes fatores: “(i) a definição de erosão, (ii) a idade da perda de contacto, (iii) a frequência de contacto com a língua em erosão e (iv) o domínio linguístico investigado”.

Por fim, resta apresentar uma importante distinção que vem sendo realizada pela literatura, que consiste na diferenciação entre atrito e aquisição incompleta. Assim, a aquisição incompleta refere-se a uma propriedade que não foi adquirida; o atrito linguístico, por sua vez, consiste na perda de uma propriedade linguística que foi dominada a um nível nativo e que permaneceu estável durante um período. Para Montrul (2008) e Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013), tanto o atrito como a aquisição incompleta são dois processos que não se excluem mutuamente, ou seja, podem ocorrer simultânea ou sucessivamente, afetando diferentes propriedades gramaticais. No caso de falantes de línguas de herança, a ocorrência destes dois fenômenos é uma evidência da perda da competência linguística entre as gerações, especialmente no caso de imigrantes.

De acordo com Flores (2008; 2010), o atrito pode oferecer uma condição propícia para a instauração da influência de uma língua sobre a outra, especialmente em indivíduos adultos que se tornaram bilíngues na infância. A interferência interlinguística é, portanto, outro fenômeno importante a ser considerado no estudo da produção de falantes bilíngues adultos e será analisada a seguir.

3.3.2.3 Cross-linguistic influence (CLI)

Uma das principais diferenças entre a aquisição bilíngue e a monolíngue diz respeito ao fato de que, na aquisição bilíngue, o falante precisa lidar com dois sistemas linguísticos diferentes.²¹ Estudos na área da aquisição bilíngue infantil demonstram que as crianças, desde uma idade precoce, conseguem distinguir estes dois sistemas (Paradis & Genesee, 1996; Meisel, 2010). Esta constatação permitiu a criação da hipótese de que os dois sistemas linguísticos operam separadamente na mente do falante. No entanto, como apontam (Notley, van der Linden & Hulk, 2007), apesar de operarem de modo distinto, isso não impede que as duas línguas interfiram uma na outra.

A influência interlinguística pode ser compreendida como o resultado da influência de uma língua sobre a outra, quando, por exemplo, a construção X da língua A é reproduzida na língua B no contexto Y, sendo inapropriado na língua B (Hulk & Müller, 2000). Com base nestas premissas,

²¹ Por outro lado, Almeida & Flores (2017) e Madeira (2017) apontam que os estudos generativistas acabam por assumir duas posições diferentes acerca da influência interlinguística. Uma das correntes defende que os conhecimentos prévios da L1 não interferem na aquisição da L2 (Epstein et al., 1996). A outra corrente defende que, durante a aquisição da L2, a L1 é totalmente transferida. Nesse sentido, a L2 vai sendo reestruturada na medida em que vai confrontando as informações recebidas sobre a L2 com a sua L1 (*Hipótese da Transferência Plena*, Schwartz & Sprouse, 1996).

Hulk & Müller (2000:228) afirmam que a influência interlinguística ocorre somente se as seguintes condições forem atendidas:

- a) se houver uma área de contato entre dois módulos da gramática, mais especificamente, junto à interface entre pragmática e sintaxe, que seja mais vulnerável à aquisição;
- b) se uma das línguas conter uma construção sintática que permita a ocorrência de mais de uma análise sintática e se a outra língua contém uma estrutura que possa preencher esta construção, de modo que um sistema possa sobrepor o outro.

Assim, a direção da influência será da língua que contém a evidência mais forte para uma construção compatível com a estratégia padrão de licenciamento do discurso, na língua que possui evidência limitada para cada estratégia. No estudo realizado por Hulk e Müller (2000; 2001), as autoras perceberam que as crianças bilíngues que tinham o alemão como língua dominante passaram a sobrepor a estrutura do objeto nulo nas línguas românicas mais fracas (italiano e francês), mesmo em contextos não apropriados, como no caso do uso do infinitivo. Essa sobreposição de estruturas pode ocorrer no caso de uma criança começar a desenvolver um padrão gramatical mínimo no qual as estratégias pragmáticas universais precisam ser organizadas em regras sintáticas específicas. Para que isso aconteça, é necessário que a criança receba mais *input* e com isso possa reorganizar o processamento desta informação.

Em relação às áreas mais suscetíveis à interferência interlinguística no caso da aprendizagem tardia de uma L2, Madeira (2017) aponta que seriam a fonética e o léxico. Esta constatação vai ao encontro das premissas observadas na seção 3.2.2. Assim, com base nas observações realizadas pelos autores, a área menos vulnerável a este tipo de interferência seria a sintaxe. No entanto, as pesquisas com falantes de línguas de herança vem observando que a sintaxe não se mantém tão estável quanto se pressupunha anteriormente (Benmamoun, Montrul e Polinsky, 2013; Schmid & Köpke, 2017).

Hulk e Müller (2000; 2001) referem-se apenas à transferência interlinguística no momento da aquisição linguística infantil. No entanto, para os fins desta pesquisa, é necessário saber se a interferência também pode afetar a sintaxe de falantes adultos. Nesse sentido, Flores (2008) e Steinkrauss e Schmid (2016) evocam a *Activation Threshold Hypothesis* (ATH), de Paradis (2004), para explicar a relação entre os processos de interferência, utilização das línguas e níveis de ativação linguística. Isso é possível porque, quando uma determinada estrutura deixa de ser utilizada e, conseqüentemente, deixa de ser ativada, a ATH propõe que os elementos da língua

dominante passam a exercer influência no processamento da língua não usada. Assim, os elementos com um alto limiar de inibição serão mais difíceis de serem ativados quando há elementos correspondentes da língua dominante, os quais dispõem de um limiar muito baixo devido ao seu uso frequente. Dessa forma, os processos de interferência que poderão ocorrer na produção oral de falantes bilíngues com uma língua de erosão não são necessariamente sinal de uma fusão dos dois sistemas linguísticos, mas poderão ser interpretados como falha nos mecanismos de controle e de ativação da língua durante o ato de produção (Flores, 2008).

Schmid e Köpcke (2017) Köpcke (2007) apontam que a competição interlinguística é outro aspecto que pode desempenhar um papel decisivo no processo de atrito, especialmente nas instâncias nas quais as duas línguas são suficientemente similares para permitir um grupo de “spillover”. Portanto, em propriedades similares, a competição interlinguística gera duas alternativas que podem concorrer sob a ativação de certas propriedades de itens lexicais que se tornaram mais fracos na L1. Dessa maneira, com a coativação da L2, essas propriedades são forçadas a se adaptarem, de modo a fazer com que a L2 predomine sobre a L1.

Neste diapasão, Sorace e Serratrice (2009) evidenciaram em sua pesquisa com falantes bilíngues que estes têm demonstrado variações em seus julgamentos e no uso de construções morfossintáticas, as quais são governadas pela interface discursivo-pragmática. Com base nas evidências de que há áreas mais suscetíveis às mudanças linguísticas, Sorace e seus colegas fundaram as bases para a *Hipótese da Interface* (Sorace, 2011). Segundo esta teoria, há estruturas que se situam na interface entre a sintaxe e outros domínios linguísticos, como por exemplo a pragmática, que é mais suscetível a interferências. No entanto, pesquisas mais recentes com falantes de herança têm apontado que é muito difícil estabelecer estas áreas de interferência, e que a erosão linguística e a transferência são fenômenos pertinentes ao bilinguismo; não se limitam a apenas a fenômenos de interface. Os resultados destas pesquisas indicam que esta hipótese ainda carece de mais análises (Cuza e Frank, 2011; Mendez, Rothman e Slabakova, 2014, dentre outros).

Diante das premissas destacadas nesta seção, fica evidente o papel que o uso e o *input* exercem na interferência interlinguística. Cabe, portanto, explorar mais atentamente este fator e verificar qual é o seu papel na produção de falantes de língua de herança.

3.3.2.4 *Uso e input*

No modelo de Princípios e Parâmetros, a aquisição da língua dá-se com base no *input* recebido. Nesse sentido, as crianças adquirem naturalmente as propriedades linguísticas que estão presentes no *input*. Isso ocorre porque possuem a faculdade da linguagem que lhes é inata. Se determinada propriedade não está presente, seja pelo fato de o adulto não a usar ou pelo fato de a criança não ter tido oportunidade de acesso, haverá uma falha na aquisição de certa propriedade. Contudo, esta lacuna na aquisição não pode ser interpretada como o resultado da deficiência de alguma habilidade cognitiva; sua causa está na abstenção desta propriedade no *input*. Nota-se, portanto, que o ser humano está biologicamente equipado para adquirir duas ou mais línguas simultaneamente, desde que receba *input* suficiente em todos os contextos linguísticos (Almeida & Flores, 2017; Bergs & Brinton, 2012; Flores, 2008; Lightfoot, 1999; Meisel, 2010, dentre outros). Além disso, a exposição passiva a uma língua não parece ser suficiente para desenvolver as habilidades necessárias à interação comunicativa. É imprescindível que a criança esteja engajada ativamente na comunicação, necessitando não apenas ouvir a língua como também usá-la diariamente na interação (Flores, 2014, Slobin, 1979).

A exposição passiva da língua faz com que os falantes desenvolvam habilidades de compreensão, porém suas habilidades associadas ao uso da língua não se aprimoram. Esse é o resultado do estudo realizado por Slobin (1979), que chamou estes falantes de “bilíngues funcionais”. Essa circunstância é observada no caso das 3ª e 4ª gerações de imigrantes, uma vez que a língua de herança não é mais usada com tanta frequência em casa (Valdés, 2000).

Com base nisso, o *input* e o uso de uma língua têm sido apontados como os principais fatores na mudança linguística. Na verdade, estes dois aspectos implicam-se mutuamente, pois o uso que os adultos fazem de uma língua é a maior parte do *input* que uma criança recebe ao aprender uma língua, especialmente no caso de falantes de LH. Isso explica, portanto, porque existe uma intrínseca relação entre mudança linguística e aquisição de uma língua – embora esta proposição ainda gere uma grande discussão na comunidade linguística, conforme se verificou na seção Contato linguístico (Mathieu e Truswell, 2016).

Para Roberts e Roussou (2003), a mudança ocorre quando a experiência-gatilho para a apreensão do parâmetro proveniente do *input* é obscura ou ambígua. A mudança é uma consequência, portanto, da relação do aprendiz com o gatilho (*trigger*) – o gatilho é requerido para a apreensão da natureza e o formato dos parâmetros. O gatilho pode ser considerado como um instrumento que “pega” as experiências do *input* e, a partir delas, produz valores paramétricos para o *output*. É por isso que o aprendiz usa o *input* como pistas para apreender os parâmetros.

O gatilho, neste caso, não serve para apreender as sentenças como um todo, mas apenas apreender as regras subjacentes às estruturas. Se o *input* é ambíguo, o falante escolherá a opção que lhe parecer mais simples ou mais econômica. Assim, quando há um problema na análise e na classificação dos dados obtidos por meio do *input*, o falante criará um novo material funcional – modificando os valores paramétricos da língua.

De acordo com Schmid e Köpke (2017) e MacWhinney (2013), as mudanças no *input* começam na mente dos falantes bilíngues, especialmente quando são constatadas similaridades entre as línguas, o que induz os falantes a cometerem pequenos desvios, os quais podem ser adotados nas comunidades minoritárias falantes de L1. Estas mudanças sutis podem ser o gatilho para que mudanças mais acentuadas ocorram dentro da comunidade ao longo do tempo.

Um fator importante a se considerar no contexto de falantes de herança é o *input* que recebem. Como já se verificou na seção sobre falantes de línguas de herança, a maior parte do *input* vem dos pais e esse *input* pode não conter todas as estruturas de uma variedade padrão (Kupisch & Rothman, 2018; Montrul, 2008, dentre outros). Por conseguinte, Almeida e Flores (2017), Gathercole e Thomas (2009), Kupisch e Rothman (2018), dentre outros, apontam para o fato de que falantes de língua de herança geralmente têm um *input* mais restrito do que os monolíngues. Diante desta condição, é natural que surjam diferenças em seu *output*.

Considerando este fato, Almeida e Flores (2017) e Gathercole e Thomas (2009) destacam que a aquisição de determinadas propriedades precisa de uma quantidade mínima de exposição para serem incorporadas. Esta situação lançou as bases para a proposta de existência de uma *critical mass of input* (massa crítica de exposição). Desse modo, conforme os resultados do estudo de Gathercole e Thomas (2009), uma criança que tiver contato mais limitado com uma de suas línguas demorará mais tempo para adquirir certa propriedade, pois precisa reunir a quantidade adequada de *input* para que a aprendizagem ocorra.

Por outro lado, o fator responsável pelas diferenças nas produções dos falantes de línguas de herança, conforme Almeida e Flores (2017) e Kupisch e Rothman (2018), está ligado ao *input* recebido. Esse *input*, além de ser quantitativamente menor, em comparação com monolíngues e até com outros bilíngues, é também qualitativamente diferente, normalmente apresenta uma lacuna em relação à variedade formal. Normalmente, isso é consequência do uso quase exclusivo da LH em contextos informais de comunicação. Consequentemente, os falantes de LH são expostos apenas a registros coloquiais e não têm contato com fontes formais, orais ou escritas. Kupisch & Rothman (2018) ressaltam que, além dessas diferenças, os falantes de LH ainda

possuem uma língua dominante que pode exercer influência na sua língua de herança. Com base em todas estas questões, os autores afirmam que o *output* dos falantes de LH não pode ser considerado como incompleto; na verdade, ele é simplesmente diferente daquele que é produzido pelos falantes monolíngues. Dessa forma, é necessário ponderar que a gramática dos falantes de LH demonstra um domínio completo de suas línguas de herança, porque está em conformidade com o *input* que receberam²².

Por este motivo, Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013) destacam que as pesquisas com esta população precisam considerar o *input* fornecido pelas gerações mais velhas nestas comunidades e analisar se as produções dos falantes de LH são realmente diferente da *baseline*, ou seja, se alguma propriedade encontrada na fala da segunda geração é derivada da gramática da primeira geração. Portanto, se determinado registro não é encontrado no input, este também não poderá ser adquirido.

Para testar a hipótese de que o *input* é importante para aprender determinada estrutura linguística, Rothman (2007) pesquisou a produção do infinitivo flexionado em falantes de herança de português brasileiro. Esta propriedade gramatical dificilmente ocorre na variedade falada e em contextos coloquiais – diferente do que ocorre com o português europeu. Assim sendo, trata-se de uma propriedade que se aprende mediante educação formal. Em sua pesquisa, constatou-se que os falantes de herança de português brasileiro que foram expostos ao infinitivo flexionado na variedade escrita não tiveram *input* suficiente e não incorporaram esta propriedade em seu sistema linguístico.

A proposição *standard* é a de que a exposição à língua natural durante o período crítico (antes da puberdade) parece conceber uma competência nativa aos falantes, mas as pesquisas mais recentes têm demonstrado que os falantes de línguas de herança podem não desenvolver competências nativas em todos os domínios gramaticais (Benmamoun, Montrul e Polinsky, 2013; Montrul, 2008; Rothman, 2007 dentre outros). Por outro lado, como reforçam Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013) e Kupisch & Rothman (2018), a produção gramatical dos falantes de LH não pode ser mensurada com base na comparação com falantes monolíngues, mas deve ser comparada com o *input* que receberam. Essa observação pode trazer uma melhor compreensão para os estudos envolvendo esta população, uma vez que seu status é diferente de outras populações bilíngues.

²² Os autores ainda propõem a adoção de um termo alternativo para descrever a aquisição dos falantes de língua de herança *differential acquisition*, uma vez que não concordam com o termo *incomplete acquisition* empregado por Montrul (2008).

3.4 SÍNTESE

Em suma, é necessário considerar que os fatores abordados neste capítulo atuam em conjunto com os modelos cognitivos de processamento de informações, de modo que um implique no outro em uma mútua influência. Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013); Lohndal (2013) e Kupisch e Rothman (2018) defendem a ideia de que a gramática dos falantes de herança não é diferente da gramática dos falantes monolíngues, ou seja, o modelo sintático que é usado pelos falantes monolíngues parece ser idêntico ao que é usado pelos falantes multilíngues. No entanto, é claro que os quatro fatores mencionados acima influenciam o falante bilíngue, especialmente no seu nível de competência, o que faz com que suas habilidades em fazer julgamentos linguisticamente aceitáveis e sua capacidade de controle sejam mais reduzidas em comparação com os falantes monolíngues. Essas diferenças permitem que as mudanças linguísticas ocorram de modo mais acentuado em um ambiente de contato linguístico.

Com as explicações acima, pode-se observar que, apesar de serem processos distintos, a atuação destes fatores ocorre muitas vezes em conjunto com outros, por exemplo, a aquisição incompleta e o atrito são processos que podem ocorrer simultaneamente e estão associados à inibição da ativação de informações que encontram respaldo na ATH. Nesse sentido, os fenômenos linguísticos precisam ser analisados sob um viés interdisciplinar, como demonstram Benmamoun, Montrul e Polinsky (2013); Kupisch e Rothman (2018), Schmid e Köpke, (2017) e Steinkrauss e Schmid (2016), entre outros.

Com base nestas considerações, passar-se-á no próximo capítulo a falar sobre os participantes desta pesquisa e das hipóteses, com o fito de analisar de que modo os fatores reportados pela literatura podem ser percebidos no público participante deste estudo.

CAPÍTULO 4

4.1 HIPÓTESES

Conforme verificado nos capítulos anteriores, um dos níveis linguísticos mais suscetíveis às interferências de uma língua sobre a outra no contexto de interação interlínguas é o campo lexical. Por este motivo explica-se por que falantes bilíngues acabam realizando empréstimos lexicais. Esse aspecto foi retratado por Uriel Weinrich (1953), um dos primeiros estudos mais expressivos sobre o assunto, e até hoje ainda é considerada uma obra de referência na área. Além dos empréstimos linguísticos, a morfologia é outra área que tem demonstrado tendência acentuada em sofrer influências de uma língua sobre a outra, no caso de falantes de línguas de herança (Benmamoun, Montrul e Polinsky 2013, Montrul, 2008, dentre outros). Por conseguinte, os estudos mais relevantes acerca do *hunsrückisch* dedicam-se a explorar estes aspectos (Altenhofen, 1996; Damke, 1997; Pupp-Spinassé, 2016; Sambaquy-Wallner, 1997; Schaumloeffel, 2003, entre outros).

Portanto, a primeira hipótese desta pesquisa parte do pressuposto de que os dois grupos de falantes apresentarão um grande número de empréstimos lexicais e morfológicos em suas falas. Levando em consideração que o grupo de falantes mais jovens tem mais contato com a língua portuguesa, espera-se que estes façam mais usos destes empréstimos em comparação com os falantes de mais idade.

Apesar de os empréstimos lexicais serem evidentes no contexto bilíngue, “this kind of code-mixing indicates an ‘on-line’ interaction between the two languages in performance and does not necessarily indicate systemic interaction at the level of competence” (Paradise & Genesee, 1996). Com base neste estudo, os autores demonstraram que o nível sintático é adquirido de forma autônoma por crianças bilíngues, evidenciando que este nível parece ser mais resistente às mudanças, no contexto de aquisição bilíngue infantil. Seguindo esta linha de pensamento, Thomason e Kaufman (1988) chegaram a sugerir, inclusive, que se houvesse um número elevado de empréstimos linguísticos nos campos lexicais e morfológico, isso poderia ser um indicio de que a gramática das línguas envolvidas estaria relativamente estável, uma vez que, na concepção destes autores, os empréstimos destes níveis não afetam, da mesma forma, estruturas mais complexas, como as sintáticas.

Considerando outras pesquisas envolvendo especificamente as alterações sintáticas nos contextos bilíngues, os estudos têm corroborado com o fato de que a sintaxe parece ser bem

estável, especialmente quando o falante teve *input* suficiente para adquirir completamente determinado parâmetro. Em estudos específicos que envolvem a língua alemã em situação de contato com línguas com parâmetros diferentes, percebe-se que os parâmetros da língua alemã permanecem, geralmente, estáveis, quando o falante teve exposição suficiente à língua para estabilizar o seu conhecimento linguístico. No estudo realizado por Flores (2008; 2010) com falantes lusodescendentes regressados a Portugal da Alemanha e Suíça, evidenciou-se que a idade e o *input* foram dois fatores determinantes para a manutenção dos parâmetros da língua alemã. O grupo de falantes que regressou antes da puberdade e que perdeu o contato com a língua alemã demonstrou quase 50% de desvios relacionados à posição V-2 e V-final. Por outro lado, os falantes que regressaram a Portugal depois da puberdade, demonstraram um índice muito baixo de desvio (2,3% na ordem XPSV e 1,7 % Vnfinal). Isso demonstra que, quando há aquisição completa dessas estruturas, mesmo que haja redução do *input*, estas possuem a tendência de permanecerem estáveis.

Por mais que a língua possa sofrer erosão, uma área que se tem mostrado bem estável é a sintaxe. Um estudo realizado por Hopp e Putnam (2015) com a, provavelmente, última geração de falantes do *Moundridge Schweitzer German* evidenciou esse fato. Neste estudo, os pesquisadores realizaram um teste de julgamento que revelou que a posição V-2 em frases declarativas tinha alto grau de aceitação. Além disso, 88% das orações subordinadas e 79% das orações relativas mantinham a posição V-final, em conformidade com a gramática do alemão padrão. Essa pesquisa demonstrou que, embora seja um dialeto moribundo, uma vez que poucas pessoas ainda o falam, a sintaxe permanece estável e o inglês, uma língua SVO, parece não exercer tanta influência como os autores supunham inicialmente.

Portanto, a segunda hipótese desta pesquisa é de que, mesmo que a língua portuguesa esteja muito presente no cotidiano dos falantes, especialmente da segunda geração, os desvios da sintaxe alemã ocorram em número muito reduzido (em torno de 15%, considerando os resultados das pesquisas acima mencionadas), o que faz com que os parâmetros sintáticos V-2, OV e V-final permaneçam relativamente estáveis na transmissão intergeracional do dialeto *hunsrückisch*.

Por outro lado, mesmo que se considere que os falantes produzam os parâmetros V-2, OV e V-final, espera-se encontrar alguns desvios decorrentes da interferência da língua portuguesa. O respaldo para esta afirmação pode ser encontrado no resultado de pesquisas que analisam a omissão de sujeito em falantes de línguas de herança de línguas *pro-drop* e *non-pro-drop*. Diante

disso, nas orações matrizes, tem-se constatado que falantes de herança de línguas *pro-drop* – a exemplo do português e do italiano – e de línguas *non-pro-drop* – como o alemão – demonstram que a produção de sujeito nulo é um tópico que é muito sensível às mudanças e interferências entre línguas *pro-drop* e *non-pro-drop* (Flores, 2008; Rinke & Flores, 2018; Schmitz, Patuto & Müller, 2011, dentre outros). De acordo com o estudo de Flores (2008), falantes bilíngues adultos de português e alemão demonstraram um maior número de omissões de sujeito em casos que não envolviam *topic-drop* 26,8% de omissões agramaticais do expletivo e 13% das omissões de sujeito referencial. Por outro lado, a produção de XPSV ocorreu em um número muito reduzido, variando de 1,6 a 6,8% entre os participantes. Estes dados indicam que os fenômenos sintáticos que se situam na interface com o discurso são mais vulneráveis do que os fenômenos puramente sintáticos (*syntax narrow*). Portanto, as omissões do sujeito na língua alemã demonstram que os fenômenos relacionados à interface sintático discursiva são mais sensíveis ao *input* reduzido. Propriedades puramente sintáticas são menos complexas de serem adquiridas.

Destarte a terceira hipótese considera que a língua portuguesa possa exercer influência em produções desviantes das orações matrizes envolvendo a posição V-2. Conseqüentemente, espera-se encontrar construções XPSV e hiperomissões do sujeito em contextos que não envolvam *topic-drop*.

A respeito da posição do verbo finito nas orações encaixadas nas ilhas linguísticas, conforme visto no Capítulo 2, tem sido reportado que sua produção nem sempre ocorre na posição V-final. Destarte, fenômenos como *verb-raising* e *verb projection raising* têm sido descritos para explicar esta mudança. Além disso, pesquisadores têm reportado que estes fenômenos são mais frequentes em contextos nos quais os falantes passam ter mais contato linguístico com a língua de seu país hospedeiro (Louden, 1990; 2011; Salzmann, 2011, dentre outros). Portanto, a quarta hipótese consiste no fato de que os desvios relacionados à ordem V-final estejam ligados diretamente aos fenômenos *verb-raising* e *verb projection raising*.

Por outro lado, como se verificou no Capítulo 2, as pesquisas em ilhas linguísticas de dialetos alemães têm apontado uma variação no campo direito envolvendo, especialmente, desvios ligados à posição do objeto em relação ao verbo (*Extraposition*). Apesar de ser um fenômeno que ocorre na variedade *standard*, os resultados dos estudos realizados em ilhas linguísticas que mantêm contato com línguas VO têm demonstrado que a frequência com que esses fenômenos ocorrem tem aumentado nas últimas décadas (Abraham, 2009; Grewendorf & Poletto, 2005; Fitch, 2011).

A quinta hipótese refere-se aos desvios concernentes ao parâmetro OV. Nesse sentido, a ocorrência do deslocamento de constituintes do campo médio ao pós-campo poderia ser um indício da interferência da língua portuguesa no dialeto *hunsrückisch*.

Resta, por sua vez, identificar os fatores responsáveis por estes desvios. Como se verificou no capítulo referente à mudança linguística, as variações sintáticas podem estar relacionadas ao contato cada vez mais frequente das novas gerações, especialmente, com a língua portuguesa. Nesse sentido, o *input* da L2, como já evidenciado nas pesquisas envolvendo os falantes de herança (Mendez, Rothman & Slabakova, 2014; Montrul, 2008; Rothman, 2007, 2009, Schmid & Kökpe, 2017, dentre outros), pode trazer consequências significativas para os fenômenos envolvendo o contato linguístico. Assim sendo, é possível que participantes que foram alfabetizados na língua majoritária (L2) e que receberam educação formal nesta língua por muito mais tempo, além de usá-la como sua língua majoritária, apresentem um grau de erosão maior em sua língua de herança (L1). Por sua vez, Montrul (2008) sustenta que, se a aquisição da L2 ocorre antes da puberdade e se os falantes passam a ser cada vez mais proficientes nela, os efeitos da L2 na L1/língua de herança são mais significativos. De acordo com a autora, neste caso, como a L2 passa a ser a língua majoritária antes da puberdade, isso faz com que os aprendentes da L1 não adquiram completamente as propriedades mais complexas, relacionadas ao discurso e à semântica, comprometendo severamente a sua proficiência nesta área.

Portanto, com base nestas premissas, a sexta hipótese prediz que os desvios encontrados nas produções de V-2, V-final e OV serão realizados de modo muito mais frequentes na geração de falantes mais nova, visto que tiveram muito mais *input* da língua portuguesa.

Por fim, é preciso definir se há fenômenos que são próprios do dialeto *hunsrückisch*, ou se estes são fruto do atrito e da influência interlinguística ou, até mesmo, da aquisição incompleta. Por outro lado, caso haja fenômenos próprios do dialeto, especialmente no campo verbal direito, é necessário analisar se estariam sendo intensificados pelo contato com a língua portuguesa – uma língua de parâmetro VO. Por este motivo, a comparação entre duas gerações de falantes pode contribuir para definir melhor estas questões, pois, se a geração mais velha apresentar estes fenômenos regularmente, isto será um forte indício de que estas propriedades são específicas dos dialetos falados nestas ilhas linguísticas. Por outro lado, se a geração mais nova produzir estes fenômenos com mais frequência isto será uma evidência de que o dialeto está sofrendo alterações devido ao contato com a língua portuguesa e que há uma tendência para a mudança paramétrica ao longo dos anos. Por conseguinte, a sétima hipótese afirma que os desvios relacionados aos

parâmetros da língua alemã estão associados à aquisição incompleta, ao atrito linguístico e à interferência interlinguística

4.2 METODOLOGIA

Em relação à língua alemã, conseguir delimitar até que ponto se pode considerar o contato linguístico como um fator para a mudança sintática constitui-se em um problema, especialmente na área da linguística histórica do alemão, uma vez que esta área trabalha apenas com a variedade escrita da língua, já que na Idade Média não havia outra forma de se registrar o uso da língua. Assim, os linguistas acabam por trabalhar com apenas uma variedade da língua e com praticamente um estrato social (Ebert, 1978; Fleischer & Schallert, 2011; Schallert, 2010, dentre outros).

Concernente a este aspecto, o estudo com uma variedade dialetal é, por outro lado, muito mais problemático, pois, como se trata de uma variedade oral, não há registro histórico escrito, como é o caso do dialeto *hunsrückisch*. Destarte, estabelecer com precisão o nível de interferência da língua portuguesa neste dialeto e desde quando isso vem acontecendo com mais intensidade são tarefas que dificilmente podem ser mensuradas numa perspectiva diacrônica.

Por outro lado, a análise das estruturas sintáticas que levam em consideração as produções orais entre gerações diferentes parece ser, do ponto de vista metodológico, uma das formas mais coerentes para se resolver este problema. É preciso, no entanto considerar que não há como determinar com precisão o momento em que determinadas estruturas começaram a ser incorporadas e se a causa ocorreu realmente por meio do contato linguístico com o português, uma vez que cada geração vive em um contexto social e histórico único e que influencia diretamente a relação dos falantes com a sua língua. Considerando, portanto, estes aspectos, optou-se pela realização de um estudo transversal, por meio da realização de entrevistas orais, para analisar o grau de variação entre os parâmetros V-2, V-final e OV entre duas gerações de falantes bilíngues do dialeto *hunsrückisch* e de português.

4.2.1 Participantes

A população alvo da presente pesquisa constitui-se de falantes bilíngues naturais da cidade sul-rio-grandense de Santo Cristo (Brasil). Foram estabelecidos previamente alguns critérios para a seleção dos participantes. Dessa maneira, os moradores foram escolhidos com base em sua

disponibilidade para conceder a entrevista e com base na sua competência linguística no dialeto alemão. A idade foi outro fator considerado, pois os participantes deveriam encaixar-se em uma das faixas etárias para compor os dois grupos analisados (o primeiro grupo, composto por falantes de mais idade, deveria contemplar falantes entre 55 a 75 anos e o segundo grupo, com falantes mais jovens, deveria ser composto por falantes entre 25 a 40 anos). Além disso, todos os entrevistados deveriam ser descendentes de imigrantes alemães e ter o dialeto alemão como língua dominante na infância (até, no mínimo, os 7 anos). Como outro pré-requisito para a seleção, foi definido que todos os participantes deveriam ser alfabetizados e deveriam ter cursado, no mínimo, até o 3º ano do primeiro ciclo.

Esta pesquisa contou com um total de 20 participantes, que foram divididos em dois grupos, conforme a geração. O 1º grupo é formado por 10 pessoas de idade entre 57 a 72 anos (média de 64,5 anos) e o 2º grupo é constituído por 10 pessoas que se encontram na faixa etária de 28 a 38 anos (média de 33 anos) (ver Gráficos 1 e 2). A divisão por faixa etária está relacionada a uma das hipóteses de pesquisa e ao contexto histórico da comunidade, uma vez que a geração mais velha recebeu menos instrução formal em língua portuguesa (a maior parte da população desta faixa etária não concluiu o ensino fundamental) do que a geração mais nova (a maioria concluiu a educação básica – décimo segundo ano). O *input* da L2, como já evidenciado nas pesquisas envolvendo os falantes de herança (Mendez, Rothman & Slabakova, 2014; Montrul, 2008; Rothman, 2007, 2009, dentre outros), pode trazer consequências significativas para os fenômenos envolvendo o contato linguístico.

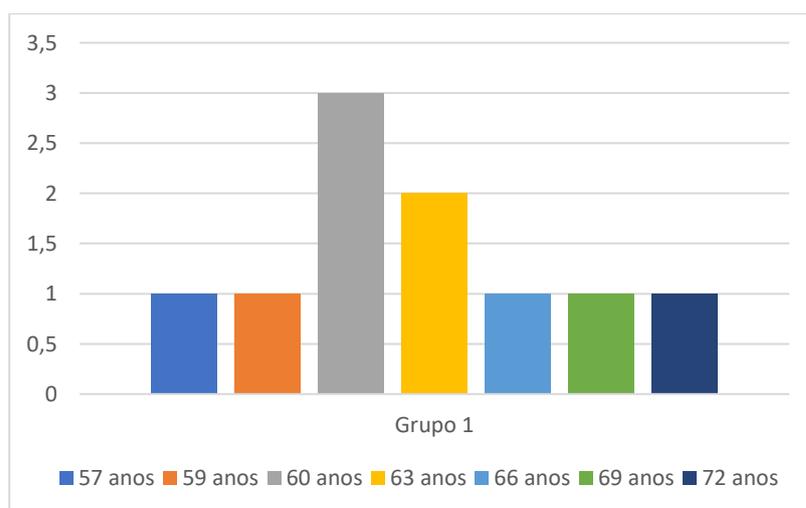


Gráfico 1. Distribuição dos falantes do grupo 1 por idade

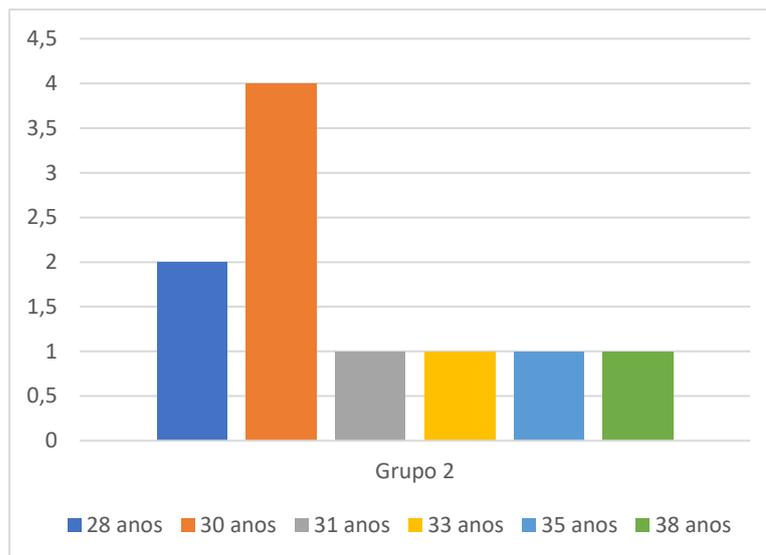


Gráfico 2. Distribuição dos falantes do grupo 2 por idade

Apesar da separação em dois grupos etários, é possível encontrar algumas características comuns a todos e que se refletem diretamente no contato linguístico. Como se trata de um município predominantemente católico, todos pertencem à religião católica. Isso significa que as missas e rituais são realizados todos em língua portuguesa – a religião protestante costuma realizar seus rituais em língua alemã nestas ilhas linguísticas; assim, é por meio da igreja e dos meios de comunicação que, especialmente o grupo 1, tem mais contato com o idioma português. Não existe instrução formal em *hunsrückisch*, assim, todos os falantes aprenderam esta língua em casa, com os pais. O dialeto é, portanto, uma língua de herança que é falada pelos moradores deste município, que formam, assim, uma ativa comunidade bilíngue.

Quanto ao local onde passaram sua infância, todos os participantes nasceram e cresceram em comunidades rurais. Alguns falantes nunca saíram de suas comunidades e outros somente na adolescência ou na vida adulta passaram a viver na cidade. Após um período na cidade, alguns acabaram retornando para o interior. Este é um fator importante a ser sopesado, tendo em vista que apesar de Santo Cristo ser um município bilíngue – embora não seja oficialmente assim reconhecido, já que o dialeto é utilizado para os contextos informais, e o português é usado nos contextos formais (especialmente em atividades envolvendo a escrita e a leitura) –, é nas comunidades rurais que seu uso se faz de modo quase exclusivo. Além do pouco contato com o português, em alguns casos, há menos interações linguísticas entre pessoas que não vivem nestas comunidades – fazendo com que o dialeto tenha uma relevância ainda maior para os falantes do *hunsrückisch*. Por fim, é necessário destacar que todos os participantes

passaram a ter contato com a língua portuguesa efetivamente na idade de 7 anos, quando de sua alfabetização.

4.2.1.1 Grupo 1

No grupo 1, constituído por falantes da geração mais velha, apenas dois participantes concluíram o ensino médio; a maior parte dos falantes, portanto, não chegou a concluir o ensino fundamental. Isso evidencia seu baixo nível de escolaridade, em comparação com a geração mais nova (ver Gráfico 3). Tal fato repercute também no grau de proficiência da língua portuguesa. São falantes que, entretanto, possuem domínio do português, compreendem, falam, leem e escrevem nesta língua, mas demonstram dificuldades – especialmente nos contextos que exijam conhecimentos mais complexos neste idioma. Por outro lado, apenas quatro participantes demonstraram não ter grandes dificuldades com a escrita do português – não é coincidência que estes também tiveram o maior nível de escolaridade. Chama realmente atenção que o baixo nível de escolaridade não permitiu que houvesse uma inversão da dominância linguística, ou seja, o português não se tornou a língua dominante para a maioria destes falantes, que transmitiram e ainda hoje falam em dialeto com seus filhos (conforme Tabela 3).

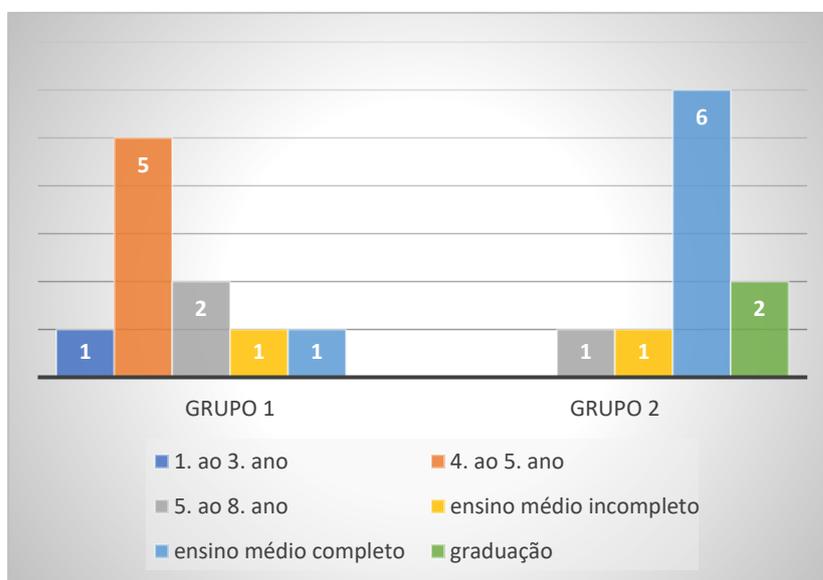


Gráfico 3. Nível de escolaridade dos participantes (grupo 1 e grupo 2)

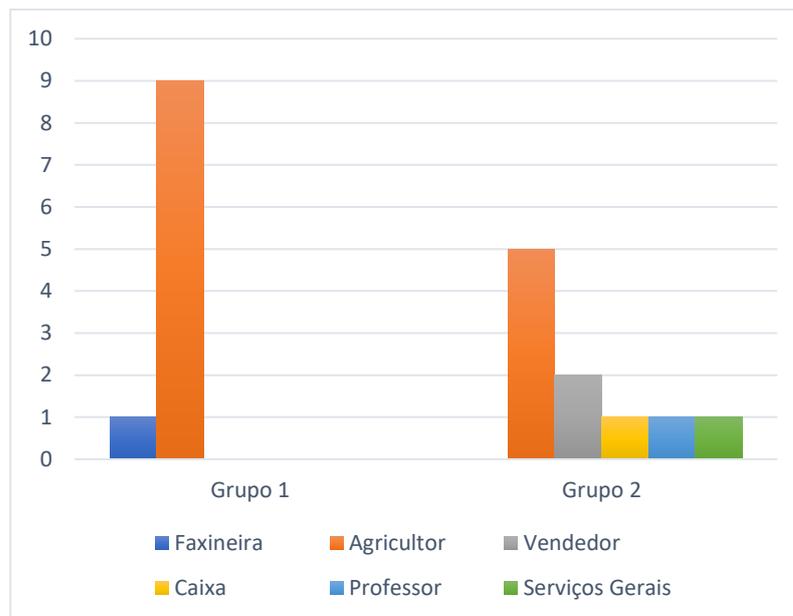


Gráfico 4. Profissões dos participantes (grupos 1 e 2)

Os dados da Tabela 3 mostram que muitos casais usam o dialeto para interagirem entre si, mas preferem o português para conversar com seus filhos. Isso reflete a forma como adquiriram o português – que não foi adquirido completamente nos poucos anos em que frequentaram a escola; muitos falantes deste grupo só passaram a dominar melhor este idioma por causa dos filhos, que aprendiam o idioma na escola e que mais tarde se casaram com pessoas que não falavam alemão ou com os netos que vivem na cidade e não compreendem o *hunsrückisch*. Isso justifica a preferência unânime dos falantes desta geração em utilizar o dialeto para comunicação. Além disso, a profissão desta geração permite que esses moradores usem o dialeto durante a maior parte do tempo, pois com exceção de uma participante (ver gráfico 4), todos são pequenos agricultores rurais, possuindo pequenas propriedades rurais onde residem.

Participante	Idade	Escolaridade	Residência	Residente na cidade (tempo)	Profissão	Estado civil	Língua falada com o companheiro	Filhos	Língua falada com os filhos
Ivo ^a	66	7. ano	Interior	Não	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Port.
João	59	Ensino médio	Interior	Não	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Misturado
Maria	60	4. ano	Interior	Não	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Hunsr.
Vera	63	4. ano	Interior	Não	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Misturado
Joana	60	5. ano	Interior	2 anos	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Port.

²³ De modo a se preservar a identidade dos participantes, seus nomes foram substituídos por pseudônimos.

Pedro	72	5. ano	Interior	Não	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Hunsr.
Tânia	69	3. ano	Interior	Não	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Hunsr.
Simão	63	Ensino médio	Interior	5 anos	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Port.
Clécio	60	5. ano	Interior	Não	Agricultor	Casado	Hunsr.	X	Port.
Bruna	57	5. ano	Cidade	37 anos	Faxineira	Casado	Hunsr.	X	Port.

Tabela 3. Dados sociolinguísticos dos participantes do 1º grupo

Após a verificação das informações pertencentes ao primeiro grupo, passar-se-á à apresentação da descrição dos falantes que compõem o 2º grupo, de modo a se estabelecer as semelhanças e diferenças entre eles.

4.2.1.2 Grupo 2

No grupo 2, apenas dois participantes não concluíram o ensino médio. Isso indica que o nível de escolaridade é maior e, conseqüentemente, o *input* que receberam em português também foi mais significativo em comparação com os participantes do primeiro grupo. Referente ao nível de competência linguístico, pode-se afirmar que esse grupo possui um bilinguismo balanceado, uma vez que os falantes conseguem expressar-se nas duas línguas sem dificuldade. Além disso, os dados da Tabela 4 indicam que todos os participantes desta geração falam dialeto com seus pais, mas, com seus companheiros, há uma tendência ao uso “misturado” do português e do alemão, tendência esta que tende a se estender também à língua que escolheram para interagir com seus filhos. Dessa maneira, o *input* referente ao dialeto recebido pelos filhos dos falantes da segunda geração é bem mais pobre do que aquele que foi recebido dos avós pelos pais, uma vez que a língua portuguesa se faz muito mais presente no cotidiano dos pais. Essa mudança de códigos também evidencia uma alteração nos padrões de vida dos falantes do segundo grupo; trata-se de uma geração que está deixando de praticar a agricultura familiar e está disposta a procurar melhores condições de vida na cidade. Prova disso, é que apenas três participantes não trabalharam na cidade. Por outro lado, por mais que sete participantes morem no interior, apenas cinco são agricultores; os outros cinco exercem outras profissões nas quais o português é a língua majoritária (ver Gráfico 4).

Destaca-se também que esta geração teve contato com o alto alemão na escola, contudo, este contato não foi suficiente para desenvolver conhecimento linguístico consistente nesta língua. As aulas ocorriam apenas uma vez por semana, durante uma hora, do 6º ao 8º ano. Além disso, a metodologia adotada no ensino na língua consistia em atividades mecânicas como a

memorização de certas estruturas, e ainda as aulas não eram voltadas ao uso da língua. Este contexto demonstra que, em princípio, o contato com a língua padrão não foi suficiente para exercer alguma influência significativa na competência referente ao uso do dialeto.

PARTICIPANTE	Idade	Escolaridade	Residência	Residente na cidade (tempo)	Profissão	Estado civil	Língua falada com o/a companheiro/a)	Língua falada com os pais	Filhos	Língua falada com os filhos
Júlia²⁴	30	Ens. Médio incomp.	Interior	1 ano	Agricultor	Casado	Hunsr.	Hunsr.	X	Huns.
Sandra	28	Ens. médio	Interior	Não	Agricultor	Casado	Port.	Hunsr.	X	Misturado
Cátia	38	Ens. médio	Cidade	24 anos	Vendedora	Casado	Hunsr.	Hunsr.	X	Misturado
Joice	33	Graduação	Interior	16 anos	Vendedora	Casado	Misturado	Hunsr.	X	Misturado
Juliana	30	Ens. médio	Interior	4 anos	Agricultor	Casado	Hunsr.	Hunsr.	X	Misturado
Cristina	30	Ens. médio	Interior	Não	Agricultor	Casado	Misturado	Hunsr.	Não	-
Mário	31	Ens. médio	Interior	Não	Agricultor	Casado	Misturado	Hunsr.	Não	-
Alfredo	30	Ens. Fundamental	Cidade	5 anos	Serviços gerais	Casado	Hunsr.	Hunsr.	Não	-
Ester	28	Ens. médio	Cidade	5 anos	caixa	Casado	Hunsr.	Hunsr.	Não	-
Amélia	35	Graduação	Interior	10 anos	Professora	Casado	Port.	Hunsr.	Não	-

Tabela 4. Dados sociolinguísticos do grupo 2

4.2.2 Coleta de dados

Levando em consideração que esta pesquisa envolveu seres humanos, submeteu-se seu projeto ao Conselho de Ética da Universidade do Minho, o qual obteve aprovação em setembro de 2018, sob o número CE.CSH 057/2018 (conforme anexo). Desse modo, todos os participantes foram informados dos propósitos desta pesquisa. Os participantes consentiram livre e espontaneamente em participar da entrevista, por meio da assinatura do Termo de Consentimento. Também lhes foi dito de que poderiam interromper a gravação de dados a qualquer momento sem que sofressem qualquer tipo de penalidade. Para garantir o anonimato e o proceder ético da pesquisa, os nomes e quaisquer dados que pudessem revelar a identidade dos participantes foram alterados.

As entrevistas ocorreram no mês de outubro, conduzidas em dialeto *hunsrückisch* pela autora da pesquisa, e tiveram duração média de 25 minutos. A coleta de dados ocorreu em

²⁴ Da mesma forma como ocorreu com o primeiro grupo, os nomes que aparecem no segundo grupo foram alterados, de modo a se preservar a identidade dos participantes.

diferentes localidades do município de Santo Cristo, Brasil. A pesquisadora visitou os moradores dessas comunidades, e a entrevista ocorreu em suas residências.

Como se trata de um município pequeno, é natural que quase todos os moradores se conheçam. Foi inevitável, portanto, que os participantes conhecessem a pesquisadora. Por outro lado, isso teve consequências positivas, de modo que já havia um vínculo com os participantes e, desse modo, as conversas fluíram de modo muito espontâneo e natural. Schaumloeffel (2003) relatou em sua pesquisa que os moradores entrevistados em Santa Maria do Herval eram conhecidos seus, o que também se mostrou extremamente eficaz para a coleta de dados. Era justamente este o ambiente que se queria proporcionar: um ambiente que proporcionasse a produção de falas espontâneas dos moradores que ainda dominam o dialeto alemão a par da língua portuguesa. Para favorecer a naturalidade das conversas, a pesquisadora utilizou perguntas-gatilho (conforme Anexo II) para conduzir as entrevistas sobre temas que fossem familiares ao cotidiano dos entrevistados, de modo a fazer com que os participantes se sentissem estimulados e encorajados a falar da forma mais natural possível.

De acordo com Flores (2008), a obtenção de dados espontâneos da fala é uma ferramenta extremamente eficaz se o objetivo da pesquisa é conhecer os fenômenos que ocorrem naturalmente. Como esta pesquisa é de caráter exploratório, tendo em vista a quase inexistência de estudos mais formais sobre o dialeto *hunsrückisch*, faz parte de seus objetivos conhecer as características sintáticas que ocorrem naturalmente neste dialeto. Além disso, como os dados foram coletados por meio de conversas espontâneas relativamente longas, foi possível a coleta de uma quantidade significativa de orações com verbos flexionados tanto declarativas quanto encaixadas, o que permitiu a reunião de material suficiente para a realização da análise.

Os dados foram gravados em um aplicativo de gravação de um *smartphone*. Optou-se por gravar apenas o áudio das conversas, pois este seria o método que provocaria menor constrangimento durante a entrevista. A escolha por um *smartphone* facilitou, igualmente, o andamento das entrevistas, já que os moradores estavam habituados com o uso de aparelhos telemóveis. Por outro lado, a gravação dos dados por meio deste aparelho foi realizada de modo muito discreto, pois ele era depositado em um lugar estratégico, de modo a fazer com que os entrevistados “esquecessem” que sua fala estivesse sendo gravada.

4.2.3 Análise de dados

As entrevistas foram transcritas e posteriormente codificadas em tabelas do Excel. Considerando que o dialeto *hunsrückisch* é somente falado, a transcrição desta língua foi realizada por meio da adaptação do modelo utilizado por Schaumloeffel (2003)²⁵. Este modelo vale-se de caracteres da língua portuguesa, de modo a se aproximar foneticamente da forma como estas palavras são pronunciadas no dialeto. Um exemplo destes caracteres é o uso do til, para indicar o fonema *ã*, que aparece frequentemente no dialeto, especialmente no final de alguns verbos: *tunsã, lenã, schawã...*

Após a transcrição das conversas, foram selecionadas 250 frases de cada participante totalizando 5.000 orações, incluindo orações matrizes e encaixadas. Foram excluídas as orações incompletas – ou seja, orações que não apresentavam os argumentos exigidos pelo verbo sem que estes pudessem ser inferidos no contexto – ou aquelas que não possuíam verbo finito, bem como os períodos coordenados que possuíam o mesmo sujeito, como, por exemplo: “*Die Mama hot driwã gehackt und hot óch die Kina ufgepasst*” (Port.: *A mãe capinou lá trás e também cuidou das crianças*). Nesse último caso, considerou-se apenas o primeiro período “*Die Mama hot driwã gehackt*”.

Em relação à codificação dos dados, um dos primeiros aspectos a serem observados foi a classificação das orações em declarativas ou em encaixadas. Em seguida, levou-se em consideração a posição do verbo finito, tendo em vista o tipo de oração em questão – V-2 para as orações declarativas e V-final para as encaixadas. Oações nas quais o verbo finito não se enquadrava nestas posições foram consideradas agramaticais. Permitiu-se apenas uma exceção relacionada ao fenômeno *topic-drop* nas orações declarativas, nas quais a ausência do sujeito faz com que o verbo finito ocupe a posição V-1.

Nas orações encaixadas, verificou-se não somente o posicionamento do verbo final, mas também a realização e o sequenciamento do *verb cluster*. Também foram codificadas as orações encaixadas com complementizador, nas quais se considerou a posição V-2 ou V-final e o complementizador relacionado a cada posição.

²⁵ Há um outro modelo de transcrição do dialeto *hunsrückisch* desenvolvido pelo projeto ESCHRITU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Este modelo não usa caracteres da língua portuguesa, apenas da língua alemã. O objetivo deste modelo é permitir que falantes da língua alemã – e que desconhecem o idioma português – consigam ler as produções desta variedade sem grandes dificuldades. Este modelo, no entanto, tem a desvantagem de não reproduzir os fonemas presentes no dialeto. Assim, o projeto recomenda, por exemplo, a duplicação de vogais com pronúncia tônica, porém se optou pelo uso do acento agudo. Dessa forma, a escrita da palavra *verkaufen* é sugerida *verkooßen*, mas, na transcrição de dados desta pesquisa, foi adotada a seguinte grafia *vakówã*. Além disso, algumas palavras apresentadas neste projeto diferem da pronúncia do dialeto falado em Santo Cristo, devido a estas inconsistências preferiu-se um modelo que permitisse a fidelidade fonética do dialeto.

Além disso, a fronteira verbal direita também foi codificada, a posição do objeto foi codificada levando em consideração a presença do verbo infinitivo, particípio ou partícula separada – nos casos envolvendo verbos com partículas móveis (*trennbare Verben*). A posição do objeto nas sequências verbais foi igualmente codificada. Por fim, codificaram-se também os tempos verbais e a presença de verbos emprestados – *code-switching* – ou que sofreram transformações morfológicas – *borrowing*.

Os dados codificados foram submetidos à análise no programa Rbrul. Trata-se de um *script* do programa estatístico R, desenvolvido especificamente para a análise de dados linguísticos (Johnson, 2008).

CAPÍTULO 5

5.1 RESULTADOS

Os resultados foram divididos conforme as características sintáticas analisadas. Em primeiro lugar, foram analisadas as características mais gerais do dialeto, como os empréstimos lexicais e o domínio morfológico. Em segundo lugar, foram apresentados os resultados referentes aos parâmetros sintáticos da língua alemã, considerando a posição do verbo finito. Em terceiro lugar, apresentam-se os aspectos concernentes ao posicionamento do objeto em relação ao verbo lexical na fronteira verbal direita e o deslocamento à direita. Por fim, descrevem-se o fenômeno *perinc* encontrado nesta pesquisa.

5.1.1 Propriedades dos verbos

Levando em consideração que o objetivo desta pesquisa é analisar a sintaxe do dialeto *hunsrückisch*, em especial a sintaxe verbal, faz-se necessário observar a configuração geral dos verbos no dialeto. Assim, verificaram-se os verbos em relação à mistura de códigos, ao comportamento das partículas separadas, ao tempo verbal e às construções verbais complexas (orações com verbos compostos e com partículas separadas) e simples (apenas com verbos finitos e sem partículas separadas).

5.1.1.1 Mistura de códigos

Para analisar este item, levou-se em consideração apenas a mistura de códigos que envolveu os verbos. O *corpus* apresenta um número maior de registros deste fenômeno (cerca de 20% das orações apresentam empréstimos lexicais), no entanto, focaram-se apenas os casos que contemplavam os verbos. Assim, com base no tipo de mistura de códigos, as ocorrências de empréstimo foram classificadas em duas categorias: *borrowing* – quando o verbo emprestado do português recebeu características morfológicas do alemão: *code-switching* – quando o verbo emprestado do português não recebeu alterações. Em 26.a) e b), apresentam-se exemplos da ocorrência destes empréstimos no corpus pesquisado:

26. a) *und desweche hón ich torciat imma* (Maria – G1)
 e por isso tenho eu torcido sempre
 ‘E por isso eu sempre torci’
- b) *wal nasceram in Familiã, wo net Daitsch lenã.* (Joice – G2)
 porque nasceram em famílias que não o alemão aprenderam.
 ‘Porque nasceram em famílias que não aprenderam o alemão’.

Considerando somente as construções verbais, como ilustram os exemplos em 26.a) e), verificou-se que, em apenas 2,8% dos verbos usados no corpus, os empréstimos se fazem presentes. Chama atenção que a porcentagem de ocorrência de mistura de códigos no domínio verbal é muito baixa em ambas as gerações, sendo que, que no grupo da primeira geração, a porcentagem de verbos que apresentaram algum tipo de mistura foi ligeiramente maior, 3,6%, em comparação com o grupo da segunda geração, 1,9%. Quanto ao tipo de mistura, o *borrowing* foi o tipo preferido pelos falantes, com 134 ocorrências no corpus.

5.1.1.2 Partícula separada

A análise das produções dos verbos com partículas separadas permite observar a sua configuração no dialeto e compará-la com o alto alemão, conforme visto no Capítulo 2. Para isso, as construções verbais com partículas separadas foram classificadas também com base no tipo de oração: de acordo com o alemão padrão, nas orações matrizes com verbo finito, são separadas do verbo, ocorrendo no final da oração, no caso das orações subordinadas, as partículas são acopladas aos verbos no final da oração. Além disso, para a análise deste item, é necessário considerar o *tempo verbal e o tipo de construção frasal*. Assim, no caso de ocorrerem em matrizes no tempo presente, espera-se que venham separadas do verbo. No caso de orações matrizes com verbos auxiliares ou modais e construções com outros tempos verbais, a exemplo do *Perfekt, Futur e Plusquamperfekt*, essas partículas deverão estar ligadas ao participio ou ao infinitivo no final da oração.

Por fim, é necessário analisar a posição do *objeto* nos casos das partículas separadas nas orações matrizes. De acordo com a gramática do alto alemão, o objeto antecede a partícula

separada (OV), localizada na fronteira verbal direita. Os exemplos abaixo retirados do corpus ilustram o comportamento desses verbos:

27. a) *Te tut kén Robô môlã un tut sã **ausschneidã*** (Joice – G2)

ele gosta Robô desenhar e os recorta
,Ele gosta de desenhar robôs e de recortá-los‘.

b) *un to nochher **schneid** ‘a sã **aus**.* (Joice – G2)

e então depois corta ele os fora
,e depois ele os recorta‘.

Considerando o total de construções verbais com partículas separadas, observou-se um total de 508 registros, que representam 10,2% do total de orações do *corpus*. Conforme os dados apresentados na Tabela 5, em relação à produção verbal com partículas separadas, encontraram-se 404 ocorrências verbais com partículas ligadas ao verbo no participípio. Nota-se uma preferência por complexos verbais, geralmente formados por construções perifrásticas (como ilustrado em 27a). Quanto à ocorrência das partículas separadas ligadas ao verbo em orações encaixadas, verificaram-se 11 registros (3 no grupo 1 e 7 no grupo 2). Tendo em vista que o dialeto possui o mesmo conjunto de regras sintáticas acerca das partículas separadas, conforme verificado no Capítulo 2, nenhum desvio, em comparação com a gramática do alto alemão, foi encontrado em relação a este parâmetro em ambas as gerações. É importante destacar que as orações perifrásticas com verbos lexicais ausentes não foram contabilizadas para esta análise, uma vez que não se poderia identificar se o verbo acompanharia a partícula separada ou não.

Tipo de construção verbal		Partículas ligadas ao verbo	Partículas separadas do verbo	Total
Complexas	2077	393	4	2092
Simples	2415	11	100	2908
Total	4492	404	104	5000

Tabela 5. Produção verbal com partículas separadas

Por outro lado, houve apenas 104 produções de verbos finitos com partícula separada – nota-se, portanto, em comparação com as partículas que foram acopladas junto ao verbo – que foram produzidas em quantidade consideravelmente menor. Concernente aos desvios, observaram-se somente quatro ocorrências envolvendo construções verbais complexas com partículas separadas, nas quais as partículas foram separadas dos verbos lexicais, a exemplo da construção encontrada na fala de Mário (28a):

28. a) **Tie hón hier hin mit en Caminhão **gestellt*** (Mário – G2)
eles tinham aqui com o caminhão colocado
,eles colocaram com o caminhão aqui'

Como se verifica em 28.a), trata-se de uma construção frasal formada por um complexo verbal. Neste caso, a partícula *hin* deveria vir acompanhada do particípio *gestellt*, formando a seguinte construção *hingestellt* (port. *colocado aqui*). Considerando os dados da Tabela 5, demonstra-se que a produção de verbos com partículas separadas pelos falantes vai ao encontro das regras descritas para o alto alemão, conforme discutido no Capítulo 2, demonstrando que os falantes de ambas as gerações dominam esta estrutura.

Tipo de oração	Oração matriz	Oração encaixada	Total
Partículas ligadas ao verbo	296	108	404
Partículas separadas	95	9	104

Tabela 6: Produção verbal com partículas separadas em orações matrizes e encaixadas

Os dados da Tabela 6 indicam a produção das partículas separadas em relação ao tipo de oração. Conforme já mencionado em relação aos dados da Tabela 5, houve um grande número de construções verbais complexas, o que fez com que a partícula separada ocorresse ligada ao verbo nas orações matrizes. Por sua vez, mesmo nas orações matrizes e encaixadas, as produções verbais com partículas separadas quase não apresentaram desvios (apenas 4 registros desviantes foram encontrados), indicando, portanto, um alto nível de proficiência em ambos os grupos.

No entanto, chama atenção que, em nove orações encaixadas, a partícula foi separada do verbo. Essas produções ocorreram com o complementizador *weil*. Como se verá posteriormente na seção 5.2.2.5, estas ocorrências estão relacionadas ao fato de que as orações encaixadas com *weil* possuem a tendência a serem construídas no dialeto *hunsrückisch* com V-2.

5.1.1.3 Tipo de verbo

As construções verbais foram divididas em duas categorias: a primeira refere-se às construções simples, formadas pelo verbo finito, a segunda diz respeito às construções verbais complexas, que no alemão podem ser formadas por compostos verbais, com verbos auxiliares ou modais, ou pelos verbos com partículas separáveis. Também se consideraram as construções *tun* e *am+Progressiv*, uma vez que se fazem presente no dialeto *hunsrückisch*.

Embora o maior número de ocorrências se verifique no presente, constatou-se que o *tun* também pode ser usado no *Konjuntiv I*. Além disso, verificou-se que o *am+Progressiv* igualmente pode ser conjugado em outros tempos e modos, como o *Präteritum*, *Konjuntiv I*, além de ser construído com verbos modais, conforme mostram os exemplos abaixo:

29. a) *Ich **sin** das Geschér jetzt am spilã.* (Bruna – G1)

eu estou a louça agora a lavar.

‚Eu estou lavando a louça agora‘.

b) ***Kann** ma egól am vakówa **sin*** (Maria – G1)

pode se sempre a vender estar.

‚Pode-se sempre estar vendendo‘.

c) *Wo en Namorada am suchã **weã.*** (Sandra – G2)

que uma namorada a procurar estava.

‚Que estava procurando uma namorada‘.

d) ***Wór**ich am Prillã **gewend*** (Vera – G1)

estive eu a chorar estado.

‚Eu estivera a chorar‘.

Uma questão peculiar no dialeto *hunsrückisch* e que pode ser percebida em 29.a) é a conjugação do verbo *sein* na primeira pessoa do singular. No dialeto, não existe a forma verbal *bin*, do alto alemão, para a primeira pessoa do singular no tempo presente. As primeiras pessoas – do singular e do plural – compartilham a mesma forma verbal no tempo presente: *ich sin* (1a P.S.) e *mia sin* (1a. P.P.) – observa-se também que neste dialeto o pronome pessoal da primeira

peessoa *wir* é diferente *mia*). Destaca-se, porém, que este fenômeno somente ocorre com esse verbo, o que é confirmado pelo exemplo em 29.b), no qual o verbo *sein* é expresso no *Plusquamperfekt*. Neste tempo, já se observam as características morfológicas do alto alemão, apenas com uma diferença fonética (*wó – huns.*; *war – ale.*). De acordo com Maselko (2013), a adoção da forma verbal *sin* na primeira pessoa do singular é uma produção típica dos falantes do *hunsrückisch* falado no Rio Grande do Sul.

Considerando a análise dos verbos, é importante destacar que se verificaram mais dois aspectos: a) o tipo de frase, ou seja, a posição destes verbos em orações declarativas e em orações encaixadas; e b) a posição do objeto em relação ao verbo (OV ou VO) (estes aspectos serão aprofundados na seção *ii. Sintaxe verbal*). Os exemplos a seguir foram retirados do corpus e demonstram o comportamento do objeto em relação ao verbo.

30. a) *Das wó óch fa kózã Zeit so.* (Bruna – G1)

Isso foi também por curto tempo assim.

„Isso foi assim por pouco tempo“.

b) *Jetzt sind ich in en Ótica am schafã.* (Cátia – G2)

Agora estou eu em uma ótica a trabalhar.

„Agora eu trabalho em uma ótica“.

grupo	fin	per ^{as}	Total
G1	1.000 (48%)	1500 (51,4%)	2500
G2	1.083 (52%)	1417 (48,6%)	2500
total	2.083 (42%)	2.922 (48%)	5000

Tabela 7. Tipo de construção verbal

A distribuição entre o tipo de construção frasal em ambos os grupos é muito semelhante, os dois grupos produzem mais construções verbais complexas (formadas por dois ou mais verbos ou com partícula separada) (2.922 registros) do que produções com verbos finitos (2.083). Assim, comparando a produção destas construções verbais entre as gerações, nota-se que é, em geral,

^{as} Verbos com partículas separadas foram classificadas como construções „genericamente“ perifrásticas. (Obs.: a literatura considera as construções no tempo verbal *Perfekt* como construções perifrásticas. Nesta tabela, para não confundir a codificação com os dados dos verbos com partículas separadas, optou-se por generalizar as formas verbais complexas com estes códigos).

bem equilibrada (no G1 as construções verbais complexas representaram 51,4%, no G2, as produções verbais simples representam 52%) (ver Tabela 7).

Duas construções verbais complexas encontradas nos dialetos faladas em ilhas linguísticas alemãs e frequentemente reportadas pela literatura também merecem destaque neste capítulo: *tun*-perífrase e *am+Progressiv*. Como se verifica no Gráfico 5, a construção perifrástica com *tun* é bem recorrente, representando 9,7% (485 registros) do total de construções frasais do corpus. A construção *am+Progressiv*, por sua vez, é bem menos expressiva, sendo encontrada em apenas 40 registros. No entanto, o que chama atenção nestas duas construções é que elas aparecem em sua maioria na fala da geração mais nova: 62% das construções com *tun* são realizadas pelo segundo grupo de falantes, por outro lado, 67,5% das construções *am+Progressiv* são realizadas por este grupo.

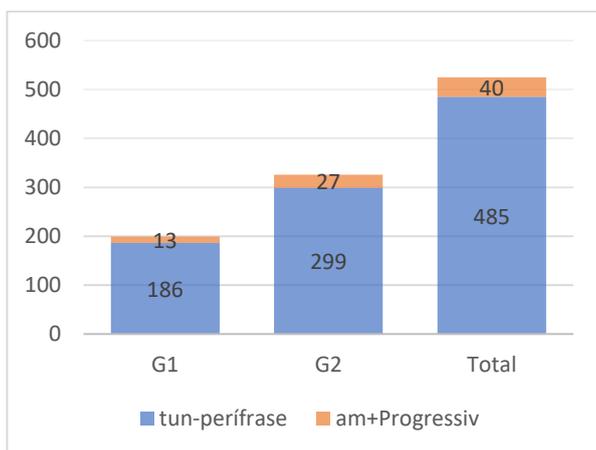


Gráfico 5. Construções verbais complexas *tun* perífrase e *am+Progressiv*

5.1.1.4 Tempo verbal

O tempo verbal também recebeu critérios de análise. O objetivo desta quantificação foi verificar quais são as formas verbais mais frequentes no dialeto e quais formas estão caindo em desuso. Além disso, objetivou-se analisar se as construções verbais estavam sendo gramaticalmente realizadas, especialmente nos tempos verbais formados por mais de um verbo.

Grupo	Fut	Konj	Perf	Plus	Präs	Prät	Total
G1	1	52	896	147	1.102	302	2.500
G2	0	72	676	104	1.475	173	2.500
Total	1	124	1.572	251	2.577	475	5.000

Tabela 8. Distribuição dos tempos verbais por grupo

Em relação à distribuição do uso dos tempos verbais, conforme a Tabela 8, observa-se que parecem ser muito semelhantes nos dois grupos. Do ponto de vista quantitativo, verificou-se uma espécie de inversão entre as duas gerações, enquanto que há, de um lado, uma preferência do segundo grupo pelo tempo verbal presente (*Präsens*) (1.475 registros do G2 e 1.102 do G1), de outro, nota-se uma queda proporcional na produção do *Perfekt* (676 em comparação com 896 do G1).

Deixando de lado os aspectos mais gerais acerca dos verbos encontrados no *corpus*, passar-se-á, na próxima seção à análise da sintaxe verbal. Para isso serão consideradas as posições ocupadas pelos verbos e os tipos de orações.

5.1.2 Sintaxe verbal

5.1.2.1 Tipo de oração

Para esta pesquisa, foram analisadas somente as orações completas que apresentavam um verbo finito. Dessa maneira, consoante o tipo, cada oração foi classificada em principal ou subordinada. Esta classificação é muito importante, visto que a posição do verbo finito muda de acordo com o tipo de oração. Assim, nas orações matrizes, o verbo finito ocupa a segunda posição (V-2), nas orações encaixadas, a posição final (V-final), situação ilustrada pelo exemplo retirado do corpus em 31.a). Com isso, é possível verificar se os parâmetros V-2 e V-final são realizados, se há desvios e com que frequência ocorrem. Igualmente pode-se comparar sua realização entre as gerações e verificar se há algum tipo de desvio relacionado a esses parâmetros.

31. a) To **wó** en Medchen **gewend** [oração principal], wo tann uns **ingelent hot** [oração secundária].
(Ester – G2)

então tinha uma menina havido [oração principal] que então nos ensinado tinha [oração secundária]

,Então havia uma menina que nos ensinou‘.

Desse modo, quanto à produção de orações matrizes ou encaixadas, verificou-se a predominância do primeiro tipo: 3.880 registros, em comparação com as secundárias: 1.120. Comparando-se o tipo de oração entre as gerações, observa-se que ambos os grupos apresentam uma distribuição muito similar: G1 produziu 1.996 orações matrizes e 504 orações encaixadas contra 1.884 orações matrizes do G2 e 616 orações secundárias. Na próxima seção, verificar-se-á a posição que o verbo finito ocupou nas orações matrizes e a sua frequência.

5.1.2.1 Posição do verbo finito em orações matrizes

Nestas orações, a posição não marcada é a V-2. Há situações, no entanto, que permitem que o verbo seja deslocado para a posição V-1 – deslocamento licenciado somente nos casos em que há *topic-drop*, conforme situação descrita no Capítulo 2. Produções V-1 que ocorrem em contextos em que não há *topic-drop* são compreendidas como desvios da norma do alto alemão. Concernente à posição do verbo finito em orações matrizes, no *corpus*, as seguintes ocorrências foram verificadas:

32. a) *Ich hón keen Hinklã.* (Juliana - G2)
eu tenho nenhuma galinha
,Eu não tenho galinha‘.
- b) *Zwanzig Joah ich wó, kann ma són, preso gewest.* (Tânia – G1)
vinte anos eu estava, pode nós dizer, preso estado
,Vinte anos eu estava, podemos dizer, *preso‘.
- c) *Musst imma nohkugã.* (Joice – G2)
precisa sempre de perto olhar
,Precisa estar sempre atento‘.

d) *Die Temperatura so viel trogã tut.* (João – G1)

A temperatura muito troca faz

‚A temperatura muda muito‘.

Portanto, em 32. a) tem-se a posição V-2, em 32. b), a posição *V-3 e, em 32.c), a posição V-1. O registro em 32.d), em que o verbo finito em uma oração matriz foi posicionado no final da oração, foi encontrado apenas duas vezes no *corpus*. Quanto à frequência da posição verbal, na maior parte dos registros foi encontrada a posição V-2 nas orações matrizes: 3.438 registros (o que representa 88,6% da totalidade das orações matrizes). Comparando-se os registros destas propriedades gramaticais entre as gerações, percebe-se uma ligeira variação entre as gerações (1.810 registros, ou seja, 52,7%) no G1 e 1.628 registros, correspondendo a 47,3%, no G2) (ver Tabela 9).

Quanto aos outros fenômenos envolvendo a posição do verbo finito nas orações matrizes, encontraram-se apenas duas ocorrências da posição agramatical *V-3,. Portanto, trata-se de um fenômeno que raramente ocorre na fala dos entrevistados. Também foram encontradas outras duas ocorrências desviantes nas orações matrizes, nas quais o verbo apareceu na posição v-final. Por fim, encontraram-se 23 registros de construções verbais complexas que não apresentaram o verbo finito (este ponto será aprofundado em *Estruturas Especiais*).

Considerando-se, portanto, o número total de desvios acerca do domínio desta estrutura, nota-se que se trata de um valor quase nulo, representando 0,6% do total de orações analisadas.

Grupo	V-2	V1	V-3/V-final	Ausente	Total
G1	1.810 (52,7%)	173 (41,5%)	2	10	1.996
G2	1.628(47,3%)	243 (58,5%)	1	13	1.884
Total	3.438 (88,6%)	416 (10,7%)	3	23	3.880

Tabela 9. Produção do verbo finito em orações matrizes

Conforme revelam os dados da Tabela 9, a realização da posição V-1 teve uma frequência significativa (10,7%). Tendo em vista, portanto, que a ocorrência do verbo finito na posição V-1 decorreu por causa de diferentes fatores, este fenômeno será analisado com mais atenção na próxima seção.

5.1.2.2 V-1 em orações matrizes

Consoante ao exposto no Capítulo 2, independentemente da classe gramatical do primeiro constituinte das orações declarativas, o verbo finito ocupa sempre a segunda posição sintática. Embora a posição V-1 ocorra em frases interrogativas, para a análise dos dados, estas frases não foram contabilizadas, visto que se tratam de outro fenômeno, conforme discutido no Capítulo 2.

Considerando a totalidade de orações V-1 no corpus, foram encontradas 416 ocorrências de V-1, o que perfaz 10,7% do total de orações matrizes transcritas. Chama atenção que esta construção ocorreu de forma balanceada nas duas gerações, sendo levemente mais produzida no G2, com 58,4% do total (243 ocorrências).

Por outro lado, é preciso levar em conta que há certos contextos que licenciam o deslocamento do verbo finito para a primeira posição, nos casos em que o pré-campo não é preenchido, nas orações matrizes. Os casos em que isso pode ocorrer são os que envolvem o fenômeno *topic-drop*, conforme o exemplo em 33.:

33. a) Papa wó órm. *Hat ke Geld fa'n Bola kóvã* (Ivo – G1)
papai era pobre. tinha nenhum dinheiro para uma bola comprar
'Papai era pobre. Não tinha dinheiro para comprar uma bola'.
- b) *Wó allas Daitsh.* (Pedro – G1)
era tudo alemão
,Eram todos alemães'.

Considerando estes exemplos, observa-se que em 33.a) ocorreu a omissão do sujeito devido ao fato de o tópico discurso (Papa) ter sido mencionado anteriormente. Além disso, a informação apresentada na sequência ainda dizia respeito ao mesmo referente (*Papa*). Em 33.b) observa-se a omissão do expletivo. De acordo com Flores (2008), a omissão licenciada do expletivo ocorre sob as mesmas circunstâncias que a omissão do sujeito, ou seja, sob o fenômeno *topic-drop*.

Quanto aos casos de V-1 produzidos em decorrência da omissão do sujeito em casos de *topic-drop*, conforme exemplo 33.a), verificaram-se 97 registros, perfazendo 23% da totalidade das construções V-1. Ao se levar em conta o seu grau de produção entre as gerações, constata-se que

este fenômeno ocorre de modo balanceado entre os dois grupos (ver Tabela 10). Além da omissão do sujeito, encontraram-se casos envolvendo a omissão do expletivo, como se verifica em 33.b). Acerca deste fenômeno, encontraram-se 103 casos, ou seja cerca de 25% do total de orações V-1. Destaca-se que a maior parte das construções ocorreu no segundo grupo (73%).

Por outro lado, o que chama atenção nas construções V-1 é a ocorrência de orações sem o pré-campo: cerca de 52% das construções V-1 foram produzidas neste contexto (ver exemplos 34). No exemplo 34.a), como consequência da ausência do pré-campo, o verbo é o primeiro constituinte foneticamente realizado na oração, dessa forma, o sujeito pronominal é pós-posto logo após o verbo. O exemplo 34.b) também apresenta um caso em que o verbo ocupa a primeira posição da oração, porém a diferença é que o sujeito é um DP que foi pós-posto ao verbo, mas intercalado por um advérbio. Verificou-se que os falantes produzem mais V-1 com sujeitos pronominais. Apenas 8 ocorrências de inversão de sujeito, em decorrência da ausência do pré-campo, foram com substantivos ou com pronomes demonstrativos.

34. a) *Tun ma alles ufpassã.* (Vera – G1)

faz a gente tudo cuida

‚A gente cuida de tudo‘.

b) *Wohnt jetzt en von unsa Kina schon und schon die Neta.* (Clécio – G1)

mora agora um de nossos filhos já e já a neta

‚Agora já mora um de nossos filhos e a neta [também]‘.

Grupo	Sujeito Nulo	Ausência do Expletivo	Ausência do Pré-campo	Total
G1	51 (52,5%)	28 (27%)	94 (43,5%)	173
G2	46 (47,5%)	75 (73%)	122 (56,5%)	243
Total	97 (23%)	103 (25%)	216 (52%)	416

Tabela 10. Casos que implicam no deslocamento do verbo finito para V-1

De acordo com Flores (2008), Fries (1988), Schmitz, Patuto e Müller (2011) dentre outros, o fenômeno *topic-drop* licencia a omissão de apenas um constituinte do pré-campo e sua omissão somente pode ocorrer caso esta informação tenha sido recentemente introduzida no discurso. Nesse sentido, omitir um tópico anteriormente referido após a introdução de outro é um caso de

omissão desviante. Esse tipo de omissão também foi identificada no corpus, conforme verificado no exemplo abaixo:

35. a) *Wal ist bloß meh noch Stehlerei und äh... und Kéller,
wo net wétschaffä kennä.
Und [pro] missä immer mehr Staier bezóhlä. (lvo – G1)*
,Porque só há mais roubalheira e ah... pessoas que não sabem trabalhar.
e cada vez mais [pro] precisamos pagar impostos‘

O exemplo do *corpus*, mostra que o referente do pronome omitido não foi expresso anteriormente. De acordo com Schmitz, Patuto e Müller (2011), a maior parte das omissões envolvendo *topic-drop* ocorre com pronomes da primeira e da segunda pessoa, visto que para o interlocutor, fica claro que o falante está a se referir à primeira pessoa do singular. Trata-se, portanto, de um pronome dêítico, uma vez que não têm valor referencial próprio, sua referência remete-se a informações extralinguísticas e ao contexto discursivo. Conforme demonstram os dados, apenas 11 ocorreram com a primeira e segunda pessoa e apenas 3 com a terceira pessoa. Dos casos envolvendo omissão desviante, a maior parte ocorreu com o pronome expletivo (27 ocorrências). Observa-se, portanto, que a omissão de sujeitos em situações desviantes ocorre raramente entre os falantes (41 ocorrências, perfazendo cerca de 10% das construções V-1) (ver Tabela 11).

	Omissão de sujeito	Omissão de expletivo	Total
Grupo 1	11	13	24
Grupo 2	3	14	17
Total	14	27	41

Tabela 11. Construções desviantes de v-1

5.1.2.3 Verbo finito nas orações encaixadas

Nas orações encaixadas analisadas no *corpus*, foi constatado que o verbo finito pode assumir três posições: v-final, que está em conformidade com a gramática do alto alemão; e, para os fenômenos descritos pela literatura que ocorrem em alguns dialetos alemães com o verbo finito em orações encaixadas, *verb raising* e *verb projection raising*, VR e VPR, respectivamente. Como

visto no Capítulo 2, o VR ocorre nas orações encaixadas quando o verbo finito é pré-posto aos verbos da sequência verbal, em vez de ficar em sua posição natural, v-final. Por sua vez, o VPR é um fenômeno que ocorre nas orações encaixadas com complexo verbal; nestes casos, o verbo finito, em vez de estar em sua posição de base, é pré-posto ao advérbio ou ao objeto. Estes fenômenos foram encontrados no corpus e em 36.a) encontra-se um exemplo da posição básica que o verbo finito deve assumir em uma oração encaixada, ou seja, v-final; em 36.b), apresenta-se um exemplo de VR e em 36.c) um exemplo de VPR:

36. a) [...] *wie sie tie Johrã gepaut hón.* (Joana – G1)
 [...] como eles antigamente construíram tinham
 ,[...] como eles construíam antigamente’.
- b) [...] *dass ich net muss prillã.* (Vera – G1)
 [...] que eu não podia chorar
 ,[...] que eu não podia chorar’.
- c) *Wenn ich mich kann alle Gebot was schenes kóva.* (Maria – G1)
 se eu me posso às vezes algo bonito comprar
 ,Se eu puder comprar para mim, às vezes, alguma coisa bonita’.

Conforme visto anteriormente, foram encontradas 1.120 registros de orações encaixadas no corpus. A análise da posição V-final assumida pelo verbo finito nas orações encaixadas indicou que em 75% dos registros o verbo assumia esta posição, representando 17% das ocorrências do corpus, sendo encontrada 837 vezes (ver Gráfico 7). Deste total, 389 registros dizem respeito às produções da primeira geração e 448 registros referem-se às produções dos falantes da segunda geração. Nota-se mais um vez que se trata de um fenômeno bem distribuído entre as gerações, pois os registros dos falantes do G2 representam 53% do total.

Grupo	V-final	VPR	VR	V2	Verbo ausente	Total
G1	389 (47%)	11 (33%)	29 (50%)	63 (38%)	12 (45%)	504
G2	448 (53%)	23 (67%)	29 (50%)	101 (62%)	15 (55%)	616
Total	837 (75%)	34 (3%)	58 (5%)	164 (15%)	27 (2,4%)	1.120

Tabela 12. Distribuição do verbo finito nas orações encaixadas

A respeito do fenômeno VPR, é importante ressaltar que as orações encaixadas com a conjunção *weil* nas quais o verbo finito ocupou a posição V-2 não foram contabilizadas, visto que

receberam uma classificação própria. As razões para esta classificação serão abordadas no próximo capítulo.

Nesse sentido, observou-se que, em geral, o fenômeno VPR ocorreu de forma pouco expressiva, em apenas 3% do total de orações encaixadas; ou seja, apenas 34 ocorrências de VPR foram encontradas – 11 no primeiro e 23 no segundo grupo. No entanto, chama atenção que, dos 34 registros, 23 (ou seja, 67%) registros ocorreram no segundo grupo, demonstrando, assim, uma ocorrência maior deste fenômeno no grupo de falantes da geração mais nova (ver Tabela 12).

Da mesma forma como verificado no fenômeno VPR, as ocorrências de VR também foram pouco significativas, perfazendo 5,2% do total, ou seja, foram observados apenas 58 casos. Quanto à distribuição do fenômeno entre as gerações, esta se manteve bem equilibrada: 29 registros no primeiro grupo e 29 no segundo. De modo a complementar a análise sobre a posição do verbo finito nas orações encaixadas, faz-se necessário analisar as sequências verbais, assunto que será apresentado a seguir.

5.1.2.4 Sequência do verb cluster

Nas orações encaixadas, as construções verbais formadas por dois ou mais verbos configuram-se de tal modo que formam uma sequência de verbos na fronteira verbal direita,. Como se verificou no Capítulo 2, a posição assumida pelo verbo finito nas construções frasais complexas em orações encaixadas pode variar, conforme a quantidade de verbos que compõem a sequência verbal. No entanto, nem todas as posições são licenciadas, e, nos dialetos, identificou-se que há uma tendência para o uso variado deste posicionamento. Portanto, levando em conta as posições que os verbos podem assumir, os exemplos apresentados em 37. demonstram as sequências encontradas no *corpus*. Assim, nos exemplos 37.a) e b), têm-se sequências verbais formadas por dois verbos. Observa-se em 37.a) a sequência 2,1, que corresponde à posição v-final; já em 37.b) verifica-se a sequência 1,2, que corresponde ao fenômeno *verb raising*, já que o verbo finito é pré-posto ao infinitivo. Por sua vez, os exemplos 37.c), d) e e), ilustram três sequências verbais formadas por três verbos. Em 37.c), constata-se que o verbo finito está na posição V-final, por outro lado, em 37.d), o verbo foi pré-posto aos verbos infinitivos; em 37.e) o verbo finito foi intercalado aos verbos participiais. Destarte, as duas últimas ocorrências podem ser compreendidas como *verb raising*. No entanto, conforme visto no Capítulo 2, a literatura tem

reportado que as construções nas quais o verbo é intercalado aos verbos da sequências verbais, como em 37.e), são consideradas estruturas desviantes.

37. a) *wenn ich iwig SUS kang wea* (Júlia – G2)
se eu pelo SUS ido tivesse
,se eu tivesse ido pelo SUS^{27t}.
- b) *wo uns tet... assumierã.* (Maria – G1)
que nos iria ... assumir.
,que nos iria assumir‘.
- c) *weil sã tat die Gletz runawenzlã geloss hón.* (João – G1)
porque eles lá as toras para baixo rolar deixar tinham.
,porque lá eles deixavam as toras rolar para baixo‘.
- d) *wo net het défã passierã.* (Maria – G1)
que não tivesse dever acontecer.
,que não deveria acontecer‘.
- e) *Wo mea komm sin gewannad.* (Ester – G2)
onde nós vir tinha mudado.
,Quando nós nos mudamos para cá‘.

É importante destacar que, no *corpus*, somente foram encontradas sequências verbais formadas por dois e por três verbos, não havendo registro de sequências verbais com mais verbos, como as descritas em outros dialetos. Com base neste aspecto, por meio desta análise, foi possível verificar qual é a sequência mais frequente, especialmente nos casos envolvendo 3 verbos, pois, de acordo com o exposto no Capítulo 2, quanto mais verbos, mais opções sequenciais se apresentam ao falante, embora nem todas sejam licenciadas.

²⁷ Sistema Único de Saúde (SUS). Trata-se de um sistema de saúde público do Brasil.

Assim, as construções envolvendo o *verb cluster* corresponderam a 40,6% do total de orações encaixadas analisadas no *corpus*. A sequência verbal mais expressiva foi a sequência envolvendo dois verbos: 2,1, com 367 registros – o que está em conformidade com os dados referentes à produção de V-final –, seguida da construção 1,2 (somente 75 registros). Sequências verbais formadas por três verbos são pouco recorrentes – no *corpus* foram encontrados apenas 13 registros – as sequências 1,2,3 e 3,2,1 foram as mais recorrentes com 5 registros de cada (ver Tabela 13).

No que diz respeito ao tipo de *verb cluster*, foram encontrados 367 registros na sequência 2,1, representando 80% das sequências verbais. Esta constatação condiz com os resultados V-final encontrados neste *corpus*. A sequência 1,2 ocorreu em menor número, representando os casos envolvendo VR e VPR. As sequências com três verbos foram pouco expressivas, ocorrendo somente 13 vezes.

Grupo	2,1	1,2	1,2,3	3,2,1	2,1,3	Total
G1	170 (46%)	31 (41%)	2	5	1	209
G2	197 (54%)	44 (59%)	3	0	2	246
Total	367 (80%)	75 (17%)	5 (1%)	5 (1%)	3 (0,6%)	455

Tabela 13. Frequência e tipos das sequências verbais

Comparando-se as gerações, verificou-se que a produção de sequências verbais formadas por dois verbos é semelhante nas duas gerações: em ambas predomina a sequência 2,1. No entanto, na segunda geração, observou-se uma produção de 4,6% maior na quantidade de construções com sequência 2,1. Por sua vez, a diferença mais significativa foi, contudo, com a sequência 1,2 no segundo grupo, que representou 58% do total em comparação com a geração de falantes mais velhos. Embora pouco expressivas, as sequências verbais formadas por três verbos foram menos utilizadas no grupo 2.

Finalizando a apresentação dos dados referentes à posição do verbo finito, resta analisar a seu comportamento nas construções encaixadas com a conjunção *weil*. Tópico este que será apresentado na próxima seção.

5.1.2.5 Posição do verbo finito nas orações encaixadas com a conjunção *weil*

Conforme visto no Capítulo 2, nas orações encaixadas, o verbo finito deve permanecer em sua posição de base, ou seja, deve ocupar a posição v-final. No entanto, na linguagem oral e nos dialetos, é muito recorrente encontrarem-se construções com *weil* nas quais o verbo finito se localiza na segunda posição (*weil* V-2). Para analisar a frequência dos registros com *weil* e, conseqüentemente, da posição ocupada pelo verbo finito nestas orações, todas as orações com *weil* foram classificadas conforme a posição em que o verbo finito ocorreu (V-final ou V-2). Com base nesta classificação, encontraram-se, no *corpus*, as duas ocorrências: *weil*/V-2 (38.a)) e *weil* V-final (38. b)):

38. a) *wal ich konnd einfach keen Brasiliónisch spreche.* (Simão)
Porque eu podia simplesmente nenhum brasileiro falar.
,Porque eu simplesmente não sabia falar português‘.
- b) *wal er weida fót wohnt.* (Joana)
porque ele longe fora mora.
,porque ele mora longe‘.

Considerando que houve um número expressivo de orações secundárias nas quais o verbo finito ocupou a segunda posição (164 ocorrências), verificou-se que 91%, ou seja, 149 registros, foram realizados com a conjunção *weil*, conforme consta no Gráfico 6. Quanto à distribuição entre os grupos, identificaram-se 58 ocorrências no grupo de falantes da geração mais velha (representado 49%) e 91 ocorrências entre os falantes da geração mais nova, representando 61% do total. Embora relativamente bem distribuído, trata-se, portanto, de um fenômeno ligeiramente mais frequente no G2. Além disso, os dados parecem demonstrar que a posição V-2 do verbo finito em orações subordinadas com a conjunção *weil*, no dialeto *hunsrückisch*, é licenciada e que a posição v-final está caindo em desuso. Apenas 11 orações subordinadas com a conjunção *weil* foram produzidas com v-final. Por fim, ainda é necessário destacar que este fenômeno ocorre somente com a conjunção *weil*, pois os dados mostram que com outras conjunções, como *dass* e *ob*, ou com pronomes relativos ocorreram apenas 15 construções v-2.

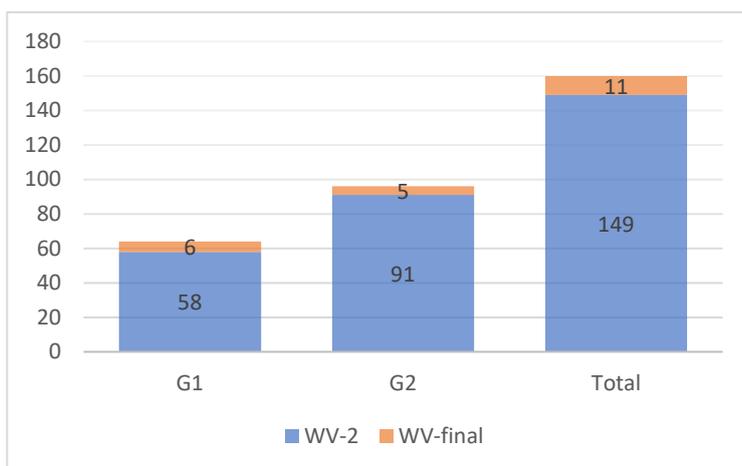


Gráfico 6. Distribuição da posição do verbo finito em orações encaixadas com a conjunção weil por geração e no total do corpus

Além dos parâmetros V-2 e V-final analisados nesta seção, a língua alemã é muito conhecida pelo padrão OV. Este parâmetro também foi encontrado no corpus e os resultados serão apresentados na sequência.

Por fim, com base nos resultados observados ao longo deste capítulo, verificou-se que a posição V-2 e a posição V-final foram as ocorrências mais significativas, conforme verificado no gráfico abaixo:

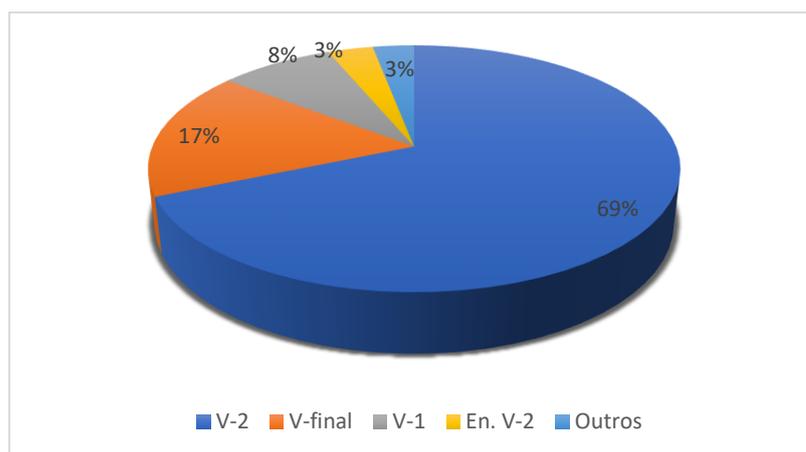


Gráfico 7. Distribuição da posição do verbo finito no corpus

Com base no Gráfico 7, construções V-2 nas orações matrizes foram os registros predominantes encontrados na fala dos participantes (69% do total). A posição V-final teve a

segunda maior ocorrência, com 17% do total. Em seguida tem-se a posição V-1 com 8%. Orações encaixadas com V-2 representam 3,3% do total. Outros fenômenos como VR, VPR, construções perifrásticas ausentes, V-3 e V-final em orações matrizes perfazem juntos 3% do total.

Na próxima seção, serão apresentados os dados referentes aos fenômenos observados na periferia direita das orações.

5.1.3 Posição do objeto

Outro parâmetro analisado nesta pesquisa diz respeito ao posicionamento do objeto em relação às construções verbais complexas, ou seja, construções que permitem o preenchimento da fronteira verbal. Conseqüentemente, esta fronteira verbal acaba por exigir que o objeto anteceda o verbo infinitivo, o particípio ou a partícula separada, de acordo com cada situação – explicação já apresentada no Capítulo 2. O dialeto alemão, por sua vez, também mantém este parâmetro; contudo, como está em contato com uma língua de parâmetro VO, como o português, a análise de sua produção pelos falantes do dialeto *hunsrückisch* levou em consideração as duas ocorrências OV e VO. Consoante com estas premissas, foi possível encontrar no *corpus* as duas formas, conforme exemplos em 39 a) e b):

39. a) *tann hot te alsmo bis zwói Uhr Móins die Zeitung gelest.* (Pedro – G1)
Daí teve ele às vezes até duas horas manhã o jornal lido.
,Então ele ficou às vezes até às duas horas da madrugada lendo o jornal‘.
- b) *Ich kann mich wéich net arinnern an ena* (Ivo – G1)
Eu posso me mesmo não lembrar de um.
,Eu realmente não consigo me lembrar de um‘.

Quanto à sequência OV, nota-se que a maior parte das construções frasais produzidas pelos falantes mantém esta estrutura (2.678 ocorrências, o que representa 92% do total de produções verbais complexas). Como se constata na Tabela 14, a distribuição das ocorrências é muito semelhante em ambas as gerações – 1.376 registros no primeiro grupo e 1.302 registros no segundo. Chama atenção o baixo número de realizações envolvendo a sequência VO,

encontraram-se apenas 140 ocorrências, o que representa um total de 4,8% do total de construções verbais complexas). Considerando a sua produção entre os dois grupos, mais uma vez verifica-se que houve uma produção relativamente equilibrada entre ambos, G1 (74 ocorrências) e G2 (66 ocorrências), quanto à realização de construções desviantes VO. Além disso, destaca-se que este fenômeno ocorreu menos frequentemente na geração de falantes mais novos.

Grupo	OV	VO	V1	Verbo ausente	Total
G1	1.376 (51%)	74 (53%)	10 (59%)	40 (49%)	1.502
G2	1.302 (49%)	66 (47%)	7 (41%)	42 (51%)	1.420
Total	2.678 (92%)	140 (4,8%)	17 (0,6%)	82 (2,8%)	2.922

Tabela 14. Posição do objeto em relação ao verbo

Em relação às construções frasais nas quais o verbo infinitivo ou particípio ocupa o pré-campo, observa-se que raramente apareceram na fala dos entrevistados, ocorrendo apenas 17 vezes. Por outro lado, desvios relacionados à ausência verbal na fronteira verbal direita também tiveram uma baixa frequência, representando 2,8% das ocorrências verbais complexas. Além disso, este é um fenômeno que ocorreu de forma bem equilibrada entre as duas gerações (40 registros no primeiro grupo e 42 registros no segundo).

Considerando que nem sempre o objeto antecede o verbo, conforme visto nesta seção, é importante analisar em quais casos o verbo é pós-posto ao verbo. Este aspecto será analisado na seção seguinte.

5.1.3.1 Deslocamento à direita

No Capítulo 2, foi apresentado o fenômeno do deslocamento de constituintes frasais à direita. Trata-se do deslocamento de constituintes que desempenham uma função sintática dentro da oração. Assim sendo, este deslocamento somente ocorre quando há uma fronteira verbal, pois a fronteira verbal direita precisa estar preenchida para que um constituinte possa ser pós-posto ao verbo lexical.

Considerando estes aspectos, observou-se que no corpus os seguintes constituintes foram deslocados: advérbio (40.a)), objeto indireto (40.b)) e objeto direto (40.c)), conforme evidenciam os exemplos abaixo:

40. a) *desweche hón ich torciat imma* (Maria – G1)

Por isso tive eu torcido sempre.

,por isso eu sempre torci‘

b) *viel Lait sind abgehau in die Stadt* (Ivo – G1)

muitas pessoas vão partidas para a cidade

,muitas pessoas partiram para a cidade‘

c) *tann hón die Eltrã uffgemacht so en Plantójche* (Joana – G1)

então foram os pais aberto assim uma rocinha.

então os pais abriram uma pequena roça.

Grupo	Adv	OD	OP	Total
G1	39 (48%)	28 (74%)	71 (59%)	133
G2	42 (52%)	10 (26%)	50 (41%)	102
Total	81 (35%)	38 (16%)	121 (51%)	235

Tabela 15. Constituintes frasais deslocados ao pós-campo

Cabe ressaltar que foram descartados os casos envolvendo construções perifrásticas incompletas, visto que não havia como precisar a posição do verbo ausente. Conforme os dados apresentados na Tabela 15, o preenchimento do pós-campo por constituintes que normalmente ocupam o campo médio ocorreu em 235 orações, representando 8% do total de produções com estruturas verbais complexas. A distribuição deste preenchimento também é muito semelhante entre os dois grupos. O constituinte mais pós-posto é o objeto preposicionado, com 121 ocorrências (51%), seguido pelo advérbio, que foi encontrado 81 vezes (35%). Nota-se que no G2 houve uma leve queda no número de pós-posições dos advérbios e um leve aumento no deslocamento dos objetos preposicionados ao pós-campo. O pequeno número de ocorrências desses deslocamentos chamou atenção, uma vez que se esperava um número maior de ocorrências, especialmente nos falantes do segundo grupo, devido à influência da língua portuguesa, predição que não se veio a confirmar.

Ainda considerando as construções verbais complexas, resta, por fim, analisar um tipo de estrutura especial encontrado no *corpus*. Trata-se da formação incompleta destes complexos verbais, que será detalhada na próxima seção.

5.1.3.2 Estruturas especiais

Na análise do corpus, foi encontrada uma estrutura especial que ocorreu em ambos os grupos. Sua frequência não foi muito significativa (apenas 174 registros), no entanto, como foi observada na fala de vários entrevistados, seu comportamento foi registrado. Esta estrutura foi denominada *perinc*, considerando que se refere a estruturas perifrásticas incompletas. Trata-se, assim, de uma estrutura de um complexo verbal incompleto, geralmente quando o verbo infinitivo ou particípio deixa de ser realizado. Os exemplos em 41. indicam a forma como esta estrutura foi encontrada no corpus. Assim, em 41.a) demonstra-se a ausência do verbo na fronteira verbal esquerda, em 41.b), ilustra-se a ausência do verbo lexical na fronteira verbal direita e, em 41.c), apresenta-se a ausência do verbo finito na posição v-final:

41. a) *Die Zehã wórã wie en tick Tomat.* (Ivo – G1)
Os dedos estavam como um grosso tomate.
'Os dedos estavam como se fossem um tomate graúdo'.
- b) *imma Pain gehat in Kraiz und en Peen.* (Júlia – G2)
sempre dor tinha nas costas e na perna.
,Tinha sempre dor nas costas e na perna'.
- c) *Wie die Mãe gestórãb* (Pedro – G1)
Como a mãe falacida.
Quando a mãe faleceu.

No que se refere às construções perifrásticas incompletas, de acordo com a Tabela 16, identificaram-se 137 registros. Considerando a totalidade das construções verbais complexas, 2.922, as construções incompletas representam um número pouco expressivo 4,7%. Chama atenção o fato de que se trata de um fenômeno relativamente bem distribuído entre as gerações. Por outro lado, nota-se que a maior parte (87 registros) dos verbos omitidos localiza-se na fronteira verbal direita; assim, o verbo finito tem uma tendência a ser mais realizado.

Grupo	Perinc	V2	Verbo infinitivo/ particípio	v-final
-------	--------	----	------------------------------	---------

G1	64 (47%)	10 (44%)	42 (48%)	12 (44%)
G2	73 (53%)	13 (56%)	45 (52%)	15 (56%)
Total	137	23 (17%)	87 (63%)	27 (20%)

Tabela 16. Construções perifrásticas incompletas

Sumarizando: com base na análise destes dados, fica claro que os parâmetros da língua alemã ainda se mantêm muito estáveis nas produções de ambos os grupos. Por outro lado, verifica-se que os desvios ocorrem de modo pouco expressivo. Por sua vez, esta ocorrência balanceada demonstra também um bom nível de proficiência dos falantes de herança do segundo grupo, poisas suas produções indicam uma aquisição completa acerca da variedade à qual tiveram contato. Essas conclusões serão discutidas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 6

6.1 DISCUSSÃO

Os resultados observados no capítulo anterior permitem que algumas conclusões sejam apresentadas a respeito do desenvolvimento sintático do dialeto *hunsrückisch*. Além disso, pretende-se confrontar as hipóteses levantadas com os dados obtidos e analisar em que medida o dialeto se distingue e/ou se assemelha de outras variedades alemãs.

Com base nisso, a primeira hipótese desta pesquisa considerou que os falantes apresentariam um número elevado de empréstimos lexicais. Constatou-se que em torno de 20% do total de orações do corpus apresentou empréstimos lexicais (*code-switching* e *borrowing*). Trata-se de um número considerável, o que acaba por confirmar a hipótese. Concernente à mistura de códigos envolvendo verbos, verificou-se que somente 2,8% do total dos verbos continham empréstimos da língua portuguesa.

Por outro lado, conforme já destacado pela literatura (Almeida & Flores, 2017; Flores, 2008; Kupisch & Rothman, 2018; Rothman, 2009; Schmid & Köpke, 2017; Steinkrauss & Schmid, 2016, dentre outros), o nível lexical é um dos mais suscetíveis a sofrer influência de uma outra língua nos casos envolvendo o bilinguismo. Entretanto, o elevado número de empréstimos linguísticos utilizados pelos falantes bilíngues não significa necessariamente que as estruturas sintáticas também sofram atrito no mesmo nível.

Quanto ao tipo de construção mais utilizado, verificou-se que 58,4% das construções verbais ocorreram com verbos complexos, ou seja, orações formadas por dois ou mais verbos. Quanto à frequência dessas construções, as duas gerações mostraram uma produção equilibrada. Esse fator chamou atenção, pois esperava-se que o segundo grupo preferisse as construções verbais simples. Por outro lado, as construções verbais complexas estão diretamente associadas a construções frasais que exigem um bom domínio de proficiência, uma vez que precisam respeitar a ordem V-2 ou V-final do verbo finito e a sequência OV. Como se trata de parâmetros bem diferentes da língua portuguesa, chama atenção o grau de sua frequência no grupo de falantes da geração mais nova. Dessa maneira, esperava-se que esta geração produzisse construções verbais mais simples, que se assemelhassem ao português, especialmente em relação à sequência SVO. Esta predição, contudo, não se confirmou.

Esse fato, por sua vez, também mostrou que, embora o segundo grupo tivesse realizado mais construções no tempo verbal *Präsens*, estas foram realizadas com complexos verbais – o

que pode explicar o número mais elevado de construções perifrásticas com *tun* e com *am+Progressiv* realizadas por estes falantes, em comparação com a geração anterior. Verificou-se que estas construções são mais frequentes no tempo presente, no entanto também foram realizadas em outros modos/tempos. Assim, a perífrase formada com *tun* também foi produzida no *Konjuntiv I*, conforme se observa abaixo:

42. a) *dass te en Consulta marquierã tet.* (Júlia – G1)
que ele uma consulta marcar iria.
'que ele marcaria uma consulta'.

No caso da construção *am+Progressiv* é importante destacar que, além do *Konjuntiv I*, o verbo *sein* ('ser') também pode ser conjugado no *Plusquamperfekt*. Além disso, verbos modais podem ser acoplados a esta construção. Observando-se o comportamento dessas estruturas em outras ilhas linguísticas, percebe-se que estas construções não possuem uma frequência uniforme. Tomas (2016), ao analisar as construções com *am+Progressiv* no *Pennsylvania German*, verificou em seu *corpus* que elas ocorreram apenas no presente. Por outro lado, Maselko (2017), que estudou os verbos no *hunsrückisch*, constatou que as construções com *am+Progressiv* apresentavam formações em outros tempos verbais.

No entanto, apesar de haver uma preferência por construções com *Verbklammer*, observou-se que, em 4,5% do total, ou seja, 132 ocorrências de 2.917, as estruturas perifrásticas estavam incompletas. Como se verificou no capítulo dois, na língua alemã, à exceção do *Präsens* (presente) e do *Präteritum* (pretérito), os demais tempos verbais são compostos por meio de verbos auxiliares: *sein*, *haben*, *werden* e *tun* associados à forma participial do verbo. Como se verificou no corpus, quase 60% das construções verbais foram realizadas com complexos verbais. Na língua portuguesa, verifica-se uma certa opcionalidade para as realizações temporais; dessa forma há certas construções verbais formadas por formas verbais simples e por formas verbais compostas. Por esse motivo, é possível que as construções incompletas poderiam ser interpretadas como uma tradução literal das construções verbais da língua portuguesa nos contextos em que normalmente se usa apenas um verbo, como ilustrado em 43. a), com o pretérito-mais-que-perfeito.

43. a) *Er wó tat.* (Mário – G2)

‘Er war dort **gewesen**’.

Ele estivera lá.

A influência direta da língua portuguesa é apenas uma hipótese que ainda carece de mais pesquisas para justificar a ocorrência deste fenômeno. Por conseguinte, é preciso destacar que sua ocorrência não é muito significativa, mas pode ser um campo vulnerável ao atrito e/ou a mudanças sintáticas. Por fim, cabe destacar que o objetivo desta pesquisa não foi determinar as causas deste fenômeno, esta questão deve ser relegada a futuras pesquisas.

A segunda hipótese desta pesquisa afirmava que os parâmetros V-2, V-final e OV do dialeto alemão apresentariam números elevados de ocorrências, visto que são parâmetros ligados a *narrow syntax*, um campo linguístico menos suscetível às mudanças (Flores, 2008; 2010; Hopp & Putnam, 2015 dentre outros). Confirmando estas expectativas, a análise dos dados demonstrou que estas propriedades se mantêm muito estáveis nas produções dos falantes do dialeto *hunsrückisch* de ambas as gerações. Este aspecto já era esperado, uma vez que os estudos realizados com falantes de línguas de herança têm apontado que os aspectos relacionados à *narrow syntax* costumam ser menos vulneráveis ao atrito e influência interlinguística (Hopp & Putnam, 2015; Schmid & Köpke, 2017; Flores, 2008; 2010).

Os dados analisados nesta pesquisa indicaram que 88,6% das orações matrizes respeitaram a ordem V-2. Além disso, 74,8% das orações subordinadas são realizadas com V-final. Quanto ao parâmetro OV, nota-se que a maior parte das construções frasais produzidas pelos falantes mantém esta estrutura (2.678 ocorrências de 2.922, o que representa 92% do total de produções).

Em comparação com estudos realizados em outras ilhas linguísticas, a exemplo do estudo com falantes da última geração do *Moundridge Schweitzer German*, nos Estados Unidos, observa-se que os dados dos falantes do dialeto *hunsrückisch* são muito similares. No estudo realizado por Hopp e Putnam (2015), foi constatado que 88% das orações subordinadas com complementizador temporal mantinham a ordem V-final. Considerando os estudos de Schmid (2002), em uma ilha linguística alemã da Austrália, verificou-se que em 98% das orações matrizes e das subordinadas as ordens V-2 e V-final, respectivamente, eram mantidas. Apenas cinco orações de 3.971 orações subordinadas apresentaram ordem v-2. Estes resultados indicam que a posição do verbo finito tanto em orações matrizes quanto em orações encaixadas é muito estável, tanto na geração mais velha como na mais nova.

A terceira hipótese considerou que a língua portuguesa pudesse exercer influência na produção de construções XPSV, omissão do sujeito e na produção V-2 em orações encaixadas. Considerando os fatores desviantes da ordem V-2, o padrão XPSV teve uma expressão quase nula, em todo o corpus, encontram-se apenas duas ocorrências. Este fato realmente chamou atenção devido a sua quase nula ocorrência, uma vez que se trata de uma variedade dialetal que está em contato com a língua portuguesa há mais de duzentos anos, uma língua que não possui o parâmetro V-2 – e, conseqüentemente, licencia a construção XPSV. Nota-se, portanto que, neste contexto, não houve interferência interlingüística. A pesquisa de Flores (2010) com falantes bilíngües de português e alemão regressados a Portugal também apontou que os falantes que regressaram a Portugal depois da puberdade apresentaram um índice muito baixo de desvio 2,3% (ordem XPSV).

Por outro lado, uma das ocorrências mais significativas para a não produção da ordem V-2 em orações matrizes foi o deslocamento do verbo finito para a posição V-1. No *corpus* registraram-se 417 casos entre 3.880 orações matrizes (representando 10,7% do total destas orações). É importante registrar que nem todas estas ocorrências são desviantes, já que a língua alemã licencia a ausência do pré-campo em contextos muito específicos envolvendo o *topic-drop*.

Concernente ao fenômeno responsável pelo maior índice de desvios envolvendo o verbo finito nas orações matrizes, identificou-se a realização desviante da posição V-1, com 258 registros, o que perfaz 6,6% do total de orações matrizes. 1% dos desvios refere-se à omissão do sujeito em casos não licenciados de *topic-drop*. Por sua vez, a omissão do expletivo representou 1,6% do total de desvios.

Comparando-se estes resultados com os dados obtidos na pesquisa de Flores (2008), nota-se que os resultados do presente estudo atestam que há pouca interferência da língua portuguesa em relação à omissão do sujeito. Este fato realmente chama atenção, visto que a interferência do parâmetro sujeito nulo da língua portuguesa exerceu um papel muito mais significativo entre os falantes investigados por Flores (2008) (26,8% de omissões desviantes do expletivo e 13% das omissões de sujeito referencial). Os dados dos falantes de dialeto indicam uma frequência muito baixa de omissões de sujeito, demonstrando que estes desvios estão muito próximos, inclusive, de produções de falantes bilíngües de português e da variedade padrão do alemão que possuem um nível de proficiência muito elevado (ver resultados do grupo de controle no estudo de Flores, 2008).

Por outro lado, o fator determinante para a elevação do verbo à posição V-1 foi a ausência desviante do pré-campo. Esta circunstância provocou a maior incidência de desvios, totalizando apenas 4%. Não se trata de um dado muito expressivo, contudo é um fenômeno que chama atenção, visto que não ocorre na língua portuguesa – e por isso não pode ser classificado como um caso de interferência interlinguística. Além disso, consiste-se em uma construção atípica também na língua alemã, uma vez que a posição V-1 é licenciada em frases interrogativas; nas declarativas, somente sob a ocorrência de *topic-drop*.

Destaca-se igualmente que a ausência do pré-campo no corpus envolveu, na maior parte dos casos, os advérbios *da* (associado geralmente a algum lugar) e *dann* (ao tempo ou a uma sequência de ações). Portanto, o contexto no qual estas omissões foram realizadas ocorreu em decorrência de um tempo e de um espaço já referidos anteriormente. Destarte, é possível que os falantes tenham omitido estes advérbios por considerarem que a informação já estava clara no contexto – da mesma forma como ocorre com o sujeito nulo na língua portuguesa. Desta forma, é possível falar em uma hiperomissão de advérbios no pré-campo.

Por outro lado, a ausência do pré-campo acaba por fazer com que haja a inversão do sujeito, que é pós-posto ao verbo. Esse tipo de inversão no dialeto acabou por produzir um outro aspecto que pode influenciar a sua ocorrência: a aglutinação do verbo e do sujeito pronominal. Esta aglutinação pode ser verificada na tabela abaixo, que representa os exemplos retirados do corpus:

Pessoa	Aglutinação	Forma não aglutinada
1a Pessoa Singular	Sórich * <i>Disseu'</i>	Sót ich , <i>Eu disse'</i>
2a Pessoa Singular	Muschtu * <i>precisatu'</i>	Muss tu , <i>Tu precisas'</i>
3a Pessoa Singular	Sórã * <i>Dissele'</i>	Sót er , <i>Ele disse'</i>
1a Pessoa Plural	Hónmia * <i>Temonós'</i>	Hón mia , <i>Nós temos'</i>
3a Pessoa Plural ²⁸	Honsã * <i>Têmeles'</i>	Hón sie , <i>Eles têm'</i>

Tabela 17. Aglutinação do verbo e do sujeito pronominal

²⁸ No corpus pesquisado não se encontrou a 2ª Pessoa do Plural, mas, ao ouvir o dialeto em outros contextos, a autora desta pesquisa confirma que a 2ª Pessoa do Plural também sofre esse tipo de transformação, a exemplo de *wolldihr: wollt ihr*.

A inversão do sujeito é um fenômeno cuja ocorrência na língua portuguesa obedece a diversas restrições (sintáticas, discursivas e semânticas, de acordo com Pilati (2016), as quais não são observadas no dialeto alemão. Por este motivo, parte-se da hipótese de que a posição V-1, quando há inversão do sujeito é um parâmetro próprio do dialeto. Como possível alternativa, é provável que a ausência do pré-campo observada no *corpus* desta pesquisa e, que gerou a posição V-1, seja a manutenção de uma estrutura arcaica da língua alemã. Além disso, de acordo com Fleischer e Schallert (2011), a posição V-1 já havia sido constatada no *Althochdeutsch*. As construções V-1 ocorrem em orações declarativas que introduzem um referente novo ao discurso ou quando uma nova informação é introduzida. Dessa maneira, a posição V-1 desempenha uma função específica na estruturação das informações, ou seja, as orações que contêm informações novas podem ser identificadas pela posição inicial ocupada pelo verbo. Trata-se, portanto, de um fenômeno que já foi identificado na história da língua alemã. Os autores apontam que, apesar de ele ter sido encontrado nos textos do AHD, este fenômeno ocorreu de forma descontinuada, ou seja, em alguns momentos esteve mais presente do que em outros. Contudo, os autores apontam que em alguns dialetos essa característica se manteve.

A respeito dos desvios encontrados nas orações encaixadas, destaca-se que a posição V-2 foi um dos principais fatores para estas ocorrências, representando 15% destas produções. Cabe destacar que, conforme apontam os dados, 91% destas construções foram realizadas com a conjunção *weil*. Por outro lado, as orações encaixadas com outros complementizadores, como *dass* e *ob*, ou com pronomes relativos, apresentaram um desvio de apenas 1,4%. A baixa frequência de V-2 em orações encaixadas com outros complementizadores chama atenção. Diante deste aspecto, pondera-se que, se a posição V-2 fosse licenciada nestas orações, esta construção deveria ser encontrada com mais frequência em outros contextos.

Portanto, por mais que os dados demonstrem que a posição v-final é estável e pouco suscetível a mudanças, as construções *weil/V2* chamam atenção. No entanto, é pouco provável que esta construção se deva à interferência da língua portuguesa, visto que o parâmetro v-final foi respeitado em orações subordinadas com outras conjunções. Além disso, a distribuição do *weil-V2* foi relativamente equilibrada entre as duas gerações (62% das ocorrências foram realizadas pela geração mais nova). Por sua vez, como se verificou na análise dos empréstimos linguísticos, estes ocorrem no dialeto basicamente a nível lexical e morfológico. Não se pode, por conseguinte, atribuir a ocorrência da posição V-2 a alguma construção emprestada da língua portuguesa.

Considerando as particularidades das orações encaixadas com esta conjunção, não se pode afirmar que se trata de desvios. Infelizmente, como não há registros de produções das gerações passadas, não há como se ter certeza de que a realização de *weil*-V2 já pertencia à variedade falada pela primeira geração de imigrantes alemães ou se passou a ser produzida com o passar do tempo. Consequentemente, não se pode determinar se as 11 ocorrências de *V-final* nas orações encaixadas com *weil* são um resquício de sua produção *V-final* ou se são o início da perda do parâmetro V-2, nas orações subordinadas com *weil*.

Por outro lado, Selting (1999) destaca que, apesar de as pesquisas apontarem para o fato de que a posição V-2 nas orações encaixadas formadas por *weil* ser um fenômeno recente na variedade *standard* falada, é possível encontrar construções *weil* com V-2 em textos pertencentes à época do *Mittelhochdeutsch* (MHD). Dessa maneira, a autora defende que a posição V-2 é, neste caso, apenas a continuidade de um tipo de construção que já se fazia historicamente. Com vistas à presença histórica deste fenômeno, é provável que sua produção no dialeto *hunsrückisch* seja um resquício histórico de sua presença.

Por conseguinte, destaca-se que o alto limiar de construções *weil*-V2 pode ser um indício de que se trata de uma construção licenciada no dialeto *hunsrückisch* e, possivelmente, em outros dialetos. Prova disso, é que um resultado muito parecido foi reportado por Hopp e Putnam (2015). Em seu estudo com falantes da última geração do *Moundridge Schweitzer German*, nos Estados Unidos, os autores verificaram que as construções com os complementizadores *dass* e *weil* eram produzidas com a ordem V-2. No entanto, em 88% das orações subordinadas com outros complementizadores, os autores constataram que seguiam a ordem *V-final*. Com isso, os pesquisadores concluíram que a ordem V-2 em orações subordinadas não era hipergeneralizada, mas era reaplicada em contextos limitados, quais sejam: orações subordinadas com as conjunções *dass* e *weil*.

Com base nestas asserções, conclui-se que as construções W-V2 constituem de fato uma propriedade gramatical do dialeto *hunsrückisch*. Desse modo, as orações encaixadas introduzidas pela conjunção *weil* recebem outro status, ou seja, de orações subordinadas passam a ser compreendidas como orações matrizes. Por conseguinte, frisa-se que este fenômeno não é característico apenas do dialeto *hunsrückisch*, pois se faz muito presente nos outros dialetos alemães, incluindo a variedade padrão falada – embora não se verifique ainda em textos escritos. A questão a ser destacada é que no dialeto *hunsrückisch* não se encontra a posição V-final nas orações com *weil* – como ocorrem nas outras variedades, nas quais se percebe a alternância entre

weil V-2 e *weil* V-final, o que justifica a tentativa de explicação do fenômeno apresentada nos parágrafos anteriores.

A quarta hipótese consiste no fato de que os desvios esperados nas orações encaixadas estejam relacionados à ordem V-final ligadas diretamente aos fenômenos *verb-raising* e *verb projection raising*. Primeiramente, cabe mencionar que estes fenômenos ocorrem no dialeto, no entanto, sua frequência é rara no discurso espontâneo. O que contraria as expectativas anteriormente previstas, uma vez que se esperava encontrar uma frequência muito maior acerca destes fenômenos. O fenômeno *verb projection raising* ocorreu em apenas 3%, ou seja, 34 registros de 1.120 orações do total de orações subordinadas. Por mais que alguns autores (Abraham, 2009; Louden, 1990, dentre outros) considerem a posição *weil/V2* como um caso de VPR, neste trabalho, optou-se por distinguir estes dois fatores, considerando o comportamento específico das orações com a conjunção *weil* anteriormente apresentadas. Por outro lado, o *verb raising* apareceu de modo um pouco mais significativo, 5,2%, 58 casos de 1.120. Mesmo assim, chama atenção que são dois fenômenos raros no dialeto *hunsrückisch*. Além disso, verificou-se que, mais uma vez, se trata de dois fenômenos relativamente bem distribuídos entre as gerações, evidenciando estabilidade na transmissão do dialeto de uma geração para outra.

Por sua vez, a análise destes fenômenos também implica na observação das sequências verbais. Na variedade estudada, somente foram encontradas sequências verbais formadas por dois ou por três verbos. Com isso, chega-se à conclusão de que as construções verbais complexas formadas por uma cadeia verbal muito extensa não são comuns nesta variedade dialetal. Concernente à frequência das sequências verbais, observou-se que representam 40,6% do corpus. Trata-se de uma frequência significativa. No que diz respeito ao tipo de *verb cluster*, foram encontrados 367 registros na sequência 2,1, representando 80% das sequências verbais. Esta constatação condiz com os resultados V-final encontrados neste corpus.

Observa-se, portanto, que a baixa frequência das sequências verbais formadas por três verbos demonstra que este tipo de construção é rara. Devido às baixas ocorrências no corpus, é um fenômeno que requer uma investigação mais aprofundada. Nesse sentido, caberia uma pesquisa que realizasse um teste de julgamento, por exemplo, para verificar se sequências verbais mais complexas são aceitas pelos falantes e em que sequência ocorrem neste dialeto. Além disso, tal pesquisa poderia confirmar os dados obtidos pela pesquisa realizada por Louden (2011) no *Pennsylvania German*. Nesta pesquisa, o pesquisador verificou que os falantes das gerações mais

novas deste dialeto têm demonstrado uma taxa de aceite maior em relação às sequências verbais, o que demonstra que se trata de uma área vulnerável à reanálise.

A quinta hipótese refere-se aos desvios concernentes ao parâmetro OV. Nesse sentido, a ocorrência do deslocamento de constituintes do campo médio ao pós-campo poderia ser um forte indício da interferência da língua portuguesa sobre o dialeto.

Considerando este aspecto, verificou-se que o deslocamento destes constituintes para o pós-campo ocorreu em 235 orações, representando 8,4% do total de produções com estruturas verbais complexas. A distribuição deste fenómeno entre as gerações foi, igualmente, semelhante sem haver grandes discrepâncias quanto à sua realização. O constituinte mais posposto é o objeto preposicionado (*PP-extraposition*), com 121 ocorrências, seguido pelo advérbio, que foi encontrado 81 vezes.

Comparando esses dados com a pesquisa de Fitch (2011), chama atenção que este fenómeno se assemelha aos dos falantes do alemão *standard*, cujo índice de extraposições girou em torno de 8% a 10%. Por outro lado, no *Pennsylvania German* verificou-se uma frequência bem mais elevada, em torno de 25%. Diferente da pesquisa de Fitch, que identificou o advérbio como o constituinte mais pós-posto, no dialeto foi o objeto preposicionado que foi mais vezes deslocado. Por outro lado, Hartmann (2017) apresenta os dados da pesquisa de Drope (2010), que analisou o preenchimento do pós-campo no *corpus TüBa*²⁹ e verificou que o constituinte mais deslocado era o objeto preposicionado, em 44% das ocorrências.

A comparação da frequência deste fenómeno no *hunsrückisch* com sua frequência no *Pennsylvania German* permite observar que a interferência da língua portuguesa parece exercer um papel pouco significativo no dialeto falado em Santo Cristo. Essa constatação contraria a hipótese de que a língua portuguesa interferiria significativamente na produção dos falantes, especialmente da geração mais nova. O maior número de ocorrências deste fenómeno no dialeto falado nos EUA parece estar associado à influência da língua inglesa, uma língua que se assemelha ao português quanto ao parâmetro VO.

Por outro lado, em um estudo piloto, Hartmann (2017) teoriza que o deslocamento de um constituinte está interligado com o destaque prosódico que se quer dar a este elemento. Diante dessa premissa, a autora tem como hipótese de que o deslocamento para o pós-campo é uma forma de destacar foneticamente (*focus*) o constituinte deslocado. Esta pode ser uma possível hipótese para explicar a ocorrência deste fenómeno também no dialeto, uma vez que a ordem OV

²⁹ Die Tübinger Baumbank des Deutschen / Zeitungskorpus.

foi respeitada na maioria dos casos – já que a frequência dos deslocamentos é muito semelhante à frequência deste fenômeno no alemão *standard* e a língua portuguesa parece não exercer tanta influência. No entanto, para determinar os motivos para sua ocorrência com mais precisão, é necessário realizar uma análise futura mais atenta, de modo a se testar esta hipótese.

Outro fator que reafirma a posição OV no dialeto *hunsrückisch* é o comportamento dos verbos com partículas separadas. Os dados demonstraram também que o comportamento sintático dos verbos com partículas separadas é muito similar ao do alto alemão. Portanto, em construções frasais envolvendo apenas um verbo, notou-se a seguinte produção: nas orações matrizes, as partículas foram separadas do verbo finito; nas orações encaixadas, a partícula foi acoplada ao verbo finito. Nas orações com complexos verbais, as partículas estavam ligadas ao verbo (foram encontrados apenas 4 registros desviantes nos quais as partículas estavam separadas do verbo neste tipo de oração). Constatou-se, portanto, que o grau de desvio se manteve em um limiar muito baixo. Devido a esta configuração verbal e suas diferenças entre os tipos de oração e a natureza da forma verbal (simples/complexa), esperava-se encontrar um nível maior de desvios.

Por sua vez, a sexta hipótese prediz que os fatores desviantes encontrados nas produções de V-2, V-final e OV seriam realizados de modo muito mais frequente na geração de falantes mais nova, uma vez que estes falantes têm muito mais contacto com a língua portuguesa. Comparando-se a produção geral entre as duas gerações, tem-se que das produções desviantes de V-1, o G2 produziu essa 57% dos desvios, este grupo foi responsável por 67% das construções VPR, por 62% das construções encaixadas com V-2 e por 53% das construções perifrásticas incompletas. Somente no caso de *Extraposition* o número de construções do G1 superou a do G2 (133 produções contra 102 do G2). Além disso, o fenômeno VR teve uma produção muito equilibrada 50%. Observa-se, assim, que o grau de interferência da língua portuguesa em relação às produções da geração do segundo grupo não é muito evidente. Considerando que a frequência destas produções se encontra em um limiar muito baixo, pode-se afirmar que esta hipótese não foi confirmada, uma vez que se esperava uma frequência maior de produções desviantes no segundo grupo – tendo em vista que se trata de uma geração que recebeu mais *input* da língua portuguesa.

É importante destacar que quando se trata de falantes bilíngues adultos, que aprenderam suas línguas na infância, o grau de desvio da L1 não costuma ser muito alto, conforme destacou Montrul (2008:265), ficando geralmente em 5%.

De acordo com Almeida e Flores (2017), há vários fatores que colaboram para um elevado nível de desempenho dos falantes de línguas de herança. Os principais estão relacionados com a qualidade do input recebido durante o período de aquisição, o período no qual a aquisição ocorreu e a sua contínua ativação durante a vida adulta.

Considerando estes aspectos, é importante destacar que, como visto no capítulo da *Metodologia*, todos os falantes do segundo grupo afirmaram que quando começaram a ser escolarizados, em torno dos 7 anos, não compreendiam português e tiveram dificuldade para se comunicar com a professora. Nota-se, portanto, que até esta idade a língua dominante era o dialeto *hunsrückisch*, ou seja, a L1. Este fato tem sido apontado pelos estudos com falantes de língua de LH como uma característica deste grupo (Flores, 2008, 2010; Montrul, 2008; Rothman, 2011; dentre outros). Portanto, por ser a única língua utilizada para a comunicação até o período escolar, observa-se que estes falantes receberam input de muita qualidade.

Além disso, o período no qual aprenderam as duas línguas foi outro aspecto decisivo para a estabilização do conhecimento sintático. Observa-se que, embora não seja a língua dominante atualmente, as produções dos parâmetros sintáticos neste grupo se mantiveram muito estáveis. Como a aquisição da ordem sintática da língua alemã ocorre por volta dos três anos (Möhrling & Meisel, 2003), a sua produção estabilizada na fase adulta confirma a hipótese do período crítico de aquisição. Além disso, confirma-se a robustez de sua aquisição, visto que se está a falar de um grupo que recebeu educação formal na língua portuguesa e que a tem como língua dominante, enquanto que o dialeto é somente utilizado para a comunicação oral, na maior parte dos casos, com as gerações mais velhas.

Por outro lado, a teoria da *Activation Threshold Hypothesis*, de Paradis (2004), pode explicar também que a frequente utilização do dialeto facilita a ativação da produção sintática, inibindo o processo de transferência da língua portuguesa, o idioma dominante. Como o léxico é uma das propriedades linguísticas mais suscetíveis à erosão, verifica-se que a maior parte da recorrência à língua portuguesa foi por causa do esquecimento de alguma palavra. Mas, considerando a transferência de estruturas sintáticas ou a reprodução de uma estrutura da língua portuguesa sobre a língua alemã, verifica-se que ocorreram de modo pouco significativo.

A sétima hipótese predizia que os desvios observados estariam associados à aquisição incompleta, ao atrito linguístico e à interferência interlinguística. A respeito desta hipótese, é necessário considerar a observação realizada por Kupisch e Rothman (2018), no que concerne à produção dos falantes de língua de herança. Estes autores destacam que antes de se fazer

generalizações acerca dos resultados encontrados, é preciso levar em consideração a variedade na qual os falantes foram expostos. Hopp e Putnam (2015) ponderam, inclusive, que os falantes de variedades de ilhas linguísticas adquiriram suas línguas com base no *input* que receberam em casa de falantes das 3ª ou 4ª gerações de imigrantes. Portanto, a variedade que dominam é muito diferente daquela variedade a que outros falantes de línguas de herança têm contato – que receberam *input* da primeira geração de imigrantes do país de origem, que geralmente não sofre desgastes devido ao atrito ou à influência da língua dominante do país hospedeiro. Nesse sentido, o grau de desvio encontrado na geração mais nova precisa ser comparado com o *input* que receberam da geração pertencente ao grupo 1 e não com a variedade padrão.

Dado que a geração do segundo grupo é a 5ª geração de falantes do dialeto, realmente chama atenção a robustez de suas produções sintáticas. O grau de desvio em comparação com a geração anterior ficou com um limiar muito baixo; além disso, os fenômenos nos quais se verificou um maior número de desvios possivelmente referem-se a um parâmetro do próprio dialeto (a exemplo do *weiAV2*). Com base nestas asserções, a hipótese de aquisição incompleta não se aplica ao contexto estudado, pois as particularidades sintáticas observadas no segundo grupo são muito semelhantes aos do primeiro grupo.

Quanto ao fato de as produções serem consequência do atrito ou da influência da língua portuguesa, é necessário considerar que estes fatores se implicam mutuamente. Na verdade, de acordo com Schmid e Köpke (2017), Schmid (2007), Montrul (2008), dentre outros, trata-se de dois fatores que não se excluem e que, pelo contrário, podem ocorrer simultaneamente.

Considerando os resultados desta pesquisa, observa-se que os falantes possuem um alto nível de proficiência sintático, e a influência da língua portuguesa demonstrou ser pouco expressiva. Porém, há certos fenômenos que poderão, eventualmente, indicar a influência da língua portuguesa nas produções dos falantes investigados. As construções verbais complexas incompletas podem ser um exemplo da influência da língua portuguesa, uma vez que podem sugerir que houve tradução literal de uma construção da língua portuguesa foi incorporada ao dialeto alemão. No entanto, trata-se de um fenômeno que precisa ser aprofundado em pesquisas futuras, pois é possível que haja outras razões para a produção de construções perifrásticas incompletas.

Além disso, confirmando um fato que vem sendo relatado pelas pesquisas com falantes bilíngues – em que uma língua é *pro-drop* e a outro não *pro-drop* –, a realização ou omissão de sujeito pronominal, especialmente, também se mostrou neste estudo um ponto vulnerável à

influência da língua portuguesa, mesmo que tenha ocorrido em uma frequência muito baixa. Neste caso, a sua influência pode ser mais claramente percebida pela hipergeneralização da omissão do sujeito, do expletivo e do pré-campo – mesmo que neste estudo os dados não foram tão significativos, a sua ocorrência pode indicar que falantes que recebem menos *input* do dialeto podem produzir mais construções desviantes deste tipo.

Embora fosse esperado que a frequência dos fenômenos VR, VPR, Extraposições, omissão de sujeito, XPSV, decorrentes do contato da língua alemã com línguas SVO seria muito mais expressiva entre os participantes deste estudo, a sua ocorrência nas produções destes falantes revela um dado importante: trata-se de fenômenos que *existem* no dialeto *Hunsrückisch*. Com base neste pressuposto, cogita-se as seguintes questões: se falantes que apresentam um elevado domínio desta variedade dialetal fazem uso destas construções, mesmo em número muito reduzido, falantes que tiveram menos *input* e ou que não sejam tão proficientes produziram estes fenômenos de forma mais recorrente? Em caso afirmativo, seria isso uma evidência da influência da língua dominante (português) sobre a língua minoritária (*hunsrückisch*)? Portanto, observa-se a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas nas ilhas linguísticas alemãs do Brasil, a fim de se verificar e de se comparar a sua produção com outros falantes, uma vez que os resultados destas pesquisas podem ser muito relevantes para os estudos sobre bilinguismo e aquisição bilíngue.

Por fim, resta destacar que os dados encontrados neste estudo e suas diferenças em relação à frequência dos fenômenos reportados em outras ilhas linguísticas e, até mesmo com outros falantes de línguas de herança, podem estar associados ao contexto único no qual os participantes desta pesquisa se encontram. Como visto no Capítulo 1, Santo Cristo é uma cidade que se destaca na região pela presença muito viva dos valores e tradições dos antepassados imigrantes. Consequentemente, o bilinguismo faz parte da realidade dos moradores desta cidade. Nesse sentido, trata-se de uma situação na qual os falantes acabam tendo contato com o dialeto quase diariamente, embora as gerações mais novas não o usem com tanta frequência como as gerações anteriores.

É preciso considerar que, como afirmaram Grosjean (2008; 2010), Mackley (1962) dentre outros, em uma comunidade bilíngue, indivíduos com vários níveis de competência convivem e se expressam de formas variadas. Esta também é uma realidade encontrada em Santo Cristo. Portanto, é possível encontrar falantes, especialmente com faixas etárias mais novas, que possivelmente terão outro desempenho. Além disso, como ressaltado acima, os participantes de

cada grupo entrevistado possuem um perfil linguístico muito similar entre si, o que também pode ser um indicador da similaridade da ocorrência dos fenômenos entre os entrevistados.

Por fim, os dados desta pesquisa revelaram que os falantes do dialeto *hunsrückisch* demonstram ter um elevado nível de proficiência, inclusive os falantes da geração mais nova. Por outro lado, a comparação do uso do dialeto em ambas as gerações indica claramente uma mudança no perfil dos falantes. Comparando-se as Tabelas 3 e 4, verifica-se que os contextos de uso do dialeto pela geração mais nova estão diminuindo. Além disso, os falantes da geração mais nova não usam o dialeto para se comunicar com seus filhos, isso mostra que de geração para geração o número de falantes vai diminuindo. Esta diminuição no número de falantes pode ser uma das principais causas para a extinção deste dialeto.

Isso vai ao encontro dos resultados verificados em outras ilhas linguísticas (Boas, 2009; Hopp & Putnam, 2015; Putnam, 2011, dentre outros), visto que os dialetos não estão morrendo por causa da perda da competência de seus falantes, mas pelo seu desuso, especialmente entre os falantes das gerações mais novas. Portanto, é possível que dialeto *hunsrückisch* falado em Santo Cristo esteja realmente em risco de extinção e a causa para isso se deve ao seu desuso e não pela proficiência linguística de seus falantes, já que nesta pesquisa se comprovou que possuem um elevado nível de competência sintática.

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a produção dos parâmetros sintáticos V-2, V-final e OV da língua alemã em falantes bilíngues de português e do dialeto *hunsrückisch*, considerando o grau de interferência da língua portuguesa sobre o dialeto alemão acerca destas propriedades.

Para esta análise, considerou-se primeiramente os aspectos relacionados ao contexto do *hunsrückisch* no Rio Grande do Sul, especialmente de Santo Cristo. Foram abordados os aspectos históricos e culturais justificando as razões que fazem de Santo Cristo uma cidade bilíngue. Tal apresentação serviu também para explicar o alto grau de proficiência de parte dos falantes do dialeto alemão nesta cidade.

No Capítulo 2, foram analisados os aspectos particulares da sintaxe da língua alemã que também são verificados no dialeto, além de se apresentar as particularidades observadas em outros dialetos falados em ilhas linguísticas em outras partes do mundo. Nesse sentido, analisaram-se também as características dos parâmetros sintáticos alemães e suas diferenças relativamente à língua portuguesa, a fim de se verificar quais poderiam ser as estruturas mais vulneráveis e quais as estruturas mais estáveis para mudança em uma situação de contato linguístico prolongado.

No Capítulo 3, discutiram-se os principais fatores pertinentes às mudanças linguísticas. Por meio do conhecimento de suas causas, pode-se compreender melhor os mecanismos envolvidos neste processo. A este respeito, foi verificado que as mudanças linguísticas podem ocorrer por fatores inerentes à própria língua, a exemplo de estruturas gramaticais mais vulneráveis, especialmente aquelas que interagem com outras propriedades como a semântica, por exemplo. Além desses aspectos, há fatores externos à língua, como o processamento linguístico dos falantes bilíngues, que exercem igualmente um papel significativo para que as mudanças aconteçam.

No quarto capítulo, foram apresentadas as sete hipóteses desta pesquisa, que consideraram os resultados de estudos anteriores realizados com falantes bilíngues de herança e com falantes de variedades de ilhas linguísticas alemãs. Com base nisso, acreditou-se que os participantes desta pesquisa produziram os parâmetros OV, V-2 e V-final, mas que em determinados níveis (XPSV, omissão desviante de sujeito, *Extraposition*, *verb raising* e *verb projection raising*) poderia ser encontrada uma forte influência da língua portuguesa.

Por fim, nos capítulos 5 e 6, confrontaram-se os dados do *corpus* com as hipóteses. Nesse sentido, confirmou-se a hipótese de que a posição dos verbos não apresentou grandes mudanças,

mesmo nos casos envolvendo *code-switching* ou *borrowing*. Esses resultados vão ao encontro de outros estudos que analisaram a mudança sintática em outras ilhas linguísticas alemãs, como no caso *do alemão falada na Austrália e Pennsylvania German* (Hopp & Putnam, 2011; Loudon, 1988, Schmid, 2002, entre outros).

Por outro lado, a hipótese de que haveria influência significativa da língua portuguesa em estruturas mais vulneráveis não foi confirmada, visto que a frequência das produções desviantes ficou em um limiar muito baixo (a maior parte ficou abaixo de 5%). A baixa frequência destes fenômenos indicou que há pouca influência da língua portuguesa nos parâmetros sintáticos do *hunsrückisch*. Comparando-se à recorrência destes fenômenos com outras ilhas linguísticas, observou-se que a frequência tende a variar de uma ilha para a outra. No entanto, os limiares de produção de *extraposition* no Pennsylvania German, por exemplo, ficaram em torno de 20%, enquanto que, nesta pesquisa, observou-se um limiar muito próximo da variedade *standard*, de 8%.

Esses dados chamaram atenção, uma vez que demonstram que os falantes possuem alto grau de proficiência na variedade dialetal, mesmo os falantes da geração mais nova. Neste caso, esperava-se que, como receberam mais *input* da língua portuguesa, poderiam apresentar um grau maior de erosão no dialeto. Acredita-se que esses resultados são consequência do contexto no qual os participantes adquiriram o dialeto alemão e do modo como o utilizam em sua vida adulta. A esse respeito, verificou-se que o dialeto foi a língua dominante na infância de todos os participantes. Além disso, o período em que aprenderam a língua e a qualidade de *input* que receberam nesta fase foi determinante para o domínio das estruturas analisadas. Nesse sentido, quando começaram a receber *input* da língua portuguesa, a partir dos 7 anos, as estruturas sintáticas do dialeto já haviam se estabilizado na mente dos falantes. Por outro lado, a constante ativação do dialeto, visto que todos os falantes residem na cidade de Santo Cristo e que, destarte, têm contato quase diário com o *hunsrückisch*, faz com que o limiar de ativação deste dialeto seja bem alto e evita a erosão de suas propriedades sintáticas.

Considerando o fato de que a comunidade bilingue em Santo Cristo é composta por falantes que ainda demonstram ter uma competência sintática elevada, não significa que se trata de uma comunidade de falantes homogênea. É importante ponderar, igualmente, que as gerações mais novas estão recebendo menos *input* do dialeto o que, conseqüentemente, pode impactar nos resultados de futuras pesquisas. É importante destacar ainda que a redução do *input* pode afetar não somente a competência dos falantes, mas também a manutenção deste dialeto. Por

consequente, a redução no uso deste dialeto pode ser um indicativo de que se trata de uma variedade em extinção, não pela perda de competência linguística dos falantes, mas pelo seu desuso.

Com base nisso, sugere-se, portanto, que futuramente mais estudos sejam realizados, dessa vez com falantes que não tiveram o alemão como língua dominante na infância. Dessa forma, pode-se ter uma visão mais geral sobre como está o processo de erosão linguística e de que maneira o dialeto *hunsrückisch* continuará a ser afetado pela língua portuguesa.

Por fim, ainda há necessidade de se estudar mais a fundo a ocorrência de certos fenômenos encontrados neste dialeto, a exemplo das estruturas perifrásticas incompletas, as sequências verbais formadas por mais de um verbo, a posição V-1 e consequente inversão de sujeito, a fim de se investigar suas causas e também para verificar se ocorrem em outras variedades dialetais alemãs.

REFERÊNCIAS

- Abraham, W. (2009). Methodological considerations on grammar variation. The right periphery as an OV/VO deciding parameter more so than the left periphery: Gradience in the verb cluster. In Dufter, A., Fleischer, J., Seiler, G. (Eds.), *Describing and modelling variation in grammar* (pp. 21-58). Berlin: De Gruyter.
- Almeida, L., & Flores, C. (2017). Bilinguismo. In Freitas, M.J., Santos, A.L. (Eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 275–304). Berlin: Language Science Press.
- Altenhofen, C. V. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner.
- Andersen, C. (2016). Syntax in Contact: Word Order in a Contact Variety of German Spoken in Eastern Siberia. *Journal of Language Contact*, 9(2), 264-292.
- Bagno, M. (2001). *A língua de Eulália: novela sociolingüística*. São Paulo: Contexto.
- Bagno, M. (2011). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.
- Barbosa, P., Duarte, M. E. L., & Kato, M. A. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), 11–52.
- Becker, T., & Peschel, C. (2003). 'Wir bitten Sie das nicht misszugeneralisieren'. Sprachverhalten in grammatischen Zweifelsfällen am Beispiel trennbarer und nicht-trennbarer Verben. *Linguistik online*, 16(4/03), 105-117.
- Benmamoun, E., Montrul, S., & Polinsky, M. (2013). Heritage languages and their speakers: Opportunities and challenges for linguistics. *Theoretical Linguistics* 39(3–4), 129–181.
- Boas, H. C. (2009). *The Life and Death of Texas German*. Durham: Duke University Press.
- Boas, H. C. (2016). Variation im Texasdeutschen: Implikationen für eine vergleichende Sprachinselforschung. In Lenz, A.N.(Ed.) *German Abroad*. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung (pp. 11-44). Viena: Vienna University Press.
- Buthers, C. M., & Duarte, F. B. (2012). Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório?. *Revista Diacrítica*, 26(1), 64-88.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding: The Pisa lectures*. Berlin: de Gruyter.
- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chrobak, D. (2010). Das Phänomen der Sprachinsel. Geschichte der ehemaligen deutschen Sprachinseln in Oberschlesien und Galizien. *Studia Śląskie*, 69, 255-268.

- Cognilio, M., & Schlachter, E. (2015). Das Nachfeld im Deutschen: zwischen Syntax, Informations- und Diskursstruktur. In Vinckel-Roisin, H. (Ed.), *Das Nachfeld im Deutschen: Theorie und Empirie* (pp. 141-164). Berlin: De Gruyter.
- Cognola, F. (2013). *Syntactic variation and verb second: a German dialect in Northern Italy*. Amsterdam: John Benjamin Publishing.
- Cuza, A., & Frank, J. (2011). Transfer Effects at the Syntax-Semantics Interface: The Case of Double-*que* Questions in Heritage Spanish. *Heritage Language Journal*, 8(1), 66-89.
- Curtiss, S. (1978). *Genie: A Psycholinguistic Study of a Modern-day "wild Child"*. San Francisco: Academic Press.
- Damke, C. (1997). *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Berlin: Peter Lang Verlag.
- Dikken, M. D. (1994). Minimalist verb (projection) raising. *GAGL: Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik*, 37, 71-88.
- Ebert, R. P. (1978). *Historische Syntax des Deutschen*. Stuttgart: Metzler.
- Fitch, G. W. (2011). Changes in frequency as a measure of language change: Extraposition in Pennsylvania German. In M. Putnam (Ed.), *Studies on German-language islands* (pp. 371-384). Amsterdam: John Benjamins.
- Fleischer, J. & Schallert, O. (2011). *Historische Syntax des Deutschen: eine Einführung*. Tübingen: Narr Verlag.
- Flick, J., & Kuhmichel, K. (2013). Der am-Progressiv in Dialekt und Standardsprache. *Jahrbuch für germanistische Sprachgeschichte*, 4(1), 52-76.
- Flores, C.M.M. (2008). *A competência sintáctica de falantes bilingues luso-alemães regressados a Portugal. Um estudo sobre erosão linguística*. (Tese de doutoramento, Universidade do Minho).
- Flores, C.M.M. (2010). The effect of age on language attrition: Evidence from bilingual returnees. *Bilingualism: Language and Cognition*, 13(4), 533-546.
- Flores, C.M.M (2012). Differential effects of language attrition in the domains of verb placement and object expression. *Bilingualism. Language and Cognition*, 15 (3), 550-567.
- Flores, C. M. M. (2015). Understanding heritage language acquisition. Some contributions from the research on heritage speakers of European Portuguese. *Lingua*, 164, 251-265.
- Fourquet, J. (1974). *Die verbalen Zusammensetzungen des Neuhochdeutschen: trennbare und untrennbare Partikeln* (pp. 98-111). Leipzig: Institut für Deutsche Sprache,.

- Gathercole, V. C. M., & Thomas, E. M. (2009). Bilingual first-language development: Dominant language takeover, threatened minority language take-up. *Bilingualism: language and cognition*, 12(2), 213-237.
- Genesee, F., Nicoladis, E., & Paradis, J. (1995). Language differentiation in early bilingual development. *Journal of Child Language*, 22, 611–631.
- Grewendorf, G. (1988). *Aspekte der deutschen Syntax*. Tübingen: Narr.
- Grewendorf, G. (1989). Verb-Bewegung und Negation im Deutschen. *GAGL: Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik*, 30, 57-125.
- Grewendorf, G. (1987). Kohärenz und Restrikturierung. Zu verbalen Komplexen im Deutschen. In Asbach-Schnitker, B., & Johannes, R. (Eds.) *Neuere Forschungen zur Wortbildung und Historiographie der Linguistik* (pp. 123-144). Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Grewendorf, G., & Poletto, C. (2005). Von OV zu VO: ein Vergleich zwischen Zimbrisch und Plodarisch. *Diversitas Linguarum*, 9, 114-130.
- Grewendorf, G., & Poletto, C. (2011). Hidden verb second: the case of Cimbrian. In Putnam, M. (Ed.), *Studies in German-language islands* (pp. 301–346). Amsterdam: John Benjamins.
- Grosjean, F. (2008). *Studying bilinguals*. Oxford: Oxford University Press.
- Grosjean, F. (2010). *Bilingual*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Gürel, A. (2007). (Psycho)linguistic determinants of L1 attrition. In Köpcke, B., Schmid, M. S., Keijzer, M., & Dostert, S. (Eds.). *Language attrition: Theoretical perspectives* (pp. 99-120). Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Habermann, M., Diewald, G., & Thurmair, M. (2015). *Duden - Grundwissen Grammatik*. Berlin: Dudenverlag.
- Hickey, R. (2010). Language contact: Reconsideration and reassessment. In Hickey, R. (Ed.) *The handbook of language contact*, (pp. 1-28). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Höhle, T., & Schöne, A. (1986). Der Begriff ‚Mittelfeld‘: Anmerkungen über die Theorie der topologischen Felder. *Beiträge zur deutschen Grammatik* (pp. 279–294). Berlin: Language Science Press.
- Hopp, H., & Putnam, M. T. (2015). Syntactic restructuring in heritage grammars: Word order variation in Moundridge. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 5(2), 180–214.
- Hulk, A., & Müller, N. (2000). Bilingual first language acquisition at the interface between syntax and pragmatics. *Bilingualism: Language and Cognition*, 3(3), 227-244.

- Johnson, J. S., & Newport, E. L. (1989). Critical period effects in second language learning: The influence of maturational state on the acquisition of English as a second language. *Cognitive psychology*, 21(1), 60-99.
- Kato, M., S. Duarte, M.E., Cyrino, S., & Berlinck, R. (2006) Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In Cardoso, S., Mota, J. & Matto e Silva, R. V. (Eds.) *Quinhentos anos de história lingüística no Brasil* (pp. 413-438). Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia.
- Koch, W. (1974). *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Editora da UFRGS.
- Köpke, B. (2007). Language attrition at the crossroads of brain, mind, and society. In Köpke, B., Schmid, M. S., Keijzer, M., & Dostert, S. (Eds.). *Language attrition: Theoretical perspectives* (9-38). John Benjamins Publishing.
- Kreutz, L. (2006). Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*, 3(15), 159-176.
- Kroch, A. (2001). Syntactic Change. In Baltin, M., & Collins, C. (Eds.) *Handbook of Syntax* (pp. 1-41). Oxford: Blackwell.
- Kupisch, T., & Rothman, J. (2018). Terminology matters! Why difference is not incompleteness and how early child bilinguals are heritage speakers. *International Journal of Bilingualism*, 22(5), 564-582.
- Lenneberg, E. H. (1967). The biological foundations of language. *Hospital Practice*, 2(12), 59-67.
- Lightfoot, D. (1999). *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Haegeman, L; van Riemsdijk, H. (1986) 'Verb Projection Raising, Scope, and the Typology of Rules Affecting Verbs.' *Linguistic Inquiry*, 17, 417-466.
- Hartmann, K. (2016). PP-extraposition and nominal pitch in German. In Mayr, C., & Williams, E. (Hrs), *Festschrift für Martin Prinzhorn* (pp. 99-107). Wien: Wiener Linguistische Gazette.
- Lohndal, T. (2013). Generative grammar and language mixing. *Theoretical Linguistics*, 39(3-4), 215-224.
- Louden, M. (1988): *Bilingualism and syntactic change in Pennsylvania German*. (Tese de doutoramento, Cornell University).
- Louden, M. (2006). Pennsylvania German in the twenty-first century. In Berend, N., & Knipf-Komlosi, E. (Eds.), *Sprachinsel weltweit - The word of language islands* (pp. 89–107). Berlin: Peter Lang.
- Louden, M. (2011). Synchrony and diachrony of verb clusters in Pennsylvania Dutch. In Putnam, M. (Ed.), *Studies in German-language islands* (pp. 165–186). Amsterdam: John Benjamins.

- Mackey, W.F. (1962). The description of bilingualism. *Canadian Journal of Linguistics*, 7, 51-85.
- MacWhinney, B. (2012). The logic of the unified model. In Gass, S.M., & Mackey, A. (Eds.), *The Routledge handbook of second language acquisition* (pp. 211-227). New York: Routledge.
- Madeira, A. M. L. (2017). Aquisição de língua não materna. In Freitas, M.J., & Santos, A.L. (Eds.) *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*, (pp. 305-330). Berlin: Language Science Press.
- Maselko, M. (2013). *Das Tempus-Modus-System des Riograndenser Hunsrückischen*. (Tese de mestrado, Universität Wien).
- Mathieu, E. & Truswell, R. (2016). Syntactic theory and syntactic change. In Mathieu, E. & Truswell, R. (Eds), *Micro-change, Macro-change* (pp. 1-12). Oxford University Press.
- Meisel, J., Elsig, M., & Rinke, E. (2013). *Language acquisition and change: A morphosyntactic perspective*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Meisel, J. (2010). Age of onset in successive acquisition of bilingualism. In Kail, M., & Hickmann, M. (Eds.), *Language Acquisition across Linguistic and Cognitive Systems* (pp.225-247). Amsterdam: John Benjamins.
- Méndez, T. L., Rothman, J., & Slabakova, R. (2015). Discourse-sensitive clitic-doubled dislocations in heritage Spanish. *Lingua*, 155, 85-97.
- Möhring, A., & Meisel, J. M. (2003). The verb-object parameter in simultaneous and successive acquisition of bilingualism. In Muller, N. (Ed.), *(In)vulnerable domains in multilingualism* (pp. 295–334). Amsterdam: John Benjamins.
- Montrul, S. (2008). *Incomplete acquisition in bilingualism: Re-examining the age factor*. Amsterdam: John Benjamins.
- Montrul, S. (2016). *The acquisition of heritage languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Montrul, S., & Sánchez-Walker, N. (2013). Differential object marking in child and adult Spanish heritage speakers. *Language Acquisition*, 20(2), 109-132.
- Neto, H. B., & Bezzi, M. L. (2007). Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Revista Sociedade & Natureza*, 20(2), 135-155.
- Notley, A., van der Linden, E., & Hulk, A. (2007). Cross-linguistic influence in bilingual children: the case of dislocation. *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science series*. 291(4), 229-258.

- Pallier, C. (2007). Critical periods in language acquisition and language attrition. In Köpcke, B., Schmid, M. S., Keijzer, M., & Dostert, S. (Eds.), *Language attrition: Theoretical perspectives* (pp. 155-168). Amsterdam: John Benjamins.
- Paradis, M. (2004). *A neurolinguistic theory of bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins.
- Pilati, E. Sobre a ordem Verbo-Sujeito no português brasileiro: 30 anos em mirada crítica. *Revista Linguística*, 12(2), 183-205.
- Philippson, A., & Wallau, R. (2001). *Naqueles tempos...*. Santa Rosa: Coli Gráfica Editora Ltda.
- Polinsky, M. (2008). Gender under incomplete acquisition: Heritage speakers' knowledge of noun categorization. *Heritage Language Journal*, 6(1), 40-71.
- Polinsky, M. (2011). Reanalysis in adult heritage language: New evidence in support of attrition. *Studies in second language acquisition*, 33(2), 305-328.
- Proske, N. (2010). Abschlussbericht zur Vorstudie "Grammatik und Pragmatik des Nachfelds". Universität Potsdam.
- Pupp-Spinassé, K. (2017). A contribuição do português para a constituição lexical do Hunsrückisch em situação de contato linguístico. *Revista Linguística*, 13(3), 96-111.
- Putnam, M. T. (2011). Why study Sprachinseln from generative or structural perspectives?: Introductory remarks. In Putnam, M.T. (Ed.), *Studies on German-language islands* (pp. 1-12). Amsterdam: John Benjamins.
- Reis, M. (2013). „Weil-V2“-Sätze und (k) ein Ende? Anmerkungen zur Analyse von Antomo & Steinbach (2010). *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, 32(2), 221-262.
- Rinke, E. (2005). *Syntaktische Variation aus synchronischer und diachronischer Perspektive: die Entwicklung der Wortstellung im Portugiesischen*. Frankfurt: Vervuert.
- Rinke, E., & Flores, C. (2018). Another look at the interpretation of overt and null pronominal subjects in bilingual language acquisition: Heritage Portuguese in contact with German and Spanish. *Glossa: a journal of general linguistics*, 3(1), 1-24.
- Rizzi, L. (1986). Null objects in Italian and the theory of 'pro'. *Linguistic Inquiry*, 17(3), 501-558.
- Roberts, I., & Roussou, A. (2003). *Syntactic change: A minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Roche, J. (1969). *La colonisation allemande et le Rio Grande do Sul*. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo.
- Rothman, J. (2007). Heritage speaker competence differences, language change, and input type: Inflected infinitives in Heritage Brazilian Portuguese. *International Journal of Bilingualism*, 11(4), 359-389.

- Rothman, J. (2009). Understanding the nature and outcomes of early bilingualism: Romance languages as heritage languages. *International Journal of Bilingualism*, 13(2), 155-163.
- Salzmann, M. (2011). Resolving the movement paradox in Verb Projection Raising. In favor of base-generation and covert predicate raising. *Empirical issues in syntax and semantics*, 8, 453-485.
- Sambaquy-Wallner, V. (1997). *A língua alemã em São José do Hortêncio*, RS. Caxias do Sul: EDUCS.
- Sayahi, L. (2014). *Diglossia and language contact: Language variation and change in North Africa*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schallert, O. (2010). Als Deutsch noch nicht OV war: Althochdeutsch im Spannungsfeld zwischen OV und VO. In Braun, C., & Ziegler, A. (Eds.): *Historische Textgrammatik und historische Syntax des Deutschen* (pp. 365-394). Berlin/New York: de Gruyter.
- Schaumloeffel, M.A. (2003). *Estudo da Interferência do Português da Variedade Dialetoal Hunsrück Falada em Boa Vista do Herval*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná).
- Schauren, D. A. (2017). Hunsrück Heimat. In GenealogiaRS. (Ed.) *Famílias de Origem Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: EST Edições.
- Schmahl, H. (2019). *Auswanderung aus den Regionen des heutigen Rheinland-Pfalz*. Institut für Geschichtliche Landeskunde an der Universität Mainz.
- Schmid, M. S. (2002). First language attrition, use and maintenance: The case of German Jews in anglophone countries. Amsterdam: John Benjamins.
- Schmid, M.S. (2007). The role of L1 use for L1 attrition. In Köpke, B., Schmid, M. S., Keijzer, M., & Dostert, S. (Eds.). *Language attrition: Theoretical perspectives* (pp. 135-154). Amsterdam: John Benjamins.
- Schmid, M. S., & Köpke, B. (2017). The relevance of first language attrition to theories of bilingual development. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 7(6), 637-667.
- Schmid, T., & Vogel, R. (2004). Dialectal variation in German 3-verb clusters: A surface-oriented optimality theoretic account. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 7(3), 235-274.
- Schmitz, A., & Schmitz, M. (1999). *Histórico do município*. Santo Cristo: Secretaria da Educação.
- Schmitz, K., Patuto, M., & Müller, N. (2012). The null-subject parameter at the interface between syntax and pragmatics: Evidence from bilingual German-Italian, German-French and Italian-French children. *First Language*, 32(1-2), 205-238.
- Schwarz, C. (2004). *Die tun-periphrase im Deutschen*. (Tese de mestrado, Universität Freiburg).

Selting, M. (1999). Kontinuität und Wandel der Verbstellung von ahd. wanta bis gwd. weil: Zur historischen und vergleichenden Syntax der weil-Konstruktionen¹. *Zeitschrift für germanistische Linguistik*, 27(2), 167-204.

Serratrice, L.; Sorace, A.; Paoli, S. (2004). Crosslinguistic influence at the syntax-pragmatics interface: Subjects and objects in English-Italian bilingual and monolingual acquisition. *Bilingualism: Language and Cognition*, 7(2), 183–205.

Seyferth, G. (2010). Deutsche Einwanderung nach Brasilien. Brasilien heute. *Geographischer Raum, Politik, Wirtschaft, Kultur*, 739-756.

Slobin, D. I. (1979). *Psycholinguistics*. Glenview, Ill., Scott, Foreman and Co.

Sorace, A. (2004). Native language attrition and developmental instability at the syntax-discourse interface: Data, interpretations and methods. *Bilingualism: Language and Cognition*, 7, 143–145.

Sorace, A. (2011). Pinning down the notion of “interface” in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1, 1–33.

Sorace, A., Serratrice, L., Filiaci, F., & Baldo, M. (2009). Discourse conditions on subject pronoun realization: Testing the linguistic intuitions of older bilingual children. *Lingua*, 119, 460–47.

Steinkrauss, R., & Schmid, M. S. (2016). Entrenchment and language attrition. In Schmid, H.J. (Ed.), *Entrenchment and the Psychology of Language Learning. How we reorganize and adapt linguistic knowledge* (pp. 367-383). Washington, DC: Mouton de Gruyter.

Tomas, A. (2016). *Der am-Progressiv im Pennsylvaniadeutschen*. Grammatikalisierung in normfernen Varietäten. (Tese de doutorado, Ludwig-Maximilians-Universität).

Thomason, S. G., & Kaufman, T. (1988). *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Los Angeles: Univ of California Press.

Tsimpli, I., Sorace, A., Heycock, C., & Filiaci, F. (2004). First language attrition and syntactic subjects: A study of Greek and Italian near-native speakers of English. *International Journal of Bilingualism*, 8, 257-277.

Ullman, M. T. (2016). The declarative/procedural model: a neurobiological model of language learning, knowledge, and use. In *Neurobiology of language* (pp. 953-968). Academic Press.

Valdés, G. (2000). Heritage Language Students: profiles and possibilities. In Peyton, J.K., Ranard, D.A., & McGinnis (Eds.), *Heritage language instruction in the United States: A time for renewal*. Washington: Eric Publications.

Waichel, S.L. (1997). *A ordem dos constituintes no alemão*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina).

Weinrich, U. (1953). *Languages in contact. findings and problems*. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York.

Wiley, T.G. (2000). On defining Heritage Languages and their speakers. In Peyton, J.K., Ranard, D.A. & McGinnis (Eds), *Heritage language instruction in the United States: A time for renewal* (pp. 99-108). Washington: Eric Publications.

ANEXO I



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Conselho de Ética - Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CE.CSH 057/2018

Título do projeto: *Mudança sintática em uma ilha linguística sul-brasileira*

Investigador(a) Responsável: Claudia Raquel Wagner, Mestrado em Estudo Luso-Alemães, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho

Outros Investigadores: Cristina Maria Moreira Flores (Orientadora), Departamento de Estudos Germanísticos e Eslavos, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho

PARECER

O Conselho de Ética analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Mudança sintática em uma ilha linguística sul-brasileira*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, o Conselho de Ética nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável.

Braga, 13 de setembro de 2018.

A Presidente

Assinado por: **GRACIETTE TAVARES DIAS**
Num. de Identificação Civil: B071230157
Data: 2018.09.28 10:25:07 GMT Daylight Time



Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

UNIVERSIDADE DO MINHO

INVESTIGAÇÃO DE MESTRADO

Mudança sintática em uma ilha linguística alemã sul-brasileira

Mestranda: Claudia Raquel Wagner

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Maria Moreira Flores

Perguntas-gatilho traduzidas para a língua portuguesa

1. Qual é a data do seu nascimento?
2. Onde você viveu sua infância e onde reside atualmente?
3. Qual é a sua profissão? Descreva as principais atividades que você realiza.
4. Você sempre trabalhou nessa área?
5. Você é casado? Tem filhos?
6. Como você aprendeu português? E o dialeto hunsrückeano?
7. Onde você estudou? Descreva como onde e como foi esse período.
8. Descreva como foi a sua infância. O que mudou em comparação com a infância de hoje?
9. Vocês falavam o dialeto em casa? Com o marido/filhos? Com os amigos? No trabalho? Vocês ainda o falam no dia-a-dia?
10. As gerações mais novas ainda falam o dialeto?
11. Você acredita que o dialeto está a morrer?